



# XXXI SEMINÁRIO de EDUCAÇÃO

A Educação e Seus Atuais Labirintos:  
qual educação? Com e para quem?  
Com qual escola?

Apoio



ANAIS  
**XXXI**  
**SEMINÁRIO**  
**de EDUCAÇÃO**

A Educação e Seus Atuais Labirintos:  
qual educação? Com e para quem?  
Com qual escola?

*ARTIGOS COMPLETOS,  
RELATOS DE EXPERIÊNCIA,  
e RESUMOS DE POSTER*

v. 6

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)  
27 a 30 de novembro de 2023, Cuiabá-MT, Brasil

ISSN: 2447-8776





### Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

S471a

Seminário de Educação (31 : 2023 : Cuiabá, MT)

Anais do 31º Seminário de Educação (SemiEdu): a educação e seus atuais labirintos : qual educação? Com e para quem? Com qual escola? / Coordenação Geral: Ozerina Victor de Oliveira; Mirian Toshiko Sewo. – Cuiabá/MT : IE, 2023.

121 p. (v. 6)

ISSN 2447-8776.

Modo de acesso: <https://setec.ufmt.br/eventos/semiedu/anais-2023/>

1. Educação - Seminário. 2. Educação - Anais. 3. Educação - Pesquisa. I. Oliveira, Ozerina Victor de. II. Sewo, Mirian Toshiko. III. Título.

CDU: 37

### Ficha Técnica

#### *Identidade visual*

Edna Rodrigues Ricardo (Bakairi) e Marcelo Mendes

#### *Projeto gráfico e editoração eletrônica*

Téo de Miranda, Editora Sustentável



### Organização



### Apoio





**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**

Instituto de Educação  
Programa de Pós-graduação em Educação  
Curso de Graduação em Pedagogia - EaD

**COMISSÃO ORGANIZADORA**

Ozerina Victor de Oliveira (Coordenação Geral)

Mirian Toshiko Sewo (Coordenação Geral)

Abner Alves Borges Faria

Aline Serpa Elias

Amanda Barbara Oliveira Silva

Amanda Yasmim Cezarino

Ana Claudia Rubio

Andresa Fernanda Almeida de Oliveira

Anna Gabriella Santos Alves Correa

Cássia Fabiane dos Santos Souza

Claudemir Lourenção

Danielle Ester de Souza Leão

Danilo de Souza Alves

Dejenana Keila Oliviera Campos

Eluiza Cardoso de Amorim

Elisa de Arruda e Silva

Emerson José da Silva

Filomena Maria de Arruda Monteiro

Gabrielly de Souza Mendes

Geniana dos Santos

Glauce Viana de Souza

Heliete Castilho Moreno

Imar Domingos Queiroz

Izabelly Giovana de Oliveira souza

João Alexander da Costa Oliveira

Juliana Pena de Paula Santos

Kaique dos Santos

Kananda Schwerz Maia

Katia Morosov Alonso

Larissa Rangel de Souza

Michele Marta Moraes Castro

Otaviana Milli de Arruda

Raquel Paula de Lima

Rosana Paula da Silva Nascimento

Rute Cristina Domingos da Palma

Rosemery Celeste Petter

Sebastiana Almeida Souza

Simone Regina de Castro

Tânia Maria de Lima

Tereza Fernandes

Valeria Vitoria Gomes de Lima





#### COMITÊ CIENTÍFICO

Adelmo Carvalho da Silva – UFMT  
Alexandre Martins dos Anjos – UFMT  
Ana Lara Casagrande – UFMT  
Ana Luisa Alves Cordeiro – UFMT  
Barbara Cortella Pereira de Oliveira – UFMT  
Beleni Salte Grando – UFMT  
Candida Soares da Costa – UFMT  
Celeida Maria Costa de Souza – UCDB  
Cleo Ferreira Gomes – UFMT  
Cristiane Koehler – UFMT  
Daniela Barros da Silva Freire Andrade – UFMT  
Danilo Garcia da Silva – UFMT  
Edson Caetano – UFMT  
Elizabeth Figueiredo de Sá – UFMT  
Erika Virgilio Rodrigues da Cunha – UFR  
Evando Carlos Moreira – UFMT  
Filomena Maria de Arruda Monteiro – UFMT  
Geniana dos Santos – UFMT  
Gladys Denise Wielewski – UFMT  
Graciela da Silva Oliveira – UFMT  
Graziele Borges de Oliveira Pena – UFMT  
Hugo Heleno Camilo Costa – UERJ  
Irene Cristina de Mello – UFMT  
Isabel Maria Sabino de Farias – UECE  
Jacqueline Borges de Paula – UFMT  
Jose Licinio Backes – UCDB  
Katia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva – UNB  
Katia Morosov Alonso – UFMT  
Leonardo da Silveira Borne – UFMT  
Luciana Correia Lima de Faria Borges – UFMT  
Luiz Augusto Passos – UFMT  
Marcel Thiago Damasceno Ribeiro – UFMT  
Marcia Betania de Oliveira – UERN  
Maria Aparecida Rezende – UFMT  
Marijane Silveira da Silva – UFMT  
Mariuce Campos de Moraes – UFMT  
Marta Maria Pontin Darsie – UFMT  
Nilce Vieira Campos Ferreira – UFMT  
Ozerina Victor de Oliveira – UFMT  
Rosemar Eurico Coenga – UNIC  
Rosemary dos Santos – UERJ  
Rafael Honorato – UEPB  
Rute Cristina Domingos da Palma – UFMT  
Ruth Pavan – UCDB  
Sergio Pereira dos Santos – UFMT  
Suely Dulce de Castilho – UFMT  
Sueli Fanizzi – UFMT  
Tereza Fernandes – UFMT  
Valeska Maria Fortes de Oliveira – UFSM



# SEMIEDU 2023

## GT6

### EDUCAÇÃO AMBIENTAL, COMUNICAÇÃO E ARTE

Coordenadores/as:

Giseli Dalla-Nora;

Elni Willms; Thiago Luiz;

Debora Erileia Pedrotti Mansilla;

Cássia Fabiane dos Santos Souza;

Giselly Rodrigues das Neves Silva Gomes;

Herman Hudson de Oliveira;

Tatiani do Carmo Nardi



## SUMÁRIO

### *ARTIGOS COMPLETOS*

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E COLAPSO CLIMÁTICO: OS CAMINHOS DE UM GRUPO PESQUISADOR .....	10
--	----

Jakeline Modesta Almeida Fachin

Thiago Cury Luiz

A TRILHA INTERPRETATIVA COMO METODOLOGIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA ESCOLA DO CAMPO EMCUIABÁ/MT.....	21
---	----

Edilaine C. da S. Almeida<sup>1</sup>

Maria Auxiliadora de Almeida Arruda

Marcelo Franco Leão<sup>3</sup>

AS AFINIDADES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE ÉLISÉE RECLUS (1830-1905) COM O CONCEITO DE EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA .....	35
---	----

Carlos Henrique Amorim da Silva

SER HUMANO EDUCAÇÃO E NATUREZA: AS MULTIFUNCIONALIDADES DO MEIO AMBIENTE .....	44
---	----

Queila da Silva Rufatto Monteiro

Nelbi Alves da Cruz

SER HUMANO EDUCAÇÃO E NATUREZA: AS MULTIFUNCIONALIDADES DO MEIO AMBIENTE .....	55
---	----

Queila da Silva Rufatto Monteiro

Nelbi Alves da Cruz

### *RELATOS DE EXPERIÊNCIA*

EDUCOMUNICAÇÃO AMBIENTAL NO QUILOMBO: CRISES E RESISTÊNCIAS EM MATA CAVALO .....	67
---	----

Emanuelle Caroline Candido da Costa

Sara Espírito Santo de Paula

Thiago Cury Luiz

ARBORIZAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR COMO FERRAMENTA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL .....	75
--	----

Edinalda Milioranza Gomes

UMA EXPERIÊNCIA DE SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL NO COMPONENTE CURRICULAR “PROJETO DE VIDA” .....	82
---	----

Thamiris Silva Nélío

Gregório Cerqueira Schettino

OFICINA DE MANDALAS: FENOMENOLOGIA, ARTETERAPIA E ESPERANÇAS DE UM NOVO AMANHECER .....91

Cristiane Carolina de Almeida Soares

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA CRIAÇÃO DE CAPACIDADES PARA O MANEJO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS .....101

Vanusa Mariano Santiago Schiavinato

Sandro Benedito Sguarezi

Carlos Alberto Cioce Sampaio

Alfredo Zenem Domínguez González

A AGROECOLOGIA E A EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO NO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO SOCIOECONÔMICA DE ALUNAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA – ASSOCIAÇÃO DE MULHERES EMPREENDEDORAS RURAIS DE JANGADA – AMERJA..... 111

José Carlos Marinho da Silva

*RESUMOS DE POSTER*

IMPORTÂNCIA DA SENSIBILIZAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA INTEGRAL CLEINIA ROSALINA USANDO A HORTA ESCOLAR COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO..... 118

Leslye Evangelina da Fonseca Pinto

Janete Santos Araújo

Valdilene Chagas Barbosa

EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA: CATADORAS/ES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS COMO SUJEITOS DA COLETA SELETIVA NO ÂMBITO DO CONSÓRCIO COMPLEXO NASCENTES DO PANTANAL..... 119

Welliton Santana Silva

Douglas Alexandre de Campos Castrillon Junior

Sandro Benedito Sguarezi

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PROGRAMA CÁCERES RECICLA: BREVES CONSIDERAÇÕES .....120

Erika Patrícia Lacerda Dias Souza (UNEMAT)

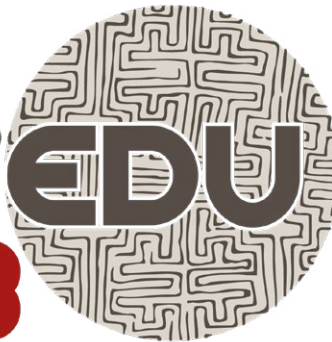
Sandro Benedito Sguarezi (UNEMAT)

Silvano Carmo de Souza (IFMT)





**semiEDU**  
**2023**



**GT6**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL,  
COMUNICAÇÃO E ARTE**

*ARTIGOS COMPLETOS*





## EDUCAÇÃO AMBIENTAL E COLAPSO CLIMÁTICO: OS CAMINHOS DE UM GRUPO PESQUISADOR

Jakeline Modesta Almeida Fachin  
(SEDUC/MT) – jake.fachin@gmail.com

Thiago Cury Luiz  
(UFMT) – thiago.luiz@ufmt.br

GT 6: Educação Ambiental, Comunicação e Arte  
**Artigo Completo**

### **Resumo:**

A crise climática causadas pela ação antrópica é uma grande ameaça à todas as formas de vida. Sentida com mais intensidade nas últimas décadas, intensificam as mudanças nos regimes do clima provocando secas prolongadas, tempestades, cheias atípicas, tsunamis, terremotos, aumento na proliferação de doenças, entre outros desastres. Nesse contexto, o debate ambiental e climático é um dos assuntos mais urgentes a serem debatidos e a Educação Ambiental tem um papel importante para o fortalecimento desse enfrentamento. Assim, por meio de uma interpretação investigativa fenomenológica realizada em sites, jornais e artigos científicos, buscamos entender como a Educação Ambiental pode auxiliar nesse processo e quais são os caminhos encontrados pelo grupo pesquisador em educação ambiental, comunicação e arte para fazer educação ambiental no Brasil.

**Palavras-chave:** Colapso climático. Educação ambiental. GPEA.

### **1 Introdução**

As notícias mais veiculadas neste ano, tem sido sobre os eventos climáticos extremos que tem atingido milhares de pessoas no Brasil e no mundo, consequência do colapso em curso no planeta, fruto de uma relação secular de exploração da natureza. Desde a revolução industrial que o ser humano tem provocado modificações profundas no ambiente natural, visando atender as necessidades produzidas por um sistema desenvolvimentista que tem como fio condutor o crescimento econômico baseado no consumo inconsciente, mote do capitalismo global.

Gilding (2014), considera que para a maioria das pessoas, o progresso na vida é mensurado pelo crescimento econômico, e isto está atrelado à dimensão de segurança emocional e autoestima, tão explorados na indústria e comércio. Para este autor, “O crescimento está no núcleo da sociedade que construímos, pois é o resultado de quem somos e do que decidimos valorizar” (Gilding, 2014, p. 80). Para Sato (2021, p. 11), para lidar com este apetite monstruoso de poder e do mercado insaciável, foi construído o



pensamento de segregação entre ser humano e natureza, o que colocou o ser humano no centro planeta e permitiu a destruição massiva em nome da ordem e do progresso.

Nessa sociedade do consumo, os donos do poder têm se mostrado dispostos a exceder os limites planetários, travando uma guerra contra a natureza e contra a humanidade. Um dos resultados é o crescimento de uma população cada vez mais desigual, produzindo poucos bilionários e muitos que não tem o básico para atender suas necessidades.

Nesse contexto, o debate ambiental e climático é um dos assuntos mais urgentes a ser debatido na atualidade e a Educação Ambiental (EA) tem um papel relevante de fortalecimento desse debate nas escolas, instituições, organizações, junto aos povos tradicionais, comunidade e outros.

Frente a esse grave problema socioambiental que vivemos, a EA se insere no diálogo com políticas que estão vinculadas às causas, ocorrências e efeitos do colapso ambiental e climático e assim, produz informação, mobilização e procura criar estratégias para a participação da sociedade no enfrentamento desse fenômeno, buscando assim, alternativas viáveis para a construção de sociedades sustentáveis (Tamaio, 2013).

Nesse viés, entender como a Educação Ambiental (EA) pode auxiliar para o fortalecimento do debate sobre o colapso climático é nosso objetivo. Para isso, realizamos uma interpretação investigativa ancorada na incompletude fenomenológica compreendendo que a interpretação não é fechada e conclusiva, mas se projeta numa espiral de possibilidades (Sato, 2011).

## **2 Um olhar sobre o colapso climático**

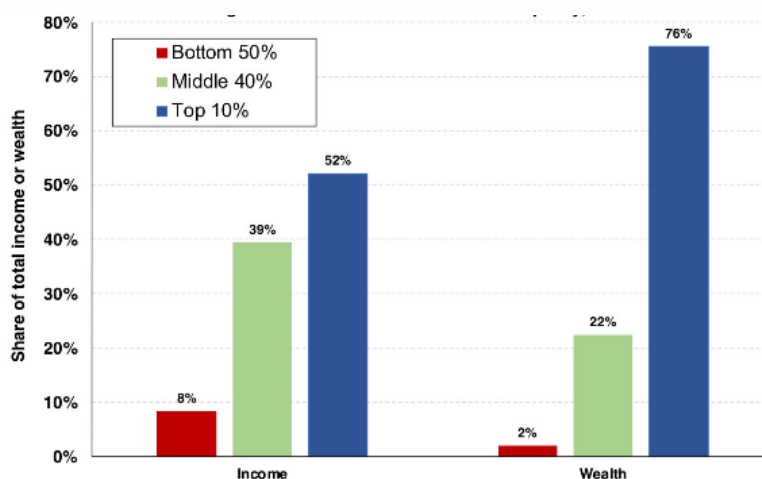
O ‘vício em crescimento’ (Gilding, 2014) a qualquer custo tem exposto o planeta a consequências graves e ameaçado a sobrevivência de todas as formas de vida. Esse estilo de vida construído por uma relação separatista e de subordinação que inferioriza o ambiente natural e o coloca a serviço das necessidades de consumo impostas pelo sistema vigente, consolidado na modernidade, onde se vê a natureza como um recurso a ser explorado, levou as sociedades a produzirem a sua existência “tendo por base tanto as relações sociais que lhes são específicas como os modos de apropriação do mundo material que lhes correspondem” (Acserald, 2004. p.14).

Esse modo de organização social tem produzido desigualdades cada vez mais profundas onde a lacuna financeira tem se tornado um abismo intransponível. Um estudo publicado na revista PLOS Climate, revelou que os 10% mais ricos dos EUA são

responsáveis por 40% da poluição causada pelo ser humano que agrava o aquecimento global e, 1% das famílias mais ricas podem contribuir com até 17% da poluição emitida (Paddison, 2023)<sup>1</sup>. Esses índices alarmantes demonstram que a responsabilidade pelo colapso que vivemos não recai de maneira igual a todos/as, porém a distribuição dos danos é sentida com mais intensidade por aqueles que menos poluem. Sato (2021, p. 13) afirma que, “os mais ricos são os maiores emissores de Gases de Efeito Estufa (GEE), mas as consequências mais dramáticas atingem aqueles economicamente desamparados”.

O Relatório Mundial sobre as Desigualdades (2022), mostrou que, 10% mais ricos da população global controlam 76% da riqueza do planeta e respondem por 52% da renda global, enquanto 50% dos mais pobres, possuem apenas 2% e ganham 8% da renda (Figura 1)<sup>2</sup>. Na América Latina, os dados são bem próximos, sendo que, os 10% mais ricos controlam com 77% da riqueza, enquanto 50% da população possui apenas 1% (Luhby, 2021).<sup>3</sup>

**FIGURA 1 – Renda global e desigualdade de riqueza**



**Interpretação:** Os 50% mais pobres possuem 8% da renda total medida pela Paridade do Poder de Compra (PPC). Os 10% mais ricos possuem 76% do total da riqueza doméstica e capturam 52% da renda total em 2021. Observe que os maiores detentores de riqueza não são necessariamente os maiores detentores de renda. Os rendimentos são medidos após a operação dos sistemas de pensões e de desemprego e antes dos impostos e transferências. Fonte: [wir2022.wid.world/methodology](http://wir2022.wid.world/methodology).

<sup>1</sup> Informação retirada do canal da CNN Brasil. Disponível em [10% mais ricos dos EUA são responsáveis por 40% da poluição que aquece o planeta, diz relatório | CNN Brasil](#)

<sup>2</sup> Informação retirada do Jornal OutrasPalavras. Disponível em [O novo mapa da desigualdade global - Outras Palavras](#)

<sup>3</sup> Informação retirada do canal da CNN Brasil. Disponível em [10% mais ricos controlam 76% da riqueza global; 50% mais pobres ficam com 2% | CNN Brasil](#)

Esse modelo de concentração de riqueza nas mãos de poucos enquanto milhares não tem o atendimento de suas necessidades básicas atendidas, estão levando o planeta a um colapso irreversível. Para Sato, et.al

“o hiperconsumismo não é ecologicamente sustentável e deve possuir teto máximo permitido. Mas igualmente, a privação e a fome são socialmente insustentáveis e devem ter um nível socialmente digno que possibilite diminuir as desigualdades do espaço ambiental” (2005, p. 104).

Para manter o luxo e o consumo de uma pequena porcentagem da população, o planeta tem sido devastado e a vida do restante das pessoas e das outras espécies tem sido colocada em risco. A exemplo disso, um estudo realizado pela ONG Transport & Environment demonstrou que durante a pandemia de Covid-19, houve um aumento no tráfego de jatos particulares, sendo que, esse é o meio de transporte mais poluente do mundo. Eles emitem em média dez vezes mais CO<sub>2</sub> por passageiro e por quilometro voado, do que um avião comercial (Langer, 2021)<sup>4</sup>. Essa realidade retrata a descompromisso dos mais ricos com o cenário de degradação ambiental, ou seja, “os ricos, que proporcionalmente mais contribuem para a destruição do planeta, são também aqueles que tem mais meios para se proteger dela” (Langer, 2021).

Essa situação de injustiça ambiental, entendida como o mecanismo em que as sociedades desiguais destinam a maior carga dos danos sociais, econômicos e ambientais a parcela da sociedade mais vulnerável, atinge de maneira predatória a maior parcela da população e produz cada vez mais desigualdades (Leroy, 2009). A desigualdade social e de poder está na raiz da degradação ambiental, assim, quando os benefícios de uso do meio ambiente estão concentrados em poucas mãos, os custos ambientais são transferidos para os mais fracos (Acserald, 2009).

Os impactos do colapso climático têm se intensificado e a população tem sentido cada vez os efeitos das mudanças provocadas no ambiente natural ao longo dos séculos. Nesse cenário, o ano de 2023 foi registrado como o mais quente dos últimos tempos, deixando vítimas em todas as partes do planeta. O Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) apontou que o inverno de 2023 foi o mais quente desde 1961. O Brasil, foi impactado com temperaturas máximas que ultrapassaram 40°C. A Organização Meteorológica Mundial registrou que agosto de 2023 teve um aumento médio na

---

<sup>4</sup> A reportagem é de Antoine de Ravnigan, publicada por Alternatives Économiques, 18-06-2021. A tradução é de André Langer e publicada no Instituto Humanitas Unisinos em 25-06-2021. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/610498-jatos-particulares-os-super-ricos-sao-superpoluidores>

temperatura mundial de cerca de 1,5°C mais quente do que a média pré-industrial, agravado por incêndios florestais, os impactos são imensuráveis para a qualidade do ar, saúde e meio ambiente (Nações Unidas Brasil, 2023).

As águas do Oceano Atlântico Norte e do Mar Mediterrâneo também foram impactadas com o aumento de temperatura. O calor gerado pelas mudanças climáticas causada pela atividade humana, foi armazenado no oceano elevando a temperaturas recordes, o que afeta diretamente o ecossistema marinho e coloca em risco a biodiversidade existente nesses ambientes (Kaminski, 2023).<sup>5</sup>

No Brasil, os impactos desse colapso têm atingido de formas diferentes as regiões do país. A seca extrema afetou severamente a região da Amazônia que teve o volume de chuva reduzido, impactando na quantidade de água dos rios. Essa situação provocou a morte de mais de cem botos e tucuxis (espécie de golfinhos de água doce) na região do Lago de Tefé, no Amazonas, em um período de dez dias. Os indícios mostram que o calor e a seca histórica dos rios são os principais causadores, além do fato de que, com as águas dos rios muito baixas, alguns animais estão sendo feridos pelas embarcações. A estiagem também afeta moradores, ribeirinhos e comunidades que estão com dificuldade de acesso a comida e água potável (Agência Brasil, 2023).

Já a região sul, foi assolada no mês de setembro por um dos maiores desastres naturais ocorridos nos últimos 40 anos. A passagem de um ciclone extratropical provocou fortes chuva na região, deixando mortos, feridos e desabrigados de sete cidades do estado do Rio Grande do Sul. Chuvas fortes, enchentes, deslizamentos, o que deixou milhares de pessoas desabrigadas, além de mortos e feridos (Gramchi, 2023).

Os desastres climáticos têm promovido mudanças e transformações no modo de vida da população, deixando vítimas e aumentando drasticamente o número de refugiados. Situação que revela o cenário caótico e desolador pelo qual estamos enfrentando e ainda enfrentaremos.

Há muito que os cientistas vêm alertando para as consequências devastadoras produzidas pela relação exploratória do ser humano com a natureza e se, as ações adotadas em busca de mitigar toda essa destruição não forem drásticas e imediatas, os impactos poderão ser ainda piores.

---

<sup>5</sup> Informação retirada do site da BBC News Brasil. Disponível em [A onda de calor no mar que preocupa cientistas - BBC News Brasil](#)

### 3 Os desafios da educação ambiental e as perspectivas de um grupo pesquisador

Esse cenário revela a necessidade de fortalecer o debate socioambiental e climático em todas as esferas educativas, principalmente nas instituições escolares. A EA, por muito tempo foi trabalhada por educadores/as por meio de práticas que responsabilizam o indivíduo sem ressaltar os aspectos “antropocêntrico, cartesiano, individualista, consumista, concentrador de riqueza que gera destruição em sua relação de dominação e exploração” (Guimarães, 2006, p. 88). Na certeza de que as intenções são as melhores, mas que não alcançam a compreensão da complexidade das relações, nos inscrevemos numa EA que não é neutra e sim politicamente comprometida; que busca desvelar os problemas socioambientais, respeitar culturas e saberes e estabelecer relações num movimento coletivo para construção de sociedades sustentáveis.

Luiz (2019), apresenta a concepção de educação ambiental como um dos ramos das ciências voltadas para as questões ambientais, que atua não só na esfera física, mas também na humana, e busca identificar as causas dos infortúnios e, revelar as táticas de enfrentamento diante dos desafios. Para Sato (2001, 2005), a EA deve se configurar como uma luta política, revelar as disputas existentes na sociedade, nos territórios, precisa estar atenta a realidade, estar posicionada criticamente aos modelos da sociedade industrial, que seja transgressora e propicie a participação social na construção da sustentabilidade,

Os desafios são imensos quando consideramos o cenário de destruição e de apagamento das políticas voltadas para o fortalecimento do debate ambiental nas instituições escolares. Para Passos e Sato (2005), as concepções de EA são carregadas de procedimentos, decisões, atitudes, concepções e interpretações, e exercida por controles, forças e poderes. Nesse sentido, é preciso compromisso político e ético para construir uma educação que “não seja neutra diante dos fatos sociais que perpetuam a injustiça e a exploração desenfreada da natureza” (p. 226).

Para isso, ainda é preciso superar o uso de práticas educativas centradas somente no indivíduo, reguladas pelo padrão tradicional de educação. O comprometimento individual é importante quando associado e ao compromisso e compreensão das estruturas de poder que nos aprisionam e que mantém privilégios sociais e a dinâmica econômica (Guimarães, 2006). Assim, não é possível realizar um debate ambiental que se omita a problematizar o modelo desenvolvimentista de sociedade ao qual estamos inseridos. Para além de ações individuais, é preciso fortalecer os processos que visem a justiça socioambiental. Sorrentino, et. al., ressalta que:

A educação ambiental nasce como um processo educativo que conduz a um saber ambiental materializado nos valores éticos e nas regras políticas de convívio social e de mercado, que implica a questão distributiva entre benefícios e prejuízos da apropriação e do uso da natureza. Ela deve, portanto, ser direcionada para a cidadania ativa considerando seu sentido de pertencimento e co-responsabilidade que, por meio da ação coletiva e organizada, busca a compreensão e a superação das causas estruturais e conjunturais dos problemas ambientais. (Sorrentino et al, 2005, p. 4-5).

Nesse espectro, é preciso resgatar a relação entre degradação ambiental e injustiça social, reivindicando a consciência de que toda miséria humana está relacionada com os impactos ambientais (Sato; Passos, 2006). O debate com a justiça ambiental requer compreender que “a prosperidade de uns não provenha da expropriação dos demais” (Acserald, 2009, p. 77).

Em busca de estabelecer esse debate com um grande espectro da sociedade e envolvendo a participação de vários segmentos, e dar visibilidade às culturas silenciadas, o grupo pesquisador em educação ambiental, comunicação e arte (GPEA), vinculado ao Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (IE/UFMT), vem desenvolvendo pesquisas que englobem a educação ambiental em seus aspectos políticos, éticos, estéticos, sociais e ambientais, reconhecendo a necessidade de ampliar o diálogo com os diversos saberes, tecendo conversas multirreferenciais (Sato; Senra, 2009).

O GPEA busca contribuir na formação de educadores ambientais que atuem tanto no campo epistemológico, mas que também se arrisquem na dimensão praxiológica, aliando pesquisa com militância, enraizados em valores políticos numa constituição axiomática (Sato, 2011). Realizando pesquisas que não privilegie somente a racionalidade, mas acolha os sentimentos e afetividade, o GPEA vem tecendo uma rede de CONFETOS (conceitos e afetos), privilegiando a produção de saberes por meio da criação ilimitada, essencial para o fortalecimento e construção de táticas de resistência (Sato; Senra, 2009). As pesquisas realizadas no GPEA, aliada à militância, nos provoca a uma outra leitura de mundo, outra sociedade vislumbrando possibilidades e utopias (Dalla-Nora, 2018).

Este grupo vem desenvolvendo pesquisas com compromisso social e ambiental, político, ético e epistemológico em busca de “construir políticas públicas que favoreçam o bem-viver de povos e grupos, principalmente os que vivem em situação de vulnerabilidade”. Desde 2014 que o GPEA, juntamente com a rede Rede Internacional de Pesquisadores em Educação Ambiental e Justiça Climática (REAJA), tem se dedicado a pesquisas sobre a crise climática, envolvendo Pessoas com Deficiências (PcD),

Realização



quilombolas, indígenas, mulheres negras, crianças, professore/as, adolescentes, LGBTQ+, pescadores, mariscadoras, redeiras, pequenos agricultores e diversos migrantes, entre outros grupos relacionados ao contexto de justiça climática.<sup>6</sup>

Assim, o grupo assume o compromisso com uma EA que auxilia na construção de políticas públicas que promovam um enfrentamento contra o colapso climático. Para isso, tem realizado pesquisas com comunidades, buscando conhecer como seu modo de vida, cultura e existência tem sido impactados/as pelas mudanças ambientais e climáticas e assim, auxiliar no processo de construção de táticas de resistência (Sato, 2016). Nas escolas, o clima é trabalhado por meio de projetos realizados priorizando o diálogo entre escola e seu entorno (Sato, 2021).

## **8 Considerações transitórias**

Diante de um cenário de colapso climático ao qual nos encontramos, em que pesquisas mostram que a tendência de melhora está cada vez mais distante, é cada vez mais urgente travar diálogos, reflexões e construir redes que pensem sobre a questão ambiental e climática.

Nosso futuro e de todas as espécies de vida está ameaçado pela capacidade destruidora e transformadora da natureza que tem o ser humano. Para Paul Crutzen (2002), chama esse tempo geológico transformado pela atividade humana marcado pela destruição ambiental, de antropoceno, que tem sua gênese a partir da revolução industrial. Importante ressaltar sobre a necessidade de enfatizar que não somos igualmente responsáveis pelo aniquilamento socioambiental, assim como, as pessoas mais afetadas são aqueles/as em situação de vulnerabilidade (Sato, 2021).

Nesse viés, a educação ambiental pode contribuir com alternativas populares que visem o cuidado ético com o planeta Terra (Sato, 2021). Longe de propor um discurso salvacionista, a intenção é despertar para a luta coletiva, para o engajamento ético, científico e político necessários para o enfrentamento da construção de políticas públicas que assegurem uma existência socialmente justa e ambientalmente sustentável (Sato; Passos, 2006).

A pesquisas realizadas pelo GPEA tem contribuído para o fortalecimento da luta pela construção de uma sociedade que compreenda o contexto e priorize a

---

<sup>6</sup> Informação retirada do blog do GPEA: <http://gpeaufmt.blogspot.com.br>

sustentabilidade, necessária para a sobrevivência de todas as formas de vida. Através de suas pesquisas e redes com instituições e países, tem entrelaçado saberes e fortalecido o diálogo com comunidades e povos tradicionais, num movimento de denunciar a tragédias e anunciar os processos de resistência.

## Referências

ACSERALD, Henri; MELLO, Cecília Campello do Amaral; BEZERRA, Gustavo das Neves. **O Que é Justiça Ambiental**. Garamond, Rio de Janeiro, 2009.

AGÊNCIA BRASIL DE NOTÍCIAS BRASILEIRA, PÚBLICA E DE ACESSO LIVRE, GERIDA PELA EMPRESA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO (EBC). Alckimin e ministros vão a Manaus discutir medidas contra seca extrema. **Carta Capital**. 04/10/2023. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/alckimin-e-ministros-vaao-a-manaus-discutir-medidas-contraseca-extrema/> Acesso em 04/10/2023.

CRESWELL, J. W. *Qualitative inquiry and research design: choosing among five traditions*. Thousand Oaks: Sage Publication, 1987, 403p.

DALLA-NORA, Giseli. **A água e a cartografia do imaginário nos climas de três territórios geográficos**. 180f. Tese (Doutorado em Educação) – Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá: 2018.

GILDING, Paul. **A grande Ruptura**: como a crise climática vai acabar com o consumo e criar um novo mundo. 1. Ed. Rio de Janeiro. Apicuri, 2014.

GRAMCHI, Giulia. Os efeitos do ciclone extratropical que avança pelo sul do Brasil. **BBC News Brasil**. Publicado em 16 de junho de 2023. Disponível em [Ciclone extratropical: o que é o fenômeno que causa chuvas e ventania em parte do Brasil - BBC News Brasil](#) Acesso em 02/10/2023.

GUIMARÃES, Mauro. Abordagem relacional como forma de ação. In: GUIMARÃES, MAURO [Org]. **Caminhos da Educação Ambiental**: da forma a ação. Campinas. SP. Papirus, 2006.

INMET. Instituto Nacional de Meteorologia . **Ministério da Agricultura e Pecuária. Inverno de 2023 foi um dos mais quentes desde 1961**. Publicado em 22/09/2023. Disponível em [https://portal.inmet.gov.br/noticias/inverno-de-2023-foi-um-dos-mais-quentes-desde961#:~:text=As%20temperaturas%20m%C3%A1ximas%20ultrapassaram%2040,\(figura%20a%20e%20b\)](https://portal.inmet.gov.br/noticias/inverno-de-2023-foi-um-dos-mais-quentes-desde961#:~:text=As%20temperaturas%20m%C3%A1ximas%20ultrapassaram%2040,(figura%20a%20e%20b)). Acesso em 02/10/2023.

KAMINSKI, Isabella. A onda de calor no mar que preocupa cientistas. **BBC New Brasil**. Publicado em 23 de julho de 2023. Disponível em [A onda de calor no mar que preocupa cientistas - BBC News Brasil](#) Acesso em 03/10/2023.

LANGER, André. Jatos Particulares: os super-ricos são super poluidores. **Instituto Humanitas Unisinos**. Publicado em 25 de junho de 2021. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/610498-jatos-particulares-os-super-ricos-sao-superpoluidores> Acesso em 01/10/2023.

LEROY, Jean P. **Justiça climática, um direito humano negado**. 2009. Disponível em: [http://www.ibase.br/userimages/DV43\\_artigo1.pdf](http://www.ibase.br/userimages/DV43_artigo1.pdf). Acesso em 28/02/2021.

LUHBY, Tami. 10% mais ricos controlam 76% da riqueza global; 50% mais pobres ficam com 2%. **CNN Brasil**. 07/12/2021. Disponível em [10% mais ricos controlam 76% da riqueza global; 50% mais pobres ficam com 2% | CNN Brasil](#) Acesso em 28/09/2023.

LUIZ, Thiago C. **Fenomenologia transmidiática: cartografando o clima em Mata Cavalu**. Cuiabá-MT. 222 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. UFMT, 2019.

MEIRA, Pablo; SATO, Michèle. Só os peixes mortos não conseguem nadar contra a correnteza. **Revista de Educação Pública**, v.14, n. 25, 2005.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Eventos climáticos extremos mostram necessidade de mais ações em 2023. Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/213450-eventos-clim%C3%A1ticos-extremos-mostram-necessidade-de-mais-a%C3%A7%C3%B5es-em-2023> Acesso em 01/10/2023.

PADDISON, Laura. 10% mais ricos dos EUA são responsáveis por 40% da poluição que aquece o planeta, diz relatório. **CNN Brasil**. Publicado em 20/08/2023. Disponível em [10% mais ricos dos EUA são responsáveis por 40% da poluição que aquece o planeta, diz relatório | CNN Brasil](#) Acesso em 01/10/2023.

PASSOS, Luiz Augusto; SATO, Michèle. De asas de jacarés e rabos de borboletas à construção fenomenológica de uma canoa. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel Cristina Moura [org]. **Educação ambiental: pesquisas e desafios**. Porto Alegre. Artmed, 2005.

RELATÓRIO MUNDIAL SOBRE AS DESIGUALDADES PARA 2022. Resumo executivo. Traduzido por Outras Palavras. Tradução: Victor Costa. In: O novo mapa da desigualdade global. **Outras Palavras**. Publicado em 07/12/2021. Disponível em [O novo mapa da desigualdade global - Outras Palavras](#) Acesso em 01/10/2023.

SATO, Michèle. Apaixonadamente Pesquisadora em Educação Ambiental. **Educação: Teoria e Prática** - vol. 9, nº 16, jan.-jun.-2001 e nº 17, jul-dez - 2001, p. 24-35.

\_\_\_\_\_. Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa. In: ABÍLIO, F. (Org.) **Educação Ambiental para o Semiárido**. João Pessoa: EdUFPB, p. 539-569, 2011.

\_\_\_\_\_. **Rede Internacional de Pesquisadores em Justiça Climática e Educação Ambiental**. Arquivo: Word, 2016. 27p.

\_\_\_\_\_. Aurora e Crepúsculo do capitaloceno. In: SATO, Michèle; NORA, Giseli Dalla (Orgs.) **Turbilhão de Ventanias e Farrapos, entre Brisas e esperanças**. 1ª ed. Cuiabá-MT: Ed. Sustentável, 2021.

\_\_\_\_\_; GAUTHIER, J. Z. PARAGIPE, L. Insurgência do grupo pesquisador na educação ambiental sociopoética. In: SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. e col. **Educação Ambiental: pesquisas e desafios**. Porto Alegre: ARTMED, 2005. P 101-119.

\_\_\_\_\_; PASSOS, Luiz Augusto. Pelo prazer fenomenológico de um não texto. In: GUIMARÃES, Mauro (Org.). **Caminhos da Educação Ambiental: Da forma à ação**. Campinas, SP. Papyrus. 2006.

\_\_\_\_\_; SENRA, Ronaldo. Estrelas e constelações: aprendizes de um grupo pesquisador. **Ambiente & Educação**. Vol 14(2). 2009. 139-145 p.

SORRENTINO, Marcos; et al. Educação ambiental como política pública. In **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.31, n.2, mai/ago 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a10v31n2.pdf>. Acesso em 21 de janeiro de 2022.

TAMAIIO, Irineu. Educação Ambiental e Mudanças Climáticas: diálogo necessário em um mundo em transição. **Ministério do Meio Ambiente**. Série educativa. Brasília/ DF. 2013.



## A TRILHA INTERPRETATIVA COMO METODOLOGIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA ESCOLA DO CAMPO EMCUIABÁ/MT

Edilaine C. da S. Almeida<sup>1</sup>

(EMEBC Penha de França) – [edilaine.agronoma@gmail.com](mailto:edilaine.agronoma@gmail.com)

Maria Auxiliadora de Almeida Arruda<sup>2</sup>

(PPGEN- IFMT) - [maria.auxiliadora@ifmt.edu.br](mailto:maria.auxiliadora@ifmt.edu.br)

Marcelo Franco Leão<sup>3</sup>

(PPGEN-IFMT) -[marcelo.leao@ifmt.edu.br](mailto:marcelo.leao@ifmt.edu.br)

GT 6: Educação Ambiental, Comunicação e Arte

**Artigo Completo**

### Resumo:

A Educação Ambiental (EA) em uma perspectiva crítica é contextual e se preocupa com a melhoria da relação humana com a natureza. Assim, esta pesquisa busca responder algumas indagações que moveram esta pesquisa, por exemplo, uma (EA) que tenha identidade com a Educação do Campo, que considere os sujeitos envolvidos, que esteja integrada com a complexidade do campo. Então, em que medida a trilha interpretativa contribui para a EA em uma escola do campo? Constituindo assim um desafio de pesquisa, de ação e reflexão. O objetivo é analisar a percepção ambiental a partir de trilhas interpretativas na Escola Municipal de Educação Básica Nossa Senhora da Penha de França. O desenvolvimento deu-se nos anos de 2022 a 2023. A metodologia utilizada é de abordagem qualitativa, na perspectiva de uma pesquisa participante. O referencial teórico prioriza a compreensão da EA crítica, da Educação do Campo, da utilização das trilhas interpretativas e da percepção ambiental. Os resultados indicam que a maior sensibilização do ser humano acontece quando ele é tocado no seu íntimo, quando ele conhece os lugares, as pessoas, as paisagens, as belezas locais que precisam ser preservadas, a importância que cada ser tem nesse ecossistema complexo.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental Crítica. Educação do Campo. Trilha interpretativa.

### 1 Introdução

Na presente pesquisa, intitulada “A trilha interpretativa como metodologia de Educação Ambiental em uma Escola do Campo de Cuiabá/MT”, discutimos a Educação Ambiental (EA) com o uso das trilhas interpretativas na Escola Municipal de Educação

---

<sup>1</sup> Profª Especialista em Educação Ambiental, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino, AssociaçãoSME/Cuiabá-MT. E-mail: [Edilaine.agronoma@gmail.com](mailto:Edilaine.agronoma@gmail.com).

<sup>2</sup> Drª em Sociologia. Professora orientadora pelo IFMT. E-mail: [maria.auxiliadora@ifmt.edu.br](mailto:maria.auxiliadora@ifmt.edu.br)

<sup>3</sup> Doutor em Educação. Professor Orientador pelo IFMT. E-mail: [Marcelo.leao@ifmt.edu.br](mailto:Marcelo.leao@ifmt.edu.br)

Básica do Campo Nossa Senhora da Penha de França (EMEBC), ao longo de quatro capítulos em uma pesquisa qualitativa do tipo participante.

As trilhas são caminhos existentes ou estabelecidos, com diferentes formas, comprimentos e larguras, constituindo-se em percursos. A trilha interpretativa utilizada na natureza possui enfoque diferente, pois a interpretação ambiental contínua pode ser entendida como uma tradução da linguagem da natureza para a linguagem comum das pessoas. O que leva os participantes a perceber um mundo que nunca haviam visto antes, ajudando as pessoas a enxergarem além de suas próprias capacidades habituais. A forma como essa tradução é feita, a abordagem interpretativa é que diferencia a interpretação da simples comunicação de informações (Vasconcelos, 1997).

As trilhas interpretativas tiveram origem nos programas educativos nos Parques Nacionais dos Estados Unidos, no final da década de 1950. Freeman Tilden – filósofo e dramaturgo estadunidense foi um dos responsáveis pela sistematização da interpretação ambiental. Nesse viés, a interpretação ambiental consiste em “uma atividade educativa, que se propõe a revelar significados e interrelações por meio do uso de objetos originais, do contato direto com o recurso e dos meios ilustrativos, em vez de simplesmente comunicar a informação literal” (Carvalho, 2002 p.108).

Desde então as Trilhas Interpretativas fazem parte das práticas pedagógicas formais e informais em escolas, universidades, parques temáticos, Organizações Não Governamentais (ONG’s) e outras entidades, ganhando força como uma metodologia que surte resultados positivos no processo educativo, pois trabalha com uma realidade percebida, sentida e vivida pelos participantes (Guimarães, 2013).

Sato (1997) afirma que, se observarmos atentamente as formas de fazer EA sobre, no e para o ambiente, apresentado por diferentes autores, perceberemos a dificuldade de unificá-las, pois são ideológicas, metodológica e epistemologicamente distintas. A EAC tem suas propostas pautadas em ações para o ambiente, sendo socialmente crítica, reconstrutivista, onde o conhecimento é colaborativo e dialético, onde o papel do professor é de colaborador e participante, onde o estudante é ativo, é gerador de novos conhecimentos, onde a organização dos princípios é em volta das questões ambientais e desafia o poder dentro das relações de poder (Zarkrzeski, 2003).

Nesse sentido, há uma estreita relação entre a EA e a Educação do Campo. Especialmente, porque, conforme Caldart (2009) o campo, que ainda hoje sofre uma exclusão que se arrasta historicamente revestida de uma falsa ideia de uma superioridade do urbano, tem uma importante relação com os recursos naturais. Assim,

Realização

trabalhar a EA em escolas do campo é respeitar essa relação e sensibilizar o estudante de acordo com a sua realidade local.

A problemática que move esta pesquisa está relacionada com uma metodologia de EA que tenha identidade com a Educação do Campo, que considere todos os sujeitos envolvidos, que promova um diálogo entre os saberes, que esteja integrado com a complexidade do campo e que valorize a cultura local. Então, em que medida a trilha interpretativa contribui para a EA em uma escola do campo?

## **2 Objetivos**

### **Geral**

Analisar a percepção ambiental a partir de trilhas interpretativas como metodologia de EA na Escola Municipal de Educação Básica Nossa Senhora da Penha de França, unidade educacional do campo do município de Cuiabá, no Estado de Mato Grosso (MT).

### **Específicos**

- Analisar a percepção ambiental de professores, estudantes e equipe gestora em uma escola do campo;
- Avaliar as trilhas interpretativas como sensibilização da educação ambiental na escola do campo.

## **3 Procedimentos metodológico**

### **3.1 Caracterização da pesquisa**

A pesquisa se classifica quanto à abordagem como, pesquisa qualitativa, na perspectiva de uma pesquisa participante, quanto aos objetivos está dentro da linha exploratória. Este tipo de pesquisa se caracteriza pelo envolvimento e identificação do pesquisador (Gerhardt; Silveira, 2009; Minayo, 1994, p. 21).

Neste sentido, a pesquisa foi organizada em três principais linhas norteadoras: aspectos teóricos, históricos e práticos.

Os dados analisados são não métricos e se valem de diferentes abordagens. Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas (Gil, 2008).

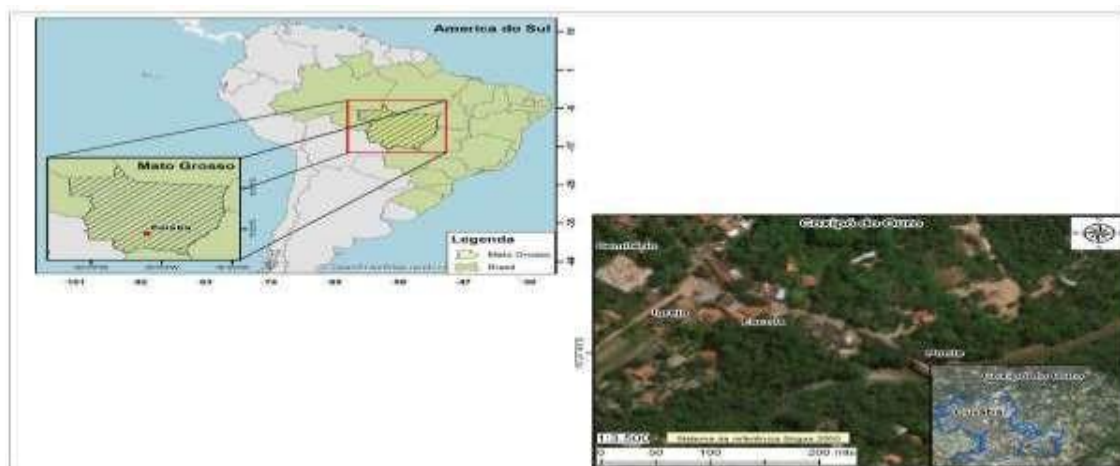
A pesquisa participante surge entre as décadas dos anos 1960 e 1980 em alguns lugares da América Latina. Mas, em pouco tempo, elas se difundem por todo o continente. Elas se originam dentro de diversas unidades de ação social que atuam preferencialmente junto a grupos ou comunidades populares. Em sua maioria, elas serão postas em prática dentro de movimentos sociais populares emergentes ou se reconhecerão estando a serviço de tais movimentos (Brandão, 2007).

### 3.2 Contextualizando o *locus* da pesquisa – a Cidade de Cuiabá/MT

Segundo Silva e Ferreira (1994), o Distrito do Coxipó do Ouro foi criado pelo Decreto-lei Estadual nº 145, de 29 de março de 1938, anexando ao município de Cuiabá. Porém já havia uma área miliar de extrema importância na região com uma fábrica de pólvoras que foi decisiva na disputa da guerra da tríplice aliança contra o Paraguai (Motta, 2018).

É um distrito de imensa relevância para a História Regional de Mato Grosso, que conta também sobre a rica cultura mato-grossense, das relações vivenciais de conflitos na época, das celebrações e lutas multiculturais. Na figura 7 se pode localizar o Distrito do Coxipó do Ouro a partir do mapa da América do Sul.

**Figura 1:** Mapa do Brasil em destaque o Estado de Mato Grosso, Cuiabá e localização do Distrito Coxipó do Ouro:



Fonte: Motta (2018).



O Distrito de Coxipó do Ouro é composto por dezesseis comunidades assim identificadas: Coxipó do Ouro, Batec, Recanto Tranquilo, Arraial dos Freitas, Balneário Letícia, Lagoa Azul, Monte Sinai, Jardim das Oliveiras, Barreiro Branco, Vale do Coxipó, São Jerônimo, Maria Hipólito/Coxipó Mirim, Pirapora, Ponte de Ferro/Jurumirim, Terra Santa, Comunidade Rio dos Médicos, Nova Jerusalém/Serra Azul, (Motta, 2018).

### 3.2.1 A Escola Municipal de Educação Básica do Campo Nossa Senhora da Penha de França

A escola onde a pesquisa foi realizada é uma das mais antigas das localizadas em comunidades do campo do município de Cuiabá. Sua criação ocorreu em 1923 (PPP da EMEBC Nª Sª da Penha de França, 2021). Sendo a única unidade escolar nessa região e considerada uma unidade de atendimento estratégica, pois atende as comunidades que compõe aquele distrito.

**Figura 02:** A) Prédio antigo da EMEBC Nossa Senhora da Penha de França. B) Fachada lateral do prédio novo.



Fonte: PPP da EMEBC Penha de França, 2021.

### **3.3 A obtenção dos dados**

Os dados foram obtidos por meio da análise documental, análises realizadas com os resultados dos trabalhos dos docentes com os estudantes e a observação participante.

Para a análise documental pode-se recorrer a inúmeras fontes para compreensão dos dados, permitindo uma maior apreciação pelo pesquisador, devendo-se ter o cuidado para não ser tendencioso na seleção dos materiais (YIN, 2001).

Nessa etapa foram analisados o Projeto Político Pedagógico/PPP da Escola Municipal de Educação Básica Nossa Senhora da Penha de França, unidade educacional do campo do município de Cuiabá/MT (2021), o documento que trata da Política da Escola Cuiabana (2019) e documentos históricos do acervo da escola (SME, 2002).

### **3.4 A análise dos dados**

A análise documental e as anotações decorrentes da observação participante foram analisadas a partir de categorias criadas para a análise de conteúdo.

Segundo Bardin (2011, p. 15) a função primordial da análise de conteúdo é o desvendar crítico. Em estudos anteriores estes visavam incidir em diferentes fontes de dados e preocupava-se com a objetividade nas análises, superando as incertezas e enriquecendo as leituras.

## **4 Resultados**

O trabalho de interpretação, segundo Orlandi (2007), abre perspectiva para uma nova forma de conceber a questão discursiva, particularmente do ponto de vista teórico. Ainda conforme a autora, se as Ciências se constituem pressupondo certa noção de linguagem e de sujeito é na transformação dessas noções que também está o deslocamento de seus limites e, conseqüentemente, de suas relações.

### **4.1 A trilha interpretativa na EMEBC N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Penha de França: “Caminhada por nossas raízes”**

O trabalho com trilhas interpretativas na escola é desenvolvido há 16 anos (desde 2007), onde é denominada de “CAMINHADA POR NOSSAS RAÍZES”, que em 2022 está na sua XIV edição, ficando suspensa em 2020 e 2021 em razão da pandemia de covid 19.

A cada ano/edição, é escolhido um roteiro (percurso da trilha) e a partir do roteiro são selecionados conteúdos programáticos ao longo da mesma. É uma estratégia de ensino e de aprendizagem por meio da (con)vivência com o meio ambiente, onde nada está dissociado e sim as partes compondo o todo, incluindo o homem e suas relações ou interrelações.

O trabalho de organização da caminhada se inicia em torno de três meses antes de sua realização, com a escolha do roteiro, percurso e da comunidade a cada ano, uma escolha que é realizada por uma comissão composta de servidores da escola, gestão, estudantes, comunidade e parceiros (Com-Vida - Comissão de Meio ambiente e Qualidade de Vida).

Após essa etapa é realizada a divisão de tarefas: grupo do socorrista e apoio dentro da trilha; grupo da água; grupo que organizará as palestras e conteúdos a serem trabalhados durante a trilha; grupo de professores/servidores para monitoramento dos estudantes; grupo da alimentação; grupo da logística e transporte e assim vai se organizando as necessidades/ações para que no dia aconteça o evento com mínimos problemas/riscos. E a escola faz uma ponte com as comunidades onde as pessoas participam mostrando a riqueza cultural, suas lendas, folclore da região, fortalecendo o elo escola-comunidade.

Toda essa organização do coletivo, da comunidade escolar e dos aspectos do ambiente e da realidade local, em prol da caminhada estão contemplados no PPP da EMEBC Penha de França, relacionados no sentido de comunidade e de cooperação para o bem comum, visando o fortalecimento das relações e interrelações no trabalho em grupo e o resultado que se proporciona quando se tem o aspecto de unidade de trabalho, evidenciando que o ser humano é um ser social. Sato (2013) traz a importância desses arranjos locais na construção de uma EAC.

A caminhada segue um roteiro pré-estabelecido e uma divisão por faixa etária. Onde: Grupo 1: crianças de 4 anos até 9/10 anos (Educação Infantil até 4º ano do fundamental I) e Grupo 2: crianças/ adolescentes e adultos: a partir de 10/12 anos até idosos (5º ano até ensino médio/ pessoas da comunidade/ servidores da escola/ parceiros).

O grupo 1 faz a “Caminhada por Nossas Raízes” um dia anterior ao grupo 2. Visto que o percurso é muito menor e considerando que são crianças bem pequenas. Geralmente a rota passa ao redor da escola, desce a área de preservação permanente

(APP), chegando ao Rio Coxipó, atravessam até a área dos restaurantes, seguem por ruas da comunidade e retornam à escola (perfazendo em torno de dois quilômetros no total), conforme a figura 03 (A e B).

**Figuras 03:** Percurso da trilha – Paisagens. A) Trilha realizada com as crianças menores percurso dentro da mata B) Percurso dentro da comunidade.

A)



B)



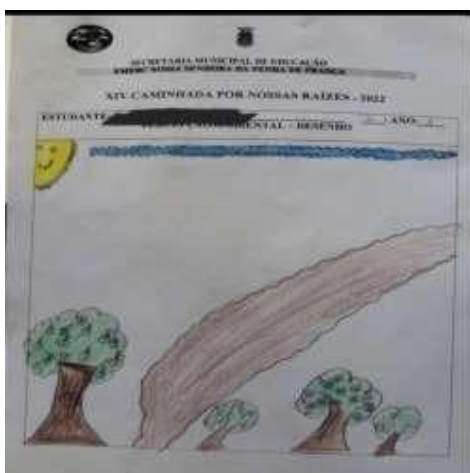
Fonte: Arquivo da pesquisadora/2022.

#### 4.2 A Percepção dos estudantes por meio de desenhos

Segundo Derdyk (2010), a criança desenha, cria e age de forma solta, flexível, às vezes aparentemente caótica. O que a criança realiza, o faz com necessidade de seu próprio crescimento. Segundo a mesma autora, o desenho é o pensamento visual, adaptando-se a qualquer natureza do conhecimento, seja ele científico, artístico, poético ou funcional, como podemos observar na figura 26.

**Figura 04:** Percepção dos estudantes (A e B).

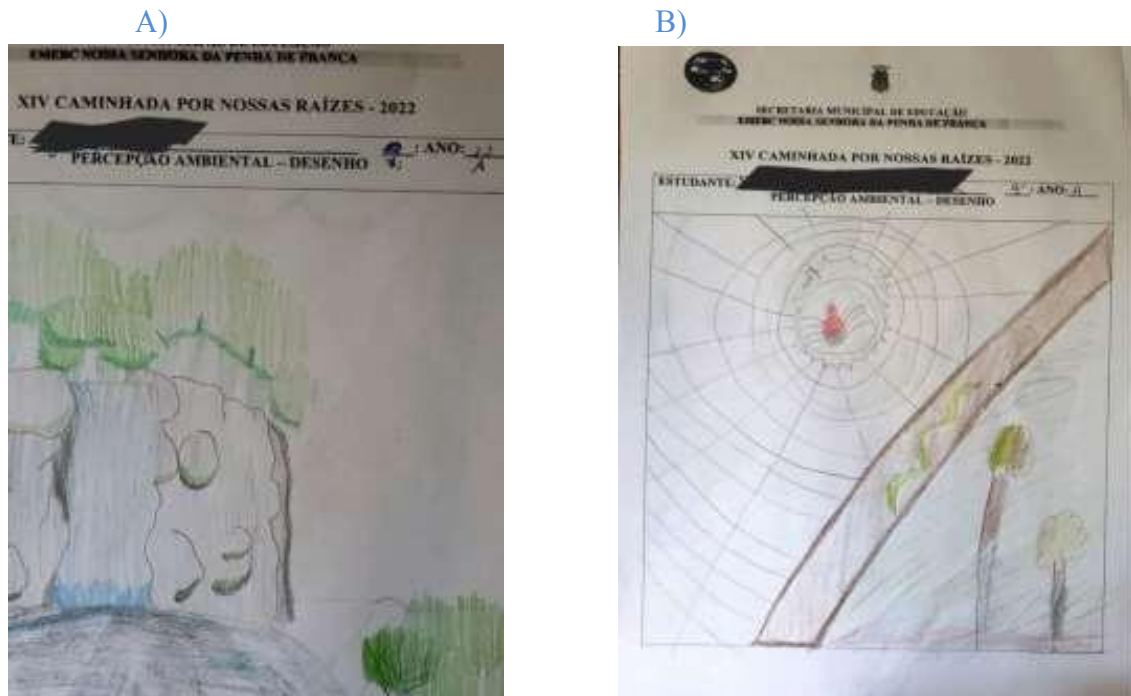
A)



B)



**Figura 05:** Percepção dos estudantes.



Fonte: Arquivo da pesquisadora / Dados da pesquisa - 2022

Os desenhos possuem uma classificação segundo a faixa etária da criança e segundo o seu desenvolvimento cognitivo. E a partir dessa classificação, os desenhos dos estudantes se encaixam no Realismo Intelectual e no Visual, dentro da sequência de desenvolvimento do desenho para Luquet (1969).

Sob a ótica da percepção ambiental, ao analisar os desenhos dos estudantes, de um universo de quarenta (40) trabalhos, observa-se que: a vegetação, os cursos d'água e a cachoeira apareceram em 100% deles; o relevo da região, apresentado pelos paredões e suas elevações destacam-se em 87,5% dos desenhos; e, os animais e insetos em 5%; E o ser humano compondo o cenário das paisagens em 6%.

E ainda, pôde-se notar que em dois desenhos (5%) o cenário de queimadas e ambiente árido foi denunciado.

Nos desenhos também é possível observar que se trata de estudantes de escola do campo, marcado pela presença da vegetação muito forte no universo total dos desenhos.

Segundo Tuan (1980) diz que no nível de atitudes e preferências de grupo, é necessário conhecer a história cultural e a experiência de um grupo no contexto de seu

ambiente físico. Os conceitos “cultura” e “meio ambiente” se superpõem do mesmo modo que os conceitos “homem” e “natureza”. Os desenhos, então, representaram a cultura e o meio ambiente dos discentes pesquisados.

## 5 Conclusões

A presente pesquisa possibilitou a percepção ambiental dos estudantes, utilizando-se da metodologia de trilhas interpretativas em uma escola do campo, ficando evidente a necessidade de religar os seres humanos com a natureza e desconstruir a cultura antropocêntrica. Ao longo do tempo, o ser humano deixou de perceber-se como parte da natureza. E, ainda mais, passando a situar-se como superiores a ela esquecendo sua condição animal, valorizando aquilo que os distingue como espécie e desprezando o que os caracteriza como seres que são parte integrante e, portanto, dependentes dessa mesma natureza (Sato, 2013). Prevalecendo a ideia de que pertence aos humanos tudo que não é humano – as terras, as águas, os vegetais, os animais, os minerais – decorre de uma separação artificial entre seres humanos e natureza.

Isto ficou evidente na pesquisa, onde mais de 95% dos trabalhos mostraram a percepção positiva das crianças e adolescentes em relação ao meio ambiente. Porém, em sua grande maioria não se veem como parte integrante da natureza, com uma visão dissociada, homem de um lado e natureza do outro. Sendo um ponto que requer reflexão e um trabalho acurado. Sendo necessário o trabalho das escolas no sentido de sensibilização para a convivência harmoniosa e respeitosa com meio ambiente, se entendendo como parte integrante deste.

## Referências

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70. 2011, 229p.

BARRETO, Laís Cassia Monteiro de Souza. **Trilha interpretativa em Unidade de Conservação: Espaço Pedagógico para o Ensino de Gestão Ambiental e Ecologia Amazônica**. Dissertação de mestrado IF Amazonas. Manaus/AM. 2018. Disponível em: <http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/bitstream/4321/356/1/Trilha%20interpretativa%20e%20Unidade%20de%20Conserva%C3%A7%C3%A3o-espa%C3%A7o%20pedag%C3%B3gico%20para%20o%20ensino%20de%20gest%C3%A3o%20ambiental%20e%20ecologia%20Amaz%C3%B4nia.pdf>. Acesso em: 20/05/2023.

BARROS, Marisa Moreira. **Lugar e Percepção Ambiental: Estudo da Vivência da Comunidade das Escolas Municipais Ayrton Senna da Silva e Moacyr Romeu Costa.** Dissertação de mestrado. Anápolis/GO (2013). Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/handle/aee/267>. Acesso em: 10/05/2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues et al. A pesquisa participante: um momento da educação popular. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 6, p.51-62. jan./dez. 2007. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988/10662>. Acesso em: 21/05/2023.

BRASIL. **Vamos cuidar do Brasil : conceitos e práticas em educação ambiental na escola** / [Coordenação: Soraia Silva de Mello, Rachel Trajber]. – Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental : UNESCO, 2007. 248 : il. ; 23 x 26 cm. Vários colaboradores. ISBN 978-85-60731-01-5. Educação ambiental – Brasil. 2. Educação básica – Brasil. I Título.

Brasil, **LEI Nº 9.795, DE 27 DE ABRIL DE 1999 – Política Nacional de Educação Ambiental.** Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9795.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm). Acesso em: 21/05/2023.

\_\_\_\_\_, LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei No. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 de dez. 1996.

BRASIL. **Lei nº 6938, de 31 de agosto de 1981- Política Nacional do Meio Ambiente.** Brasília/DF: Presidência da República, 1981. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6938.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%206.938%2C%20DE%2031%20DE%20AGOSTO%20DE%201981&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20Pol%C3%ADtica%20Nacional,aplic%C3%A7%C3%A3o%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6938.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%206.938%2C%20DE%2031%20DE%20AGOSTO%20DE%201981&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20Pol%C3%ADtica%20Nacional,aplic%C3%A7%C3%A3o%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs). Acesso em: 17/05/2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.** MEC, 2013. Brasília, DF, 2013. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file/>> Acesso em 15 J 2023

CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo: Notas para uma análise de percurso.** Rev. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/z6LjzpG6H8ghXxbGtMsYG3f/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 14/05/2022.

CARVALHO, Francisco Neves. **Projeto doces matas: manual de introdução à interpretação ambiental.** Belo Horizonte. 2002.

COSTA, C. C. & MAROTI, P. S. **Percepção ambiental de docentes em escola rural no Estado de Sergipe.** 2013. 10 p. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs>

<2.2.2/index.php/remoa>. Acesso em: 19/03/2023.

CUIABÁ/MT. Secretaria Municipal de Educação. **Escola Cuiabana: cultura, tempos de vida, direitos de aprendizagem e inclusão**. Cuiabá-MT; Editora Gráfica Print, 2019.

CUIABÁ/MT. Secretaria Municipal de Educação. **Projeto Político Pedagógico da EMEBC N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Penha de França**. Cuiabá-MT, 2021.

DEL RIO, V; OLIVEIRA, L. (Org.). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Paulo, São Carlos: Studio Nobel, Editora da UFSCa, 1999.

DERDYK, E (Org.). **Formas de pensar o desenho: o desenvolvimento do grafismo infantil**. 4. ed. Porto Alegre: Zouk, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – Saberes necessários a prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1999.

GERHARDT, Tatiana Engel et al. **Métodos de Pesquisa**. SEAD/UFRGS – Porto Alegre-RS: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão Ambiental na Educação**. 11 ed. Campinas, SP. Papyrus, 2013.

LEE, T. **Psicologia e meio ambiente**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

LUQUET, G. H. **O desenho infantil**. Porto: Ed. Do Minho, 1969.

MARIN, A. A. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v.3, n.2, p. 203-222, Ribeirão Preto, jun. 2008.

MATAREZI, José. **Despertando os sentidos da Educação Ambiental**. Curitiba-PR. n<sup>o</sup> 27. P. 181 – 199. 2006. Editora UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/39RH6Yj6GSk4LbdZBpctgCw/?format=pdf&lang=pt>  
Acesso em: 05/06/2022.

MINAYO, M C. S.; MINAYO-GOMÉZ, C. Difíceis e possíveis relações entre métodos quantitativos e qualitativos nos estudos de problemas de saúde. In: GOLDENBERG, P.; MARSIGLIA, R. M. G.; GOMES, M. H. A. (Org.). **O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.



MOTTA, D. D. Paisagem cultural do Distrito do Coxipó do Ouro em Cuiabá-MT. - Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Cuiabá, 2018. 82f.: il. Color.; 30 cm.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5ª Edição. Campinas – SP: Pontes Editores, 2007.

PAZ, Marília dos Santos da Silva. **Educação Ambiental em Escolas do Campo: Possibilidades e Desafios**. Salvador-BA, 2017.

Disponível em: <http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2017/12/diserta%C3%A7%C3%A3o-CATALOGR%C3%81FICA-E-FOLHA-DE-APROVA%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso e ca - vol. 9, nº 16, jan.-jun.-2001 e nº 17, jul-dez - 2001, p. 24-35. Disponível m: 09/04/2022. COM-FICHA-

QUARANTA, Márcio. **Educação Ambiental e Fenomenologia – meio ambiente percebido por adolescentes em excursões**. 1ª Edição – Curitiba: Appris, 2021. 247 p.

SANTOS, M.C. Trilhas Interpretativas como instrumento de Interpretação, Sensibilização e Educação Ambiental na APAE de ERECHIM/RS. **Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI**, Vol.7, N.13: p.189-197, Outubro/2011.

SATO, Michèle. **Apaixonadamente Pesquisadora em Educação Ambiental**. Revista EDUCAÇÃO: Teoria e Prática. 2001. Disponível em: <file:///C:/Users/edilaine/Downloads/1600-Texto%20do%20artigo-6543-1-10-20080903.pdf>. Acesso em: 08/04/2022.

SATO, Michèle et al. **Educação Ambiental – Tessituras de esperanças**. Cuiabá-MT. EdUFMT, 2018.

SATO, M. **Educação para o Ambiente Amazônico**. São Carlos, 1997:Tese (Doutorado em Ecologia) – Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos.

SATO, Michèle et al. Escola, Comunidade e Educação Ambiental – reinventando sonhos, construindo esperanças. Cuiabá/MT. 2013. 356 p.

SENRA Ronaldo Eustáquio Feitoza et al. **Assentamento Rural/MST e as mudanças climáticas: resistências pela Educação Ambiental Campesina**. Editora Virtualbooks. Pará de Minas-MG. 2021. 132 p.

SILVA, Mirele Milane et al. A trilha ecológica como prática de Educação Ambiental. Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental REGET/UFSC (e-ISSN: 2236-1170), 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/lucysilva/Downloads/revistas,+v5n5+p705-719+2012.pdf>. Acesso em: 15/04/2023.

SIQUEIRA, L. F. Trilhas interpretativas: Uma vertente responsável do (eco) turismo.

Caderno Virtual de turismo, nº 14, 2004. Disponível em: <http://www.ivtrj.net/caderno/anteriores/14/siqueira/siqueira.pdf>. Acesso em 12/05/2023.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983. 250p.

VASCONCELLOS, J. M. O. Trilhas interpretativas: aliando educação e recreação. In: Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação, 1., 1997, Curitiba. Anais... Curitiba: IAP, UNILIVRE, REDE PRÓ-UC, 1997, v.1, p.465-477.

YIN, R. K. **Applications of case study research**. Beverly Hills, CA: Sage Publishing, 1993.

ZAKRZEWSKI, Sônia Balvedi. **A Educação ambiental na escola: abordagens conceituais**. organizado por Sônia Balvedi Zakrzewski. - Erechim/RS: Edifapes, 2003. 132 p. : il.; 26cm. - (Série Cadernos temáticos de educação ambiental- 1). [https://www.uricer.edu.br/site/cursos/arq\\_trabalhos\\_usuario/765.pdf](https://www.uricer.edu.br/site/cursos/arq_trabalhos_usuario/765.pdf). Acesso em 01/03/2023.



## AS AFINIDADES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE ÉLISÉE RECLUS (1830-1905) COM O CONCEITO DE EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Carlos Henrique Amorim da Silva<sup>1</sup>  
(IGHD/UFMT) – henriqueskate96@gmail.com

GT 6: Educação Ambiental, Comunicação e Arte  
**Artigo Completo**

### **Resumo:**

Atualmente, muito tem se explorado acerca da educação geográfica para além do caráter científico e tecnológico, ou seja, coloca-se em cheque também, o diálogo com a sustentabilidade. Portanto, desenvolvimentos de práticas pedagógicas pautadas no respeito entre o ser humano e à natureza tem sido explorado por diversas áreas da comunidade científica. Com base nessa dedução, buscaremos fazer uma reflexão acerca da educação ambiental tendo como principal alicerce os pensamentos explorados pelo geógrafo anarquista francês, Élisée Reclus (1830-1905). Esse trabalho vai basear-se principalmente nas afinidades de Reclus com a educação geográfica, sendo o estudo da natureza um dos pontos primordiais na Geografia reclusiana.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental; Educação Geográfica; Élisée Reclus; Natureza.

### **1. Introdução**

O geógrafo anarquista francês, Élisée Reclus (1830-1905), escreveu durante o século XIX significativas contribuições na temática educacional. Acreditamos que o resgate dos estudos ambientais via Reclus, acrescentaria mais ainda no debate sobre a educação geográfica atualmente. Conforme Ferretti (2020, tradução nossa), “O retorno de disciplinas da filosofia da natureza por meio de autores como Reclus pode contribuir para as ciências ambientais de múltiplas formas”.

A educação ambiental via Reclus, dentre as sugestões, tem a proposta de aguçar os estudantes a correlacionarem a natureza com o seu cotidiano e deste modo, os fazerem refletir sobre como eles fazem parte da natureza, e sobre como ações transgressivas à natureza afetariam o seu viver. Segundo Reclus (2015, p. 81), “É necessário que o estudo direto da natureza a contemplação de seus fenômenos torne-se para todo homem completo um dos elementos primordiais da educação”. Acreditamos que o projeto educacional

---

<sup>1</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

reclusiano pode fortalecer o debate a respeito da responsabilidade ecológica, portanto, vamos analisar como o geógrafo entendia a educação em seu estado mais amplo e nesse discurso notaremos certas afinidades com a educação geográfica, como forma de complementar a formação estudantil.

Esse resgate epistemológico das ideias de Reclus, visará abordar especificamente temáticas da sensibilização ambiental, da responsabilidade com as ações transgressivas a natureza além da cidadania ambiental. Dito isso, para estruturarmos o presente artigo, foram consideradas as pesquisas de estudiosos que já se debruçaram sobre a temática da educação, bem como, as obras, tratados e manuscritos selecionados de Élisée Reclus, em que é possível notarmos as afinidades com a Educação Geográfica, sendo o estudo da Natureza um dos pontos primordiais no projeto educacional reclusiano.

## 2. Objetivo

Em linhas gerais, o artigo tem o objetivo de fortalecer o debate da educação ambiental por meio de autores clássicos da Geografia que exploravam esse eixo temático desde o século XIX. No caso do presente estudo, investigaremos o geógrafo Élisée Reclus e como sua linha de raciocínio na temática de educação ambiental se assemelha com o conceito de educação geográfica em nossa atualidade.

## 3. Procedimento metodológico

No presente artigo buscamos conciliar o processo investigativo da História do Pensamento Geográfico com a Educação Ambiental. Entendemos que em determinadas circunstâncias do passado, que inclusive, antecedem a institucionalização da Geografia, é possível identificarmos alguns indícios para a interpretação da natureza. No caso deste trabalho, optamos por explorar as ideias da educação ambiental do geógrafo Reclus e analisar como essas contribuições dialogam com a educação geográfica.

Portanto, para esse resgate histórico, utilizamos o “Método Histórico”, conforme citado por Lakatos e Marconi (2003):

[...] colocando-se os fenômenos, como por exemplo, as instituições, no ambiente social em que nasceram, entre as suas condições “concomitantes”, torna-se mais fácil a sua análise e compreensão, no que diz respeito à gênese e ao desenvolvimento, assim como às sucessivas alterações, permitindo a comparação de sociedades diferentes: o método histórico preenche os vazios dos fatos e acontecimentos, apoiando-se em um tempo, mesmo que artificialmente reconstruído, que assegura a percepção da continuidade (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 107).

Em vista disso, partimos do pressuposto que as descrições e interpretações da educação ambiental e da natureza sob o contexto de Reclus e suas referências, podem colaborar no debate da educação geográfica na atualidade.

#### **4 A natureza para Élisée Reclus**

Para entender como se desenvolve a educação ambiental reclusiana, é proveitoso explorar o conceito de natureza em Élisée Reclus. Desta maneira, para compreender como Reclus pensava a natureza, vale ressaltar que o geógrafo recebeu muita influência dos pensadores alemães inseridos em seu contexto. Conforme cita Silva, Gonçalves Junior e Barreto (2021, p. 20), “Para exprimir suas manifestações acerca dessa relação, Reclus se aproximou dos estudos dos pensadores alemães, torna-se importante destacar aqui, a influência de três pensadores: Kant, Humboldt e Ritter. ” Portanto, pelo fato do geógrafo estar inserido sob o contexto do Romantismo, irá observar a natureza por uma perspectiva mais sensível.

Além do aspecto da sensibilidade, Reclus analisa a maneira que a sociedade vem estabelecendo relações com a Natureza de modo crítico, segundo Rech (2016, p. 59-60), “A intenção irresponsável do Homem é anotada por Reclus. Essa ação ausente de pertencimento é construída à medida que a Natureza é transformada pela ação do Homem [...]. ”

Os desenvolvimentos da humanidade ligam-se da maneira mais íntima com a natureza circundante. Uma harmonia secreta estabelece-se entre a terra e os povos que ela nutre, e quando as sociedades imprudentes permitem-se erguer a mão contra o que faz a beleza de sua região, elas acabam sempre da paisagem, as imaginações desvanecem-se, os espíritos empobrecem-se, a rotina e o servilismo apoderam-se das almas e dispõem-nas ao torpor e à morte (RECLUS, 2015, p. 80).

Por essa ótica, Reclus sugere que o modo de desenvolvimento das sociedades modernas tendo como base o lucro, afastaria as relações íntimas com a natureza. O desenvolvimento industrial da sociedade, interpreta a natureza sob uma ótica utilitarista, segundo Reclus (2015, p. 82), “[...] o industrial que busca pôr em obra os produtos da terra não cessa de ver ao seu redor riquezas não utilizadas”. Seguindo outro raciocínio, a Natureza é compreendida por Reclus como algo terapêutico, conforme citado: “Quanto ao homem simples que se contenta em amar a natureza em si mesma, nela encontra sua alegria, e quando está infeliz, seus sofrimentos são ao menos suavizados pelo espetáculo da liberdade do campo” (RECLUS, 2015, p. 82).

“Reclus, esboçou sua ideia de Natureza para além de uma perspectiva mecanicista, mágica ou puramente metafísica. Em Reclus, seguindo as pegadas de Humboldt, a Natureza é entendida enquanto *unidade*” (RECH, 2016, p. 58). Para expor seu raciocínio, Reclus investiga a evolução considerando a totalidade da Natureza, ou seja, faz uma colocação em escala cosmográfica e vai se aproximando da evolução dos fenômenos naturais do planeta Terra.

A evolução é o movimento infinito de tudo o que existe, a transformação incessante do Universo e de todas as suas partes desde as origens eternas e durante infinito dos tempos. As vias lácteas que surgem nos espaço sem limites, que se condensam e se dissolvem durante os milhões e os bilhões de séculos, as estrelas, os astros nascem, que se agregam e morrem, nosso turbilhão solar com seu astro central, seus planetas e suas luas, e, nos limites estreitos de nosso pequeno globo terráqueo, as montanhas que surgem e desaparecem de novo, os oceanos que se formam para em seguida secar, os rios que se vê formar nos vales, depois secar como o orvalho da manhã, as gerações das plantas, dos animais e dos homens que se sucedem, e nossos milhões de vidas imperceptíveis, do homem ao mosquito, tudo isto nada mais é senão um fenômeno da grande evolução, arrastando todas as coisas em seu turbilhão sem fim (RECLUS, 2002, p. 21).

Através de uma ótica romântica, Reclus nos apresenta a ideia de que a evolução é um fenômeno contínuo e de que a natureza pode ser explorada para além do seu caráter utilitarista.

## 5. A educação geográfica reclusiana

Ainda que Reclus tenha grandes contribuições para a educação, Rech (2016, p. 67) nos lembra que, “Reclus não elaborou tratados sobre a educação. Índícios do que pensa o geógrafo acerca aparecem em pequenos fragmentos, ligeiras reflexões, ao longo de suas obras”. Embora Reclus não tenha dedicado qualquer de suas obras a um debate específico sobre a educação, o tema sempre esteve presente em seus escritos [...] (CUBERO, 2002; PELLETIER, 2011 apud NABARRO, 2021, p. 7).

Dito isso, Reclus demonstrou grande preocupação na ausência dos métodos que envolviam a apreciação da Natureza, principalmente porque, houve um grande fortalecimento nas áreas técnicas da ciência, incluindo a Geografia. Reclus (2015, p. 96) explana sua preocupação citando que, “Todavia, é preciso dizê-lo, os povos que hoje estão na vanguarda da humanidade preocupam-se em geral muito pouco com o embelezamento da natureza. Muito mais industriais do que artistas eles preferem a força à beleza”.

Na perspectiva de Reclus era impossível idealizar uma sociedade melhor, mais justa, sem contar com o progresso individual do ser (CASTRO; GODOY; ALVES, 2014,

p. 160). Deduzimos que, pensar nessa evolução social positiva como progresso, esteve presente no seu método analítico, assim como esteve presente em seu projeto educacional. Segundo Zaar (2015, p. 27) “O seu método analítico foi mais além apontando “fórmulas” para uma possível evolução social positiva (progresso) que se refletiria tanto nas relações dialéticas entre os homens (indivíduo e sociedade) quanto nos vínculos entre estes e a natureza (meio)”. Através dessas atribuições que Reclus idealiza a Geografia como forma de transformação do cidadão, do espaço e da sociedade. Entendemos que para concluir esses objetivos que Reclus considerou, seria através da Educação Geográfica, para compreendermos o conceito, nos basearemos no que cita Castellar (2005).

[...] pensar uma Educação Geográfica significa superar as aprendizagens repetitivas e arbitrarias e passar a adotar práticas de ensino que invistam nas habilidades: análises, interpretações e aplicações em situações práticas; trabalhar a cartografia como metodologia para a construção do conhecimento geográfico, a partir da linguagem cartográfica; analisar os fenômenos em diferentes escalas; compreender a dimensão ambiental, política e socioeconômica dos territórios (CASTELLAR, 2005, p. 221).

A Educação Geográfica apresentada pela autora, dialoga em alguns aspectos com a abordagem de Reclus. Quando a autora considera usar a Educação Geográfica como forma de estimular a autonomia do pensamento, chegamos perto do que Cirqueira (2015, p. 229) cita sobre o papel da ciência geográfica via Élisée Reclus: “[...] a ciência geográfica deveria ser uma prática engajada para a transformação do espaço e da sociedade a caminho da justiça e do bem estar social”. Para Reclus, a Geografia deveria constantemente explorar as práticas cotidianas, fazer a interpretação do espaço geográfico local, mas ainda sim, com um discurso focalizado na observação da natureza.

Voltemos à natureza!

Se tivesse a fortuna de ser professor de crianças, sem ver-me fechado em um estabelecimento oficial ou particular, precaveria-me de começar a colocar livros e mapas nas mãos dos meus companheiros infantis; talvez nem pronunciaria ante eles a palavra grega *geografia*, mas sim os convidaria para longos passeios comuns, feliz de aprender em sua companhia.

Sendo professor, mas professor sem título, cuidaria muito de proceder com método nesses passeios e nas conversas suscitadas pela visão dos objetos e das paisagens. É evidente que o primeiro estudo deve variar em seus detalhes segundo a comarca que se habita; [...] (RECLUS, 2014, p. 16).

Em um breve manuscrito intitulado “Discurso na sessão solene do início do ano escolar da Universidade Nova de Bruxelas – 22 de outubro de 1895”, Reclus mais uma vez dá destaque à interpretação da natureza, segundo o geógrafo:

A natureza, tal será seu grande campo de observação tão amíúde quanto lhes seja possível contemplá-la; é ela que eles [estudantes] devem interrogar, escutar diretamente, sem buscar vê-la, mais ou menos falseada, através das descrições dos livros ou das pinturas dos artistas (RECLUS, 2015, p. 27).

Para Reclus, o estudo da Natureza através da experimentação viria como contraponto ao conteúdo geográfico mais burocrático, que não investigava nenhuma realidade precisa, acerca dessa nossa ideia Reclus (2014) cita:

Sobretudo em geografia, ou seja, precisamente no estudo da natureza terrestre, convém proceder pela visão, pela observação direta desta Terra que fez nascer e que nos dá o pão que nos alimenta; mas o ensino da geografia, como continua ainda em nossas escolas, carrega a marca dos tempos escolásticos: o professor pede ao aluno um ato de fé, pronunciado além disso em termos cujos sentidos não domina; recita prontamente os nomes dos cinco rios da França, de três cabos, de dois golfos e um estreito, sem referir esses nomes a nenhuma realidade precisa (RECLUS, 2014, p. 16).

Na citação acima, quando Reclus menciona “pela observação direta desta Terra que fez nascer e que nos dá o pão que nos alimenta”, o geógrafo reconhece a importância de preservar a relação Homem-Natureza e trabalha sobre como a Geografia poderia contribuir positivamente para manutenção dessa dinâmica. Segundo Rech (2016, p. 98), “O embate, Natureza-Homem, só pode ser carregado por um viés de *responsabilidade*, do Homem, visto que de uma forma ou de outra atua sobre si mesmo e sobre seu porvir, individual e coletivo”.

Ao analisar esses apontamentos, notamos que a investigação da vida cotidiana iria cooperar com o desenvolvimento do senso de responsabilidade, contribuindo positivamente na formação cidadã. Esse tipo de representação comunica com a educação geográfica apresentada por Callai e Moraes (2017):

[...] educação geográfica pode se estabelecer como um dos caminhos para estudar geografia de modo que oportunize aos estudantes construir as bases de conteúdos para interpretação do mundo. E essas bases se constituem a partir do conhecimento que necessariamente é a sustentação da ação da escola, aliado ao desenvolvimento do pensamento abstrato. Se constitui, portanto, na perspectiva de acessar as ferramentas teóricas para entender o mundo e para as pessoas se entenderem como sujeitos nesse mundo, reconhecendo a espacialidade dos fenômenos sociais (CALLAI; MORAES, 2017, p. 84).

Seguindo essa linha de raciocínio, as contribuições de Reclus para educação geográfica, estão na alegação que o geógrafo faz acerca da análise integradora dos fenômenos geográficos que podem ser extraídos nas pequenas expedições, dessa forma, fazer com que os estudantes analisem essas dinâmicas e desenvolvam uma ótica de responsabilidade com a Natureza, Nabarro (2021) se debruça sobre o método geográfico reclusiano que estamos buscando salientar.

[...] como metodologia para o ensino de geografia, [Reclus] defendeu o estudo do meio (que consiste em alunos e professores terem contato direto e interagirem com a realidade a partir de um determinado objeto de estudo) como a mais adequada. Além de despertar a curiosidade dos alunos através da história, dinâmica e beleza cênica, o estudo da paisagem confere uma visão integradora do conteúdo estudado e promove conscientização em relação à



importância da natureza para a manutenção da vida e da sociedade (NABARRO, 2021, p. 10).

Reclus pensou em um método de ensino que dialogasse a explicação com as experiências, “[...] Reclus defendia que o processo de aprendizagem deveria ocorrer a partir da observação dos elementos da natureza que, para ele, é um dos principais fundamentos do ensino de geografia” (NABARRO, 2021, p. 11). Acreditamos que a introdução de métodos como esse que Reclus explorou, ajudariam os estudantes a construir um senso de responsabilidade com o meio ambiente, contribuindo positivamente para formação cidadã. Se pensarmos uma educação geográfica com as premissas reclusianas, a formação cidadã teria como um dos objetivos a relação de respeito do ser humano com a natureza.

Sendo assim, quando propomos uma reflexão através da educação geográfica via Élisée Reclus, estamos pensando em uma alternativa dos estudantes reassumirem um discurso elaborados há muito tempo, que tem como norteador a concepção de como devemos nos relacionar com a Natureza e respeitá-la, construir a responsabilidade de que “destruir a Natureza seria destruir a si mesmo”.

## 6. Conclusões

Neste artigo buscamos, principalmente, trazer contribuições como forma de enriquecer o debate da educação ambiental. Explorar autores e autoras de séculos passados com o intuito colaborar com a discussão ambiental na atualidade, é um eixo muito explorado pela comunidade acadêmica. Para contribuir com esse raciocínio, nossa pesquisa se baseou na proposta educacional de Élisée Reclus, podendo ser entendida como “educação geográfica de sua época”.

Mediante a esse pretexto, decidimos neste artigo realçar a ideia de educação que o geógrafo nos apresentou no século XIX. Optamos por fazer esse resgate pois vemos a necessidade de ampliar a reflexão das relações entre o ser humano e a natureza.

Nessa perspectiva as contribuições de Reclus para esse eixo temático da educação ambiental, são valiosas. Além de ser um crítico severo do projeto educacional burguês de sua época, Reclus idealizou resoluções para esse modelo, dentre as quais, cativar a ideia de responsabilidade com a natureza.

## Referências

CALLAI, Helena Copetti; MORAES, Maristela Maria. **EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA, CIDADANIA E CIDADE**. ACTA Geográfica, Boa Vista, Edição Especial, 2017. p. 82-100.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: A PSICOGENÉTICA E O CONHECIMENTO ESCOLAR**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 209-225, mai/ago. 2005.

CASTRO, Renan Fernando; GODOY, Marcos Jorge; ALVES, Flamarion Dutra. **Contribuições de Élisée Reclus para a Geografia Moderna**. Caderno de Geografia, v. 24, número especial (1), 2014.

CIRQUEIRA, J. V. **Geograficidade libertária em Élisée Reclus: contribuição heterodoxa à história ortodoxa da geografia**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil, 2015.

FERRETTI, Federico. **Élisée Reclus: A Philosophy of Nature**. EHNE. Sorbonne Université, Paris, França, 2020.

NABARRO, Sergio Aparecido. **Élisée Reclus: movimento ácrata, educação e ensino de Geografia**. Revista de Educação, Campinas, PUC, v. 26, e214993, 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

RECH, Roberto Carlos. **Os princípios da educação geográfica para Élisée Reclus: uma contribuição à história do pensamento geográfico**. 2016. 122 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2016.

RECLUS, Élisée. **Do sentimento da natureza nas sociedades modernas e outros escritos**. São Paulo: Intermezzo: Edusp, 2015.

RECLUS, Élisée. **El Hombre y la Tierra**. 6 Volumes. Barcelona: Maucci, 1906/1909.

RECLUS, Élisée. O Ensino da Geografia. *In*: RECLUS, Élisée; KROPOTKIN, Piotr. **Escritos sobre Educação e Geografia**. Biblioteca Terra Livre, 2014. p. 15-26.

RECLUS, Élisée. Carta a Francisco Ferrer I Guardia. *In*: RECLUS, Élisée; KROPOTKIN, Piotr. **Escritos sobre Educação e Geografia**. Biblioteca Terra Livre, 2014. p. 27-28.

RECLUS, Élisée. Prefácio a “Noções de Geografia Física”. *In*: RECLUS, Élisée; KROPOTKIN, Piotr. **Escritos sobre Educação e Geografia**. Biblioteca Terra Livre, 2014. p. 29-32.

SILVA, Carlos Henrique Amorim; GONÇALVES JUNIOR, Francisco de Assis; BARRETO, Emerson Luiz.. **A influência alemã na concepção de natureza de élisée reclus**. Anais do XIV ENANPEGE, Campina Grande: Realize Editora, 2021.

ZAAR, Miriam Hermi. **Élisée Reclus e o seu método geográfico**. Biblio3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidade de Barcelona, Vol. XX, n. 1123, 15 de junho. 2015.



## SER HUMANO EDUCAÇÃO E NATUREZA: AS MULTIFUNCIONALIDADES DO MEIO AMBIENTE

Queila da Silva Rufatto Monteiro  
(IE/ UFMT) - queilamonteiroro@gmail.com

Nelbi Alves da Cruz  
(IE/ UFMT) - nelbialves@yahoo.com.br

GT 6: Educação Ambiental, Comunicação e Arte  
**Artigo Completo**

### Resumo:

O trabalho é resultante da pesquisa-estágio realizada no Espaço Ecológico e Recreativo Gaia Amiga, localizado no município de Rolim de Moura- RO, com o objetivo de compreender como a natureza pode trazer à comunidade aprendizados pedagógicos; perceber como os indivíduos de diferentes faixas etárias interagem com o meio no dia a dia; e, refletir sobre a importância da educação ambiental para a Universidade e a comunidade frequentadora do espaço Gaia. Durante a atividade houve o envolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos do entorno desse *espaçotempo*. Objetivando fundamentar teve-se como apoio as ideias de Freire (2010), Almeida (2014), Suchodolski (2002), entre outros.. Metodologicamente se optou pela pesquisa exploratória, com a abordagem sociológica, tendo como instrumentos a observação e atividades teórico-práticas com os sujeitos da localidade. Os resultados indicaram que o Gaia Amiga representa um espaço de lazer para os envolvidos, uma referência de cuidado com a natureza, visto que são usados, em sua maioria, materiais recicláveis, como parede feita com garrafas de vidros descartáveis, restos de madeiras, o ônibus-biblioteca, rampas de acesso para cadeirantes, o jardim sensorial, entre outros instrumentos de aprendizagem ali existentes.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Natureza. Gaia Amiga

### 1 Introdução

É essencial mesclar a teoria ministrada em sala de aula com a prática docente, pois assim, compreender a realidade torna-se um processo mais tangível. A pesquisa pretende evidenciar o trabalho realizado no Espaço Gaia Amiga, em Rolim de Moura- RO, e as atividades que foram realizadas para auxiliar o desenvolvimento da consciência sobre a vida em um parque educativo. A intenção foi aproximar a Universidade da comunidade e usar a educação como ferramenta, e assim alcançar outros espaços sociais, numa tentativa de construir uma relação amistosa ao seu entorno, e com isso mostrar que o ensino pode ultrapassar os limites dos muros da instituição escolar.

O Espaço Gaia Amiga, tem uma importância ímpar na sociedade rolimourense, pois oferece a comunidade uma forma de lazer, aprendizado e inclusão. O local conta

Realização



com um ambiente para leitores, por meio de uma biblioteca-ônibus, quadra de vôlei para quem gosta de esportes, além de um espaço inclusivo com brinquedos que contribuem para que cadeirantes também possam se divertir e todos adquirirem novos conhecimentos. Segundo (Almeida, 2014, p. 10 Apud Gaspar 2005):

Os conhecimentos provêm de uma interação sociocultural e acontece de forma quase imperceptível. Por isso, na visão de Gaspar, esse formato educacional ocorre em espaços que se aproximam muito da educação não formal. Esses espaços, segundo esse autor, são os centros culturais: jardins botânicos, zoológicos, museu de artes ou ciências, [parques]. Pode ocorrer ao ar livre, praças, feiras, estação de metrô em vários espaços onde as pessoas possam interagir e compartilhar saber.

Uma das características dos educadores é a capacidade de dialogar com diferentes temáticas em diferentes espaços, como parques e outros espaços sociais que fogem dos muros da escola, fornecendo assim maiores possibilidades de interação e harmonia, um espaço educativo, unindo comunidade, família, escola e sociedade.

A pesquisa teve como foco a aplicação de atividades que envolvessem o ambiente natural da melhor forma possível e que toda faixa etária pudesse participar nas atividades desenvolvidas, a saber: arte com elementos naturais, pinturas em madeira, artesanatos, descarte correto de lixo, dentre várias ações feitas com os envolvidos. Nesse sentido, para realização das atividades no Gaia, a coordenadora do local sempre sugere que fique algo exposto para preservação do ambiente, como forma de deixar marcas registradas de quem ali realizou uma atividade acadêmica. Vale ressaltar que a coordenadora desse espaçotempo é professora na Universidade Federal de Rondônia, funcionando como projeto de extensão.

Nessa direção, optou-se junto com a coordenação em deixar como simbologia no local um artesanato em madeira, uma árvore da espécie canela e um livro com artes feitas por crianças, adolescentes e adultos, que, por meio de folhas galhos produziram algo que lhes inspiraram.

Metodologicamente se utilizou de uma pesquisa exploratória, com uma abordagem sociológica, envolvendo crianças, adolescentes, jovens e adultos, tendo como instrumentos de coleta das informações a observação participante, entrevista e a realização de atividades com os colaboradores. Após a coleta das informações foi realizada a análise de conteúdo, em que se engloba as falas, gestos, fatos olfatos e outras sensibilidades ali presentes no/com os sujeitos participantes.

Assim, ao realizar esse projeto foi feita uma associação da formação inicial, em

especial, o curso de Pedagogia, em um ambiente que expande e exercita a criatividade de quem compartilha essa experiência, pois as pessoas que ali frequentam têm gostos, cheiros, costumes, tradições, percepções diferenciadas e o estudante que ali estiver precisa ser inventivo e adaptar o que irá fazer com as condições objetivas do Gaia. Isso cria um ambiente de negociações, no bom sentido, para a formação de educador e educando, considerando que se está numa “aula” aberta a todos que estejam dispostos a se envolver. Destaca-se aqui a magnitude da coordenadora que, como autodidata, dialoga, questiona, auxilia, cativa e cria uma dada situação que o interesse coletivo supera o individual.

## **2 A realidade cotidiana do Gaia Amiga: ações, funcionamento e aprendizados**

A Associação Semeando Letras e Cidadania (ASELCI), é uma Organização Não Governamental, sem fins lucrativos que foi fundada em 2010, atende crianças e adolescentes em situação de risco ou não, trabalhando com a cidadania e investe em projetos socioculturais como a manutenção do Espaço Ecológico e Recreativo Gaia Amiga (E.E.R.G.A), sendo também sua representante legal.

O Espaço Gaia Amiga está localizado no Bairro Planalto e foi pensado para servir como um local de lazer para as famílias das proximidades, seu principal objetivo é promover um ambiente que tenha condições propícias ao esporte, lazer, cultura e também um centro de convivência social educativo.

A instituição tem como objetivo básico a implantação de um ambiente lúdico, cultural e recreativo, outro objetivo não menos importante, é oferecer um espaço para que acadêmicos das áreas das ciências humanas e ambientais possam realizar estágios, planejar e executar projetos e implantar pesquisas nas referidas áreas de seus cursos. O E.E.R.G.A, como uma organização sem fins lucrativos, sua manutenção é oriunda de contribuições de patrocinadores do projeto e financiamentos do poder público, ou iniciativa privada de concorrência a editais públicos para fins específicos.

Sobre sua importância para profissionais da educação, o ambiente oferece condições para realizar práticas pedagógicas, voltadas para meio ambiente, natureza, jogos, vida social, brincadeiras, entre outros, dependendo assim do interesse e criatividade de cada um dos estudantes e pessoas que colaboram com a existência do Gaia. Destaca-se que as práticas educativas não são somente numa sala de aula formal entre paredes, mas o ambiente em geral proporciona meios para que seja

construída uma práxis educativa. Segundo a interpretação de Libâneo (2001, p. 04):

Não há sociedade sem práticas educativas. Pedagogia diz respeito a uma reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho educativo. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas.

Todavia, qualquer atividade ou projeto cuja finalidade seja ensinar algo, é considerado como prática educativa no Gaia, em específico. Desse modo, o Espaço Gaia Amiga conta com um ônibus-biblioteca para proporcionar aos leitores livros, revistas, histórias, tendo como deleite uma viagem nas linhas escritas nesse importante instrumento de aprendizagem, ou seja, estão adquirindo um saber/conhecimento que se corporaliza a quem tem a disposição de parar e ler. Esse ônibus estava parado em algum lugar do município e hoje serve a comunidade, deixando de ser um “lixo” e se tornando um “luxo”.

Nessa perspectiva de preservação do meio ambiente foi construído um banheiro seco, em que não se usa água para descarga e para quem visita o Gaia e o usa percebe que não traz o “mal” cheiro, comum em outros toalhetes encontrados em algumas rodoviárias e restaurantes às margens de rodovias. Também há rampas de acesso para cadeirantes e deficientes visuais, como também brinquedo para esse público, em especial. Conta também com o jardim sensorial, em que podem ser aguçados a audição, tato, paladar, olfato e a visão, em que as plantas são expostas em uma mesa e cada envolvido passa a reconhecer cada sentido ao tocar, cheirar etc.

Nesse ambiente, que era uma quiçaça no passado, hoje está em processo de conservação e preservação de um córrego, que ainda é temporário e uma pedra que a natureza, com seus contornos invisíveis possibilitou uma gruta e sua aguinha corrente, servindo para o delírio e o refrescar de crianças, jovens e adultos circundantes.

A manutenção da EERGA é feita por meio de doações, voluntários de serviços, projetos e também pelos estagiários que frequentam o local. Os projetos atuais em desenvolvimento são as formiguinhas cortadeiras, objetivando ressignificar roupas usadas que seriam descartadas, e o Madeirarte, cuja finalidade é o reaproveitamento de madeira e fazer peças artesanais a serem vendidas e/ou usadas para decoração nas casas dos que participam do curso.

## 2.1 Gaia Amiga: com a mão na massa

Inicialmente para a execução do trabalho foi feita a observação participante do Gaia, a fim de tomar pé do que é esse espaçotempo e perceber o que poderia ser feito durante o tempo que ali se realizaria a ação. Após essa etapa organizou-se um planejamento de atividades possíveis a serem feitas, conforme o apoio e orientação da coordenadora. Nesse plano foi pensado como primeira atividade a “oficina de arte com produtos naturais”, com o objetivo de despertar o interesse pela arte, e, especificamente proporcionar um momento educativo e descontraído, desenvolver a imaginação e estimular a criatividade. O exercício consistiu na produção de um livro feito com materiais da natureza, por exemplo: sementes, folhas, flores, galhos, entre outros existentes no ambiente que pudesse servir de inspiração.

Inicialmente convidou-se as pessoas que estavam no local para participar da atividade proposta, algumas pessoas não aceitaram o convite, a rejeição ocorreu quando este foi realizado para adolescentes, mas ainda assim, contou-se com a participação de crianças, adolescentes e adultos. Para a confecção do livro utilizou-se 17(dezessete) páginas, com diversas artes. No decorrer da atividade perguntou-se o que o desenho ou a imagem representava, obteve-se as seguintes respostas “barba de um homem e árvores”, “natureza, borboleta e flores”, “semente germinando”, “sereia” e “flores e folhas”, essas foram as principais respostas, haja vista que, muitas se repetiram.

Na confecção do livro houve uma participante com Síndrome de Down, essa se mostrou contente em participar, apresentou coordenação motora ao fazer as colagens com sementes, seus desenhos representavam “balanço/escorregador” e um outro que era uma “varinha mágica”. Ressalta-se que a família dela estava na cidade participando do encontro de Motorhome, e foi visitar o Espaço Gaia Amiga.

No ambiente do Gaia Amiga, o processo de aprendizagem permite que aconteça interações entre os envolvidos e coordenadores das atividades, pois ao ser oferecido os instrumentos as pessoas ali presentes se movem e percebem o valor do aprender e pensar em mudanças. Segundo Freire (1987), é na inserção lúcida na realidade, na situação histórica, que leva [o ser humano] à crítica desta mesma situação e ao ímpeto de transformá-la.

Seguindo a ideia do autor, percebeu-se que no momento de contato com o produto físico, surgiram as inspirações, pois enquanto estava só na explicação oral do que era para ser feito e as falas eram: “não tenho ideia” “o que vou fazer?”. Assim na



interação e observação o processo foi se construindo.

Como dito acima, na atividade de arte com produtos naturais, dedicou-se um momento para fazer a montagem do livro, no qual ficou para as integrantes do grupo realizá-lo, sendo feita a seleção de 17(dezessete) artes e utilizou-se de perfurador de papel, tesoura e linha para fazer a amarração das páginas. Após a oficina de artes com produtos naturais, ocorreu a abertura da obra, que ficou exposto no local.

Outra atividade desenvolvida foi a pintura, que fora dividida em dois momentos pois um não foi suficiente, todas as oficinas serviram de aprendizado para a confecção desta peça. No primeiro momento foi realizada a “procura” de pessoas para participar da atividade, neste dia não tinha muitas pessoas no local, para tanto algumas delas que foram propostas a atividade aceitaram participar, sendo escolhida a cor de cada placa, e, assim começaram as pinturas. Participaram neste dia, três adolescentes e um adulto de 40 anos, em que foi transmitido o passo a passo da pintura de fundo e iniciou-se a ação educativa. Percebeu-se que ao pintar as letras, a mulher que já tinha finalizado não gostou do resultado, alegando que tinha borrado muito, então, foi dito que não tinha problemas, e que seria fácil de corrigir o borrado e para isso era só contornar.

Um dos aspetos a ser destacado é que ao realizar a atividade educador e educando interagem e criam algum vínculo afetivo, cultural, entre tantos possíveis que podem perdurar ou não, mas que cria significados para ambos. Nessa direção, Wallon, *apud* Galvão (2008), assevera que “a afetividade tem papel imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade”. Mesmo ao trabalhar com adulto pode-se afetá-lo de alguma maneira, esse afeto pode ser incentivador ou desmotivador, por isso é importante afetar de maneira positiva, pois as personalidades mudam para o bem ou mal. O educador precisa saber como atuar nas diversas situações.

Como informado previamente, a arte no artesanato foi em dois momentos e para finalizar convidou-se um grupo de adolescentes que já tinham participado da atividade “oficina de artes com produtos naturais”, o grupo participou novamente, a tarefa deles era somente pintar, com os desenhos e letras prontos, as cores, de escolha livre. Alguns precisavam de ideias e foi sugerido algumas que servissem de inspiração. Segundo Freire (2010, p. 11), a tarefa do educador é [...], exigente de seriedade, de preparo físico, emocional e afetivo”. Como esclarecido anteriormente, foi realizado todo o preparo necessário para auxiliar qualquer que fosse a dúvida, estando em conformidade com o que o autor Paulo Freire pontua.

Como resultado da ação, um dos adolescentes afirmou que a pintura não era para ele, declarando não ter coordenação motora suficiente para tal ofício, no entanto, ele executou a atividade com êxito. Logo terminou as obras de artes e seguiram para suas partidas de vôlei. Com a ajuda do grupo finalizou a pintura das placas, faltando apenas a montagem que ficou a cargo das educadoras.

Outra ação proposta foi recordar e fazer brincadeiras de pessoas mais idosas, objetivando analisar o interesse das pessoas por brincadeiras mais antigas. Para a realização montou-se o espaço, e foram expostos alguns jogos tradicionais como dama, jogo da velha e dominó. Algumas placas para chamar a atenção de quem percorria pelo Gaia foram espalhadas, as placas tinham as seguintes frases “Procura-se quem goste de um bom desafio” “chame um amigo e divirta-se” “endereço: caminho da gruta”, e no lugar onde posicionou os jogos, um cartaz com a seguinte frase: “caminho da gruta”. Após deixar tudo pronto, a observação - de longe - prosseguia, enquanto o tempo passava, pessoas chegavam no Gaia.

Na atividade percebeu-se que muitos não se atentam a ler, a única pessoa que fez a leitura do cartaz foi uma criança que perguntou ao adulto que a acompanhava “porque a seta?”, e teve como resposta: “tá falando o caminho”. Apesar do espaço oferecer uma grande diversidade de afazeres, notou-se que muitos ficam grudados na tela do aparelho celular. Após algum tempo, dois adultos reuniram-se para participar de uma partida de jogo da velha, na qual logo se perdeu o interesse por um deles ter perdido a partida, e contou também com algumas crianças que jogavam dominó e jogo da velha, preenchendo todas as partidas. Com a ação nota-se que a grande mídia, o celular e outras modernagens tomaram conta da cabeça das crianças e adolescentes, às deixando presas na telinha, havendo com isso o pouco interesse pelas coisas e momentos simples no qual antigamente eram muito frequentes na vida das pessoas. O parar para conversar, nadar em riachos, brincar de ciranda, roda, entre outras brincadeiras, parece ter ficado num passado distante.

Durante uma atividade com um determinado grupo de adolescentes, ao convidá-los para participar de uma outra atividade, sendo informado o dia de sua realização para que viessem, e surpreendentemente, quando quase estava finalizando a referida atividade eles apareceram, não participaram, mas vieram, e isso foi muito importante, porque, no Livro “A Pedagogia e as Grandes correntes Filosóficas” do autor Bogdan Suchodolski (2002, p. 76), que fala sobre a pedagogia Pedocêntrica, que nada impõe às

crianças, que a grosso modo pode ser entendida como uma pedagogia que parte do interesse do educando.

### **3 Caminho percorrido**

A pesquisa adotada foi a exploratória, na qual há interação entre o pesquisador e a comunidade ou grupo que está sendo estudado. Este tipo de pesquisa baseia-se na integração máxima dos participantes com o ambiente natural dos sujeitos da pesquisa. Como resultado, os pesquisadores são mais capazes de assimilar conhecimentos mais complexos e profundos sobre o tema da pesquisa. Segundo Marconi e Lakatos (2003), o planejamento desse método de pesquisa tende a ser muito mais flexível do que o da pesquisa-ação.

No que se refere à abordagem utilizou-se sociológica, pois é possível aplicar procedimentos sistemáticos e racionais que orientam tanto a prática quanto às ideias. Segundo Marconi e Lakatos (2007, p.17), a metodologia nasce da concepção sobre o que pode ser realizado e a partir da “tomada de decisão fundamenta-se naquilo que se afigura como lógico, racional, eficiente e eficaz”. A abordagem sociológica considera o grupo social, as interações entre os indivíduos e os meios utilizados na sua comunicação. Sendo assim, uma forma excelente de parceria, utilizou-se as técnicas de observação, intervenção e diálogo. Por conseguinte, o objeto de estudo pode ser as diferentes organizações humanas, ou seja, todas as instituições e espaço sociais, e nesse caso, o espaço Gaia Amiga, por ser um ambiente com um variado tipo de público.

Em todos os momentos a observação, escuta e integração do desenvolvimento nas atividades foi marcante. Desse modo, entende-se que o sucesso da pesquisa é impossível sem ela, pois por meio dessas ferramentas, o interesse e a interpretação da experiência de acolhida podem ser compreendidos com mais cuidado, e, portanto, são importantes para avaliar a opinião sobre a proposta, lembrando sempre de revisar as práticas, considerando a importância desta no processo de desenvolvimento de pesquisa. A observação auxilia na percepção dos fatos, fenômenos que ocorrem no local em que os sujeitos estão situados. Tal instrumento ajuda na revisão e na implementação das atividades a serem desenvolvidas.

Outro instrumento utilizado foi a ação empreendida no Gaia Amiga, a partir do projeto previamente elaborado, mas que precisou ser ajustado de acordo com os que

aceitaram participar das atividades previstas. Na realização das atividades contou-se com crianças, adolescentes, jovens e adultos, conforme já dito.

A organização se fez em três etapas no qual envolveu-se a exploração de materiais para saber o que os autores condizem sobre a educação no ambiente natural, alguns dos autores utilizados foram: Libâneo, Paulo Freire, Vygotsky, entre outros. Seguindo assim para observação de como cada indivíduo lidou com a situação proposta. Por último, a análise interpretativa das informações entre ação-reação, se comparou teoria e o comportamento dos participantes durante as atividades realizadas, fazendo a análise do conteúdo expresso nas falas, gestos e ação das pessoas que participaram de todo processo do trabalho.

#### **4 Considerações**

A realização do Estágio-pesquisa representa um instrumento de aproximação mais consistente da teoria com a prática, na medida que se proporciona o vivenciar de estudantes do curso de Pedagogia da UNIR com um ambiente como o Gaia Amiga, pois ali tiveram desafios, precisaram rever conceitos aprendidos, relacionou-se com as pessoas, o que possibilitou afetos. O trabalho tem impacto direto na formação destes como futuros pedagogos, podendo serem mais sensíveis no quefazer das gentes que por eles passarem durante a docência, considerando que futuramente poderão está na escola pública.

O desafio para quem vai desenvolver ações no Gaia é não saber com quem irá lidar e a predisposição das pessoas em envolver-se no projeto, mas a relevância está em poder contar com a capacidade da coordenação em orientar, acolher cada pessoa que chega nesse espaçotempo.

Nesse tempo de execução do estágio-pesquisa se constatou que a ação educativa não acontece apenas em sala de aula, mas que a sociedade está repleta de práticas pedagógicas, pois na frieza das paredes brancas, uma lousa, hoje branca, cadeiras e mesas enfileiradas, um professor falando e os educandos ouvindo, não dá conta de construir conhecimentos, mas, em muitos casos, papagaiar sem sentido na vida das pessoas.

A pesquisa contribuiu para aprender que o trabalho do pedagogo pode dar-se em outros e tantos espaçostempos, ampliando os horizontes como: empresas, hospitais,

associações, igrejas, eventos, emissoras e outros, podendo assim desfazer, preconceitos sobre a atuação do pedagogo fora do ambiente escolar, considerando que no local em que acontecer uma prática educativa existirá uma ação pedagógica não neutra, sob nenhuma hipótese, conforme nos ensina Freire.

Com experiência obtida, considera-se que a escola não deve ter apenas massinhas e papéis, que as coisas advindas da natureza - folhas, galhos, sementes - também serve para educar, habilidades motoras, afetivas e cognitivas, que o espaço aberto dá uma sensação de liberdade de conexão, de poder ser o que é.

Durante as atividades houve testemunhos de melhoras na coordenação motora obtidas por meio da pintura, na medida em que havia suavidade dos detalhes, elaboração de riscos, manuseio de tinta, uso do lápis e pincel, tornaram mais flexíveis os órgãos utilizados (dedos, mãos, braços, entre outras partes do corpo). Tal atividade serviu para o autoconhecimento, criatividade e tranquilizante para as pessoas, pois o contato com a natureza, juntamente com o ambiente alegre recheado de risos, gracejos, compreensão e empatia do nível dos envolvidos, trouxe a ampliação do crédito pessoal em realizar tal ação, o que por consequência pode influenciar na vida fora do Gaia Amiga. Ressaltando que os que frequentam o Gaia, em geral, são pessoas simples que vivem no bairro, mas que também conta com a presença de milhares de estudantes do município de Rolim de Moura e outros dos arredores, como Cacoal, Nova Brasilândia, Novo Horizonte do Oeste, Santa Luzia do Oeste, entre outros. Ali as crianças brincam, divertem-se, pulam, sobem em árvores, observam a natureza, jogam, leem...

A educação em meio à natureza é importante para as crianças na medida em que desde cedo as ajuda aprender a preservar o meio ambiente e a entender que elas fazem parte deste, vivenciando o cultivar e cuidar, porque se as crianças crescem em salas aulas fechadas suas visões muitas vezes não se dão conta do mundo exterior, para lembrar o “mito da caverna de Platão, deixando de descobrir o mundo encantado da luz, flores, cores, rios, lagos, cachoeiras e tudo que é proporcionado pela exuberante natureza.

Outro aspecto importante, conforme pontuado, é a imaginação que a criança tem quando vai para um lugar natural, em que ela pode ver as nuvens, as árvores e os insetos. Ao ter acesso a esse tipo de coisa essas crianças fazem associações, por exemplo, ao ver uma nuvem que se parece com algum animal, objeto, pessoa, e tantas outras formas associativas, a conduz em uma viagem importante e necessária para o seu

desenvolvimento afetivo, cognitivo, pessoal, emocional, ou seja, auxilia na construção de novo ser, ao vivenciar um ambiente que possibilite ver a árvore como algo necessário a ser preservado e menos explorados com dita as regras e objetivos do capital. .

## Referências

ALMEIDA, Maria Salete Bortholazzi- **Educação não formal, informal e formal do conhecimento científico nos diferentes espaços do ensino e aprendizagem**.vol.II. Paraná Governo do Estado. Disponível em > [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_uel\\_bio\\_pdp\\_maria\\_salette\\_bortholazzi\\_almeida.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_bio_pdp_maria_salette_bortholazzi_almeida.pdf)  
Acesso em setembro de 2023.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon:** uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 18. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos:** inquietações e buscas. Educar, Curitiba, n. 17, p. 06 . 2001. Editora da UFPR.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2007.

SUCHODOLSKI, Bogdan- **A pedagogia e a grandes correntes filosóficas:** a pedagogia da essência e da existência. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2002.



## SER HUMANO EDUCAÇÃO E NATUREZA: AS MULTIFUNCIONALIDADES DO MEIO AMBIENTE

Queila da Silva Rufatto Monteiro  
(IE/ UFMT) - queilamonteiroro@gmail.com

Nelbi Alves da Cruz  
(IE/ UFMT) - nelbialves@yahoo.com.br

GT 6: Educação Ambiental, Comunicação e Arte  
**Artigo Completo**

### **Resumo:**

O trabalho é resultante de uma pesquisa-estágio realizada no Espaço Ecológico e Recreativo Gaia Amiga, localizado no município de Rolim de Moura- RO, com o objetivo de compreender como a natureza pode trazer à comunidade aprendizados pedagógicos, perceber como os indivíduos de diferentes faixas etárias interagem com o meio no dia a dia e refletir sobre a importância da educação ambiental, para a Universidade e a comunidade frequentadora do espaço Gaia, houve o envolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos do entorno desse *espaçotempo*. A fim de fundamentar teve-se como apoio as ideias de Freire (2010), Almeida (2014), Suchodolski (2002). Metodologicamente se optou pela pesquisa exploratória, com a abordagem sociológica, tendo como instrumentos a observação e atividades teórico-práticas com os sujeitos da localidade. Os resultados indicaram que o Gaia Amiga representa um espaço de lazer para os envolvidos, uma referência de cuidado com a natureza, visto que são usados, em sua maioria, materiais recicláveis, como parede feita com garrafas de vidros descartáveis, restos de madeiras, o ônibus-biblioteca, rampas de acesso para cadeirantes, o jardim sensorial, entre outros instrumentos de aprendizagem ali existentes.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Natureza. Gaia Amiga

### **1 Introdução**

É essencial mesclar a teoria ministrada em sala de aula com a prática docente, pois assim, compreender a realidade torna-se um processo mais tangível. A pesquisa pretende evidenciar o trabalho realizado no Espaço Gaia Amiga, em Rolim de Moura- RO, e as atividades que foram realizadas para auxiliar o desenvolvimento da consciência sobre a vida em um parque educativo. A intenção foi aproximar a Universidade da comunidade e usar a educação como ferramenta, e assim alcançar outros espaços sociais, numa tentativa de construir uma relação amistosa ao seu entorno, e com isso mostrar que o ensino pode ultrapassar os limites dos muros da instituição escolar.

O Espaço Gaia Amiga, tem uma importância ímpar na sociedade rolimourense, pois oferece a comunidade uma forma de lazer, aprendizado e inclusão. O local conta com um ambiente para leitores, por meio de uma biblioteca-ônibus, quadra de vôlei para quem

Realização



gosta de esportes, além de um espaço inclusivo com brinquedos que contribuem para que cadeirantes também possam se divertir e todos adquirirem novos conhecimentos.

Segundo (Almeida, 2014, p. 10 Apud Gaspar 2005):

Os conhecimentos provêm de uma interação sociocultural e acontece de forma quase imperceptível. Por isso, na visão de Gaspar, esse formato educacional ocorre em espaços que se aproximam muito da educação não formal. Esses espaços, segundo esse autor, são os centros culturais: jardins botânicos, zoológicos, museu de artes ou ciências, [parques]. Pode ocorrer ao ar livre, praças, feiras, estação de metrô em vários espaços onde as pessoas possam interagir e compartilhar saber.

Uma das características dos educadores é a capacidade de dialogar com diferentes temáticas em diferentes espaços, como parques e outros espaços sociais que fogem dos muros da escola, fornecendo assim maiores possibilidades de interação e harmonia, um espaço educativo, unindo comunidade, família, escola e sociedade.

A pesquisa teve como foco a aplicação de atividades que envolvessem o ambiente natural da melhor forma possível e que toda faixa etária pudesse participar nas atividades desenvolvidas, a saber: arte com elementos naturais, pinturas em madeira, artesanatos, descarte correto de lixo, dentre várias ações feitas com os envolvidos. Nesse sentido, para realização das atividades no Gaia, a coordenadora do local sempre sugere que fique algo exposto para preservação do ambiente, como forma de deixar marcas registradas de quem ali realizou uma atividade acadêmica. Vale ressaltar que a coordenadora desse espaçotempo é professora na Universidade Federal de Rondônia, funcionando como projeto de extensão.

Nessa direção, optou-se junto com a coordenação em deixar como simbologia no local um artesanato em madeira, uma árvore da espécie canela e um livro com artes feitas por crianças, adolescentes e adultos, que, por meio de folhas galhos produziram algo que lhes inspiraram.

Metodologicamente se utilizou de uma pesquisa exploratória, com uma abordagem sociológica, envolvendo crianças, adolescentes, jovens e adultos, tendo como instrumentos de coleta das informações a observação participante, entrevista e a realização de atividades com os colaboradores. Após a coleta das informações foi realizada a análise de conteúdo, em que se engloba as falas, gestos, fatos olfatos e outras sensibilidades ali presentes no/com os sujeitos participantes.

Assim, ao realizar esse projeto foi feita uma associação da formação inicial, em especial, o curso de Pedagogia, em um ambiente que expande e exercita a criatividade de quem compartilha essa experiência, pois as pessoas que ali frequentam têm gostos,



cheiros, costumes, tradições, percepções diferenciadas e o estudante que ali estiver precisa ser inventivo e adaptar o que irá fazer com as condições objetivas do Gaia. Isso cria um ambiente de negociações, no bom sentido, para a formação de educador e educando, considerando que se está numa “aula” aberta a todos que estejam dispostos a se envolver. Destaca-se aqui a magnitude da coordenadora que, como autodidata, dialoga, questiona, auxilia, cativa e cria uma dada situação que o interesse coletivo supera o individual.

## **2 A realidade cotidiana do Gaia Amiga: ações, funcionamento e aprendizados**

A Associação Semeando Letras e Cidadania (ASELCI), é uma Organização Não Governamental, sem fins lucrativos que foi fundada em 2010, atende crianças e adolescentes em situação de risco ou não, trabalhando com a cidadania e investe em projetos socioculturais como a manutenção do Espaço Ecológico e Recreativo Gaia Amiga (E.E.R.G.A), sendo também sua representante legal.

O Espaço Gaia Amiga está localizado no bairro planalto, foi pensado para servir como um local de lazer para as famílias das proximidades, seu principal objetivo é promover um ambiente que tenha condições propícias ao esporte, lazer, cultura e também um centro de convivência social educativo.

A instituição tem como objetivo básico a implantação de um ambiente lúdico, cultural e recreativo, outro objetivo não menos importante, é oferecer um espaço para que acadêmicos das áreas das ciências humanas e ambientais possam realizar estágios, planejar e executar projetos e implantar pesquisas nas referidas áreas de seus cursos. O E.E.R.G.A como uma organização sem fins lucrativos, sua manutenção é oriunda de contribuições de patrocinadores do projeto já devidamente constatados e financiamentos do poder público ou iniciativa privada de concorrência a editais públicos para fins específicos.

Sobre sua importância para profissionais da educação, o ambiente oferece condições para realizar práticas pedagógicas, voltadas para meio ambiente, natureza, jogos, vida social, brincadeiras, entre outros, dependendo assim do interesse e criatividade de cada um dos estudantes e pessoas que colaboram com a existência do Gaia. Destaca-se que as práticas educativas não são somente numa sala de aula formal entre paredes, mas o ambiente em geral proporciona meios para que seja construída uma práxis educativa. Segundo a interpretação de Libâneo (2001, p. 04):

Não há sociedade sem práticas educativas. Pedagogia diz respeito a uma reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho educativo. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas.

Todavia, qualquer atividade ou projeto cuja finalidade seja ensinar algo, é considerado como prática educativa e não limitando apenas a espaços escolares. Desse modo, o Espaço Gaia Amiga conta com um ônibus-biblioteca para proporcionar aos leitores livros, revistas, histórias, tendo como consequência uma viagem nas linhas escritas nesse importante instrumento de aprendizagem, ou seja, estão adquirindo um saber/conhecimento que se corporaliza a quem tem a disposição de parar e ler. Esse ônibus estava parado em algum lugar do município e hoje serve a comunidade, deixando de ser um “lixo” e se tornando um “luxo”.

Nessa perspectiva de preservação do meio ambiente foi construído um banheiro seco, em que não se usa água para descarga e para quem visita o Gaia e o usa percebe que não traz o “mal” cheiro, comum em outros toalhetes encontrados em algumas rodoviárias e restaurantes às margens de rodovias. Também há rampas de acesso para cadeirantes e deficientes visuais, como também brinquedo para cadeirantes. Conta com um espaço sensorial, em que podem ser aguçados a audição, tato, paladar, olfato e a visão, em que as plantas são expostas em uma mesa e cada envolvido passa a reconhecer cada sentido ao tocar, cheirar etc.

Nesse ambiente, que era uma quiçaca, hoje está em processo de conservação e preservação um córrego, que ainda é temporário e uma pedra que a natureza, com seus contornos invisíveis possibilitou uma gruta e sua aguinha corrente, servindo para o delírio e o refrescar de crianças, jovens e adultos circundantes.

A manutenção da EERGA é feita por meio de doações, voluntários de serviços, projetos e também pelos estagiários que frequentam o local. Os projetos atuais em desenvolvimento são as formiguinhas cortadeiras, objetivando ressignificar roupas usadas que seriam descartadas, e o Madeirarte, cuja finalidade é o reaproveitamento de madeira e fazer peças artesanais a serem vendidas e/ou para decoração nas casas dos que participam do curso.

## 2.1 Gaia Amiga: com a mão na massa

Inicialmente para a execução do trabalho foi feita a observação participante do Gaia, a fim de tomar pé do que é esse espaçotempo e perceber o que poderia ser feito durante o tempo que ali se realizaria a ação. Após essa etapa organizou-se um planejamento de atividades possíveis a serem feitas, conforme o apoio e orientação da coordenadora. Nesse plano foi pensado como primeira atividade a “oficina de arte com produtos naturais”, com o objetivo de despertar o interesse pela arte, e, especificamente proporcionar um momento educativo e descontraído, desenvolver a imaginação e estimular a criatividade. O exercício consistiu na produção de um livro feito com materiais da natureza, por exemplo: sementes, folhas, flores, galhos, entre outros existentes no ambiente que pudesse servir de inspiração.

Inicialmente convidou-se as pessoas que estavam no local para participar da atividade proposta, algumas pessoas não aceitaram o convite, a rejeição ocorreu quando este foi realizado para adolescentes, mas ainda assim, contou-se com a participação de crianças, adolescentes e adultos. Para a confecção do livro utilizou-se 17 páginas, com diversas artes. No decorrer da atividade perguntou-se o que o desenho ou a imagem representava, obteve-se as seguintes respostas “barba de um homem e árvores”, “natureza, borboleta e flores”, “semente germinando”, “sereia” e “flores e folhas”, essas foram as principais respostas, haja vista que, muitas se repetiram.

Na confecção do livro obteve-se uma participante com Síndrome de Down, essa se mostrou contente em participar, apresentou coordenação motora ao fazer as colagens com sementes, seus desenhos representavam “balanço/escorregador” e um outro que era uma “varinha mágica”, a família dela estava na cidade participando do encontro de Motorhome, e foi visitar o Espaço Gaia Amiga.

Para Vygotsky (1978, p.90), “A aprendizagem é um processo social que ocorre na interação com outras pessoas e com o ambiente físico e cultural em que vivemos”. Seguindo a ideia do autor, percebeu-se que no momento de contato com o produto físico, surgiram as inspirações, pois enquanto estava só na explicação oral do que era pra ser feito “não tenho ideia” “o que vou fazer?”. Era a indagação e observação que mais recorria.

Como dito acima, na atividade de arte com produtos naturais, dedicou-se um momento para fazer a montagem do livro, no qual ficou para as integrantes do grupo realizá-lo, sendo feita a seleção de 17 artes e utilizou-se de perfurador de papel, tesoura e

Realização

linha para fazer a amarração das páginas. Após a oficina de artes com produtos naturais, ocorreu a abertura da obra, que ficou exposto no local.

Outra atividade desenvolvida foi a pintura, que fora dividida em dois momentos pois um não foi suficiente, todas as oficinas serviram de aprendizado para a confecção desta peça. No primeiro momento foi realizada a “procura” de pessoas para participar da atividade, neste dia não tinha muitas pessoas no local, para tanto algumas delas que foram propostas a atividade aceitaram participar, sendo escolhida a cor de cada placa, e, assim começaram as pinturas. Participaram neste dia, três adolescentes e um adulto de 40 anos, em que foi transmitido o passo a passo da pintura de fundo e iniciou-se a ação educativa. Percebeu-se que ao pintar as letras, a mulher que já tinha finalizado não gostou do resultado, alegando que tinha borrado muito, então, foi dito que não tinha problemas, e que seria fácil de corrigir o borrado e para isso era só contornar.

Um dos aspetos a ser destacado é que ao realizar a atividade educador e educando interagem e criam algum vínculo afetivo, cultural, entre tantos possíveis que podem perdurar ou não, mas que cria significados para ambos. Nessa direção, Wallon, *apud* Galvão (2008), assevera que “a afetividade tem papel imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade”. Mesmo ao trabalhar com adulto pode-se afetá-lo de alguma maneira, esse afeto pode ser incentivador ou desmotivador, por isso é importante afetar de maneira positiva, pois as personalidades mudam para o bem ou mal. O educador precisa saber como atuar nas diversas situações.

Como informado previamente, a arte no artesanato foi em dois momentos e para finalizar convidou-se um grupo de adolescentes que já tinham participado da atividade “oficina de artes com produtos naturais”, o grupo participou novamente, a tarefa deles era somente pintar, com os desenhos e letras prontos, as cores, de escolha livre. Alguns precisavam de ideias e foi sugerido algumas que servissem de inspiração. Segundo Freire (2010, p. 11), a tarefa do educador é [...], exigente de seriedade, de preparo físico, emocional e afetivo”. Como esclarecido anteriormente, foi realizado todo o preparo necessário para auxiliar qualquer que fosse a dúvida, estando em conformidade com o que o autor Paulo Freire pontua.

Como resultado da ação, um dos adolescentes afirmou que a pintura não era para ele, declarando não ter coordenação motora suficiente para tal ofício, no entanto, ele executou a atividade com êxito. Logo terminou as obras de artes e seguiram para suas partidas de vôlei. Com a ajuda do grupo finalizou a pintura das placas, faltando apenas a montagem que ficou a cargo das educadoras.

Outra ação proposta foi recordar e fazer brincadeiras de pessoas mais idosas, objetivando analisar o interesse das pessoas por brincadeiras mais antigas. Para a realização montou-se o espaço, e foram expostos alguns jogos tradicionais como dama, jogo da velha e dominó. Algumas placas para chamar a atenção de quem percorria pelo Gaia foram espalhadas, as placas tinham as seguintes frases “Procura-se quem goste de um bom desafio” “chame um amigo e divirta-se” “endereço: caminho da gruta”, e no lugar onde posicionou os jogos, um cartaz com a seguinte frase: “caminho da gruta”. Após deixar tudo pronto, a observação - de longe - prosseguia, enquanto o tempo passava, pessoas chegavam no Gaia.

Na atividade percebeu-se que muitos não se atentam a ler, a única pessoa que fez a leitura do cartaz foi uma criança que perguntou ao adulto que a acompanhava “porque a seta?”, e teve como resposta: “tá falando o caminho”. Apesar do espaço oferecer uma grande diversidade de afazeres, notou-se que muitos ficam grudados na tela do aparelho celular. Após algum tempo, dois adultos reuniram-se para participar de uma partida de jogo da velha, na qual logo se perdeu o interesse por um deles ter perdido a partida, e contou também com algumas crianças que jogavam dominó e jogo da velha, preenchendo todas as partidas. Com a ação nota-se que a grande mídia, o celular e outras modernagens tomaram conta da cabeça das crianças e adolescentes, às deixando presas na telinha, havendo com isso o pouco interesse pelas coisas e momentos simples no qual antigamente eram muito frequentes na vida das pessoas. O parar para conversar, nadar em riachos, brincar de ciranda, roda, entre outras brincadeiras, parece ter ficado num passado distante.

Durante uma atividade com um determinado grupo de adolescentes, ao convidá-los para participar de uma outra atividade, sendo informado o dia de sua realização para que viessem, e surpreendentemente, quando quase estava finalizando a referida atividade eles apareceram, não participaram, mas vieram, e isso foi muito importante, porque, no Livro “A Pedagogia e as Grandes correntes Filosóficas” do autor Bogdan Suchodolski (2002, p. 76), que fala sobre a pedagogia Pedocêntrica, que nada impõe às crianças, que a grosso modo pode ser entendida como uma pedagogia que parte do interesse do educando.

### **3 Caminho percorrido**

A pesquisa adotada foi a exploratória, na qual há interação entre o pesquisador e a comunidade ou grupo que está sendo estudado. Este tipo de pesquisa baseia-se na

integração máxima dos participantes com o ambiente natural dos sujeitos da pesquisa. Como resultado, os pesquisadores são mais capazes de assimilar conhecimentos mais complexos e profundos sobre o tema da pesquisa. Segundo Marconi e Lakatos (2003), o planejamento desse método de pesquisa tende a ser muito mais flexível do que o da pesquisa-ação.

No que se refere à abordagem utilizou-se sociológica, pois é possível aplicar procedimentos sistemáticos e racionais que orientam tanto a prática quanto às ideias. Segundo Marconi e Lakatos (2007, p.17), a metodologia nasce da concepção sobre o que pode ser realizado e a partir da “tomada de decisão fundamenta-se naquilo que se afigura como lógico, racional, eficiente e eficaz”. A abordagem sociológica considera o grupo social, as interações entre os indivíduos e os meios utilizados na sua comunicação. Sendo assim, uma forma excelente de parceria, utilizou-se as técnicas de observação, intervenção e diálogo. Por conseguinte, o objeto de estudo pode ser as diferentes organizações humanas, ou seja, todas as instituições e espaço sociais, e nesse caso, o espaço Gaia Amiga, por ser um ambiente com um variado tipo de público.

Em todos os momentos a observação, escuta e integração do desenvolvimento nas atividades foi utilizada. Desse modo, entende-se que o sucesso da pesquisa é impossível sem ela, pois por meio dessas ferramentas, o interesse e a interpretação da experiência de acolhida podem ser compreendidos com mais cuidado, e, portanto, são importantes para avaliar a opinião sobre a proposta, lembrando sempre de revisar as práticas, considerando a importância desta no processo de desenvolvimento de pesquisa. A observação auxilia na percepção dos fatos, fenômenos que ocorrem no local em que os sujeitos estão situados. Tal instrumento ajuda na revisão e na implementação das atividades a serem desenvolvidas.

Outro instrumento utilizado foi a ação empreendida no Gaia Amiga, a partir do projeto previamente elaborado, mas que precisou ser ajustado de acordo com os que aceitaram participar das atividades previstas. Na realização das atividades contou-se com crianças, adolescentes, jovens e adultos, conforme já dito.

A organização se fez em três etapas no qual envolveu-se a exploração de materiais para saber o que os autores condizem sobre a educação no ambiente natural, alguns dos autores utilizados foram: Libâneo, Paulo Freire, Vygotsky, entre outros. Seguindo assim para observação de como cada indivíduo lidou com a situação proposta. Por último, a análise interpretativa das informações entre ação-reação, se comparou teoria e o comportamento dos participantes durante as atividades realizadas, fazendo a análise do

Realização

conteúdo expresso nas falas, gestos e ação das pessoas que participaram de todo processo do trabalho.

#### 4 Considerações

A realização do Estágio-pesquisa representa um instrumento de aproximação mais consistente da teoria com a prática, na medida que se proporciona o vivenciar de estudantes do curso de Pedagogia da UNIR com um ambiente como o Gaia Amiga, pois ali tiveram desafios, precisaram rever conceitos aprendidos, relacionamos e afetos, o que implica na formação destes como futuros pedagogos, podendo serem mais sensíveis no que fazer da classe trabalhadora, considerando que futuramente poderão estar na escola pública.

O desafio para quem vai desenvolver ações no Gaia é não saber com quem irá lidar e a predisposição das pessoas em envolver-se no projeto, mas o consolo é que pode-se contar com a capacidade da coordenação em orientar, acolher cada pessoa que chega nesse espaço-tempo.

Nesse tempo de execução do estágio-pesquisa se constatou que a ação educativa não acontece apenas em sala de aula, mas que a sociedade está repleta de práticas pedagógicas, pois na frieza das paredes brancas, uma lousa, hoje branca, cadeiras e mesas enfileiradas, um professor falando e os educandos ouvindo, não dá conta de construir conhecimentos, mas, em muitos casos, papagaiar sem sentido na vida das pessoas.

A pesquisa contribuiu para aprender que o trabalho do pedagogo pode dar-se em outros e tantos espaços-tempo, ampliando os horizontes como: empresas, hospitais, associações, igrejas, eventos, emissoras e outros, podendo assim desfazer, preconceitos sobre a atuação do pedagogo fora do ambiente escolar, considerando que no local em que acontecer uma prática educativa existirá uma ação pedagógica não neutra, sob nenhuma hipótese, conforme nos ensina Freire.

Com experiência obtida, considera-se que a escola não deve ter apenas massinhas e papéis, que as coisas advindas da natureza - folhas, galhos, sementes - também serve para educar, habilidades motoras, afetivas e cognitivas, que o espaço aberto dá uma sensação de liberdade de conexão, de poder ser o que é.

Durante as atividades houve testemunhos de melhoras na coordenação motora obtidas por meio da pintura, na medida em que havia suavidade dos detalhes, elaboração de riscos, manuseio de tinta, uso do lápis e pincel, tornaram mais flexíveis os órgãos

Realização

utilizados (dedos, mãos, braços, entre outras partes do corpo). Tal atividade serviu para o autoconhecimento, criatividade e tranquilizante para as pessoas, pois o contato com a natureza, juntamente com o ambiente alegre recheado de risos, gracejos, compreensão e empatia do nível dos envolvidos, trouxe a ampliação do crédito pessoal em realizar tal ação, o que por consequência pode influenciar na vida fora do Gaia Amiga.

Ressaltando que os que frequentam o Gaia, em geral, são pessoas simples que vivem no bairro, mas que também conta com a presença de milhares de estudantes do município de Rolim de Moura e outros dos arredores, como Cacoal, Nova Brasilândia, Novo Horizonte do Oeste, Santa Luzia do Oeste, entre outros. Ali as crianças brincam, divertem-se, pulam, sobem em árvores, observam a natureza, jogam, leem...

A educação em meio à natureza é importante para as crianças na medida em que desde cedo as ajuda aprender a preservar o meio ambiente e a entender que elas fazem parte deste, vivenciando o cultivar e cuidar, porque se as crianças crescem em salas aulas fechadas suas visões muitas vezes não se dão conta do mundo exterior, para lembrar o “mito da caverna de Platão, deixando de descobrir o mundo encantado da luz, flores, cores, rios, lagos, cachoeiras e tudo que é proporcionado pela exuberante natureza.

Outro aspecto importante, conforme pontuado, é a imaginação que a criança tem quando vai para um lugar natural, em que ela pode ver as nuvens, as árvores e os insetos. Ao ter acesso a esse tipo de coisa essas crianças fazem associações, por exemplo, ao ver uma nuvem que se parece com algum animal, objeto, pessoa, e tantas outras formas associativas, a conduz em uma viagem importante e necessária para o seu desenvolvimento afetivo, cognitivo, pessoal, emocional, ou seja, auxilia na construção de novo ser, ao vivenciar um ambiente que possibilite ver a árvore como algo necessário a ser preservado e menos explorados com dita as regras e objetivos do capital. .

## Referências

ALMEIDA, Maria Salete Bortholazzi- **Educação não formal, informal e formal do conhecimento científico nos diferentes espaços do ensino e aprendizagem**.vol.II. Paraná Governo do Estado. Disponível em > [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_uel\\_bio\\_pdp\\_maria\\_salete\\_bortholazzi\\_almeida.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_bio_pdp_maria_salete_bortholazzi_almeida.pdf)  
Acesso em setembro de 2023.

FREIRE. **Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 2010.



GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 18. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas**. Educar, Curitiba, n. 17, p. 06 . 2001. Editora da UFPR

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2007.

SUCHODOLSKI, Bogdan- **A pedagogia e a grandes correntes filosóficas: a pedagogia da essência e da existência**. 2º ed. São Paulo: centauro, 2002.

VYGOSTSKY, L.S. **Mente na sociedade: O Desenvolvimento de processos Psicológicos superiores**, 1978.



**semiEDU**  
**2023**

**GT6**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL,  
COMUNICAÇÃO E ARTE**

*RELATOS DE EXPERIÊNCIA*





## EDUCOMUNICAÇÃO AMBIENTAL NO QUILOMBO: CRISES E RESISTÊNCIAS EM MATA CAVALO

Emanuelle Caroline Candido da Costa  
(UFMT) – emanuellecariolinc@gmail.com

Sara Espírito Santo de Paula  
(UFMT) - saraespsanto@gmail.com

Thiago Cury Luiz  
(UFMT) – thiago.luiz@ufmt.br

GT 6: Educação Ambiental, Comunicação e Arte  
**Relato de Experiência**

### **Resumo:**

Este estudo visa demonstrar a potência do paradigma educacional para externar a percepção e o entendimento de estudantes do ensino médio da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda, situada na comunidade quilombola de Mata Cavallo, a respeito do fenômeno da emergência climática. Em específico, propomos o desenvolvimento de processos formativos no âmbito da Educação Ambiental e Produção Midiática com 20 estudantes da instituição escolar, tendo como intuito debater com os estudantes práticas sustentáveis, como, também, a produção de materiais educacionais a partir desse diálogo. Nesta imersão, constatamos que os alunos compreenderam a sua potência e importância, com destaque a produção de vídeo contando a história de grandes nomes da comunidade e, apesar da dificuldade em responder às questões ambientais, quando oferecemos as atividades, os adolescentes foram levados a pensar de maneira crítica. Desta forma, concluímos que foram alcançados resultados positivos em relação à compreensão da emergência climática pelos estudantes, na medida em que os conteúdos audiovisuais elaborados pelos estudantes problematizaram as questões ambientais do quilombo, além de marcar posição quanto à história e a cultura da comunidade tradicional.

**Palavras-chave:** Educação. Educação Ambiental Popular. Emergência Climática. Quilombo Mata Cavallo.

### **1 Introdução**

O objetivo deste trabalho é mostrar e debater a potência do paradigma educacional (Soares, 2011) para externar a compreensão de estudantes do ensino médio da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda, situada na comunidade quilombola de Mata Cavallo, a respeito da emergência climática e suas implicações para a humanidade, em especial às populações em situação de vulnerabilidade. Para isso, foram realizadas as oficinas de Meio Ambiente e produção de vídeo, ancoradas nos pressupostos da pesquisa-participante (Peruzzo, Bassi & Silva Júnior, 2022), resultando na elaboração dos materiais

educativos audiovisuais. Para Areval (2018), a história da escola é marcada pela luta e resistência da comunidade quilombola.

A comunidade quilombola utiliza a educação como forma de fortalecer e reconhecer o seu território ao mesmo tempo em que busca romper com as restrições e descasos com que esta população vem sendo tratada ao longo dos anos. Muito mais do que paredes e carteiras, a escola quilombola é um local vivo, repleto do suor de homens e mulheres negros e negras que enfrentaram a opressão e a discriminação para colocar esta escola de pé com o propósito de mudar o curso da história, possibilitando acesso a educação pela população quilombola (Areval, 2018).

Em vista de apresentar um contexto histórico da escola que foi o *locus* desta pesquisa, Areval (2018) detalha que não havia escolas na comunidade quilombola e que, após muita luta, Antônio Mulato, uma das lideranças do território, conseguiu que enviassem uma professora para atender à comunidade. Entretanto, na ocasião, a professora se negou a ensinar crianças negras, proporcionando acesso à educação somente para crianças que fossem filhos de pessoas brancas.

Na década de 50, com o retorno à comunidade de Tereza Conceição de Arruda, filha do líder quilombola, como professora, foi possível iniciar, pela primeira vez, as atividades do magistério no território, ministrando aulas no quintal de casa. No entanto, por uma decisão política, a docente foi deslocada para a cidade, deixando o quilombo, novamente, sem atividade escolar (Areval, 2018)

De 1996 a 2007, o quilombo contou com o funcionamento da Escola Municipal São Benedito, na qual atuavam duas professoras, filha e neta da Senhora Tereza. Era de responsabilidade das professoras toda a manutenção da escola, ficando como função da prefeitura apenas o salário. Assim, as professoras eram, também, administradoras, merendeiras, faxineiras, zeladoras, entre outras atividades (Areval, 2018).

Em 2012, o Estado de Mato Grosso entregou a escola para a comunidade, que ganhou o nome Tereza Conceição de Arruda, a primeira professora quilombola, que foi um expoente na luta pelo acesso à educação e uma grande liderança junto à comunidade. Areval (2018, p. 87) considera que “a construção da nova escola marca, na história quilombola, mais uma conquista e passa a ser um novo território de resistência, sonhos e possibilidades para esta comunidade”.

Nas escolas, em especial nas rurais, o espaço escolar é também compreendido como um ambiente de convívio comunitário. São realizadas nas instituições festas tradicionais, regionais, religiosas, assembleias, ou seja, na escola rural acontecem praticamente todos os eventos da comunidade. De acordo com Areval (2018, p. 88), “a escola Tereza Conceição de Arruda além de marcar historicamente a luta quilombola, é espaço político e de fortalecimento da comunidade”.

A Comunidade Quilombola de Mata Cavalo está localizada no Município de Nossa Senhora do Livramento-MT, a aproximadamente 60 quilômetros de Cuiabá, capital de Mato Grosso. O território tem aproximadamente 14.700 hectares, divididos em seis associações: Ponte da Estiva/Ourinhos, Mutuca, Aguaçu, Mata Cavalo de Baixo, Mata Cavalo de Cima e Capim Verde (Abreu, 2019). De acordo com a história local, a comunidade recebeu este nome devido a um córrego que, em período chuvoso, impedia que os cavalos o atravessassem, recebendo o nome de o “córrego que Mata Cavalo” (Abreu, 2019).

As oficinas de Meio Ambiente e de produção de vídeos foram realizadas com adolescentes estudantes da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda, onde desenvolvemos as atividades de pesquisa e discussão sobre os aspectos da crise climática no Brasil e no mundo e questionaram os estudantes a respeito da forma como o quilombo pode ser impactado por ela.

As oficinas ocorreram em 13 e 26 de setembro de 2023, nas dependências da escola. O grupo foi composto por aproximadamente 20 adolescentes, na faixa etária entre 15 e 19 anos.

### **3 Entre teorias e métodos, as estampas desenvolvidas na escola**

Tendo Paulo Freire como referência teórico-metodológica principal (1987; 1996; 2013; 2018), no escopo da educação dialógica, da troca de saberes e do ser-mais, além de Peruzzo, Bassi e Silva Júnior (2022) e Michèle Sato (2011), com as bases da pesquisa-participante e da cartografia do imaginário, respectivamente, em 16 de julho, estabelecemos contato prévio com as gestoras responsáveis pela escola (diretora e coordenadora pedagógica) para discutirmos o formato e o conteúdo das dinâmicas, em alinhamento com a pesquisa desenvolvida no âmbito do projeto de pesquisa. As mesmas aprovaram a nossa ideia e deram muitas contribuições: a proposta inicial era trabalhar com os discentes dos ensinos

fundamental e médio, contudo, elas nos explicaram que a maturidade e aceitação das propostas das oficinas seriam mais aplicadas ao perfil dos estudantes do ensino médio.

Foi esclarecido aos responsáveis que, após a finalização da escrita da dissertação, iremos elaborar um relatório sobre as oficinas e apresentar para os comunidade envolvida. Também foi esclarecido que, no decorrer das oficinas, os estudantes seriam motivados a produzir materiais educacionais. Outro tópico do nosso contato com as gestoras escolares foi acerca do horário no qual as atividades ocorreriam: decidimos que iríamos permanecer na escola durante o período vespertino, uma vez que a mesma está sob um regime de estudos em período integral, ou seja, constatamos que os adolescentes se encontravam na escola das 7 às 16 horas. Sendo assim, as nossas atividades aconteceram em 13 e 26 de setembro de 2023, nas dependências da escola, no período da tarde. A proposta das atividades educacionais estabelecia que elas seriam desenvolvidas dentro do próprio território escolar.

A Oficina do dia 13 de setembro foi referente à temática Meio Ambiente. No começo da oficina, apresentamos manchetes jornalísticas sobre a crise climática e abrimos para a discussão em sala, para que os mesmos compartilhassem as suas opiniões sobre aquelas manchetes. Neste momento, tivemos um pouco de dificuldade, pois os estudantes viam a crise climática como algo distante do quilombo. Nesta hora, foi fundamental a apresentação de vídeos sobre o depoimento de vítimas de eventos climáticos para chamar a atenção dos mesmos.

A oficina promoveu a apresentação dos conceitos de emergência e justiça climática, racismo ambiental e a relação da comunicação com as questões raciais. A proposta da oficina era que os mesmos compreendessem os conceitos relacionados anteriormente, para que, na Oficina de produção de vídeo, fosse possível correlacionar os eventos climáticos que estão acontecendo no território do quilombo com os conceitos apresentados.

Com o objetivo de que os estudantes refletissem profundamente sobre a emergência climática, propomos que caracterizassem, em *post-its*, a relação dos quatro elementos: água, ar, terra e fogo (Sato, 2011) com o eixo História, Natureza e Memória. Ou seja, o estudante deveria escrever no *post-it* a relação deles com a água, o ar, a terra e o fogo quando ele era criança, como está agora e como ele gostaria que estivesse no futuro. Já a segunda atividade

foi acerca do eixo Cultura, na qual os estudantes caracterizaram os elementos culturais do quilombo.

No segundo dia de oficina (26/09), duas semanas depois da primeira ofertada (13/09), foi proposta aos estudantes a realização de três sequências de produções de vídeo, sendo realizadas em grupo com até cinco adolescentes, com foco nas vivências históricas, culturais e ambientais que fazem parte de seu cotidiano. No início, foi exibido para os alunos um guia de orientação de planos e ângulos que auxiliaria na elaboração desses vídeos. Quando foi o momento iniciar a produção, encontramos, de partida, certa resistência por parte dos estudantes, muito acanhados e tímidos, e, por isso, uma parcela minoritária se absteve, mas conseguimos mobilizar três grupos, somando ao em torno de 15 estudantes, para completar todas as propostas.

A primeira atividade teve como eixo principal trazer à tona o reconhecimento por parte deles sobre a história do quilombo, fazendo com que eles identificassem e contassem a história de pessoas importantes para a escola e a comunidade quilombola. Os estudantes filmaram a si mesmos respondendo a essa questão, além de entrevistarem outra pessoa. Neste caso, as professoras foram escolhidas para dar o depoimento, em formato semelhante ao da entrevista jornalística.

Durante a primeira produção, um dos grupos, optando pelo formato de filmar a si próprio, reconheceu a importância da própria Tereza Conceição Arruda, que lutou pela construção da escola e educação na comunidade do Quilombo, além de entrevistar Sandra Aparecida, a secretária escolar. Então, ao passo que eles fazem esse resgate histórico reconhecendo a importância do empenho e dedicação de Tereza, também são capazes de perceber a relevância de quem faz parte da administração escolar no atual momento.

Já a segunda atividade teve como foco buscar entender como é a relação deles com o meio ambiente, além do uso da horta que a escola possui, o uso do rio, as dificuldades de se morar no quilombo e quanto ao uso do fogo na comunidade, entendendo seus benefícios e malefícios. A dinâmica de gravação aconteceu do mesmo modo, filmando a si mesmo e entrevistando uma pessoa de fora do grupo.

Os grupos vão se espalhando pelo pátio à medida que interagem mais com as atividades. Nesta parte, alguns escolheram gravar debaixo da árvore perto da horta, outros optaram pelo cenário ao lado com uma pintura na parede escrita “eu amo Mata Cavalos”. O ato de refletir no

espaço de filmagem, a posição do celular para a gravação e até nas perguntas do roteiro, nos indica maior aderência à oficina proposta com o passar das horas.

Nessa parte, um grupo se propôs a fazer uma entrevista *ping-pong* (pergunta e resposta), entre as duas pessoas do grupo. Eles identificaram a utilidade do rio para pesca e banho, a maior dificuldade de morar no quilombo, que é o quesito da mobilidade, sendo uma distância muito grande entre a comunidade e a cidade. O uso do fogo para auxiliar na limpeza do terreno, mas também como fator principal da degradação ambiental. Já no assunto referente à horta, comentaram sobre alguns legumes plantados. Observamos que outro grupo teve uma ideia diferente: eles entrevistaram o professor responsável pela horta, que serviu como cenário durante a própria entrevista. Um dos estudantes fez questionamentos para o professor sobre como funciona a logística do transporte das mudas e quais são plantadas. No momento da gravação a horta estava sem cultivo, mas, quando há, as mudas vêm da própria comunidade ou são compradas no município de Várzea Grande, conta o professor. Ali, são plantados rabanetes, couves, alface e rúculas.

Ao fim dessa segunda atividade, observamos, por parte dos discentes, reflexões sobre o ambiente em que estão inseridos. Para a maioria das perguntas que foram feitas, eles já tinham conhecimento da resposta, mas o ato de pensar de uma maneira mais reflexiva pode ajudar na criação de identidade a partir dessas vivências, além de reconhecê-las.

Com o objetivo de observar como eles entendem a cultura que os permeiam, no terceiro exercício foi pedido para que filmassem a Casa da Cultura Quilombola, explicando seu significado e importância para a comunidade. A Casa da Cultura é um espaço-memória construído ao lado da escola, no mesmo terreno. Lá são guardados alguns elementos que contam um pouco da história do quilombo e outros objetos regionais. Nesta última proposta, o grupo deveria gravar o cenário e uma narração para explicar o que estava sendo mostrado.

Na última parte da oficina, os estudantes foram desinibidos durante a produção. Foi uma atividade que levou mais tempo, mas que eles acabaram se dedicando mais para a sua edição. Eles apresentaram a Casa da Cultura, realizando imagens externas, da chegada até ao lugar. Identificaram os elementos ali expostos, além da importância para se contar a história de Mata Cavalu. Um estudante filmou o colega mostrando e explicando a exposição. Logo depois, reservaram um tempo para a edição desses vídeos: usaram recursos de aceleração de imagens, houve também a sobreposição de áudio (gravado à parte) em cima do vídeo. Por fim, além de



mostrar o espaço cultural, apresentaram a escola para quem vem de fora. Ao final, os estudantes compartilharam as produções no grupo de WhatsApp criado neste mesmo dia.

#### **4 Alguns desfechos e outras possibilidades**

O Quilombo Mata Cavalo reúne pessoas que estão interligadas pela ancestralidade e luta comum. Para os moradores desta comunidade, o território não é apenas um pedaço de terra, mas toda a herança de sua cultura enraizada, seus conhecimentos e lutas, além de ser um espaço de sociabilidade e agricultura de subsistência (Abreu, 2019).

Atualmente, a escola atende cerca de 211 estudantes entre educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos), de acordo com os dados do Portal QEdu, que reúne dados educacionais e teve como fonte o Censo Escolar (QEdu, 2022).

Os estudantes, ainda que tímidos, compreendem a importância do espaço que ocupam, na medida em que, na produção dos vídeos, deram destaque a grandes símbolos de resistência da comunidade. Apesar da dificuldade de responder às questões ambientais, quando oferecemos as atividades, os jovens são levados a pensar de maneira crítica. Ao entrarem em discussão em busca de respostas para serem gravadas em vídeo, eles reconhecem os desafios enfrentados por eles ao estudar na Comunidade Quilombola e chegam a um consenso. E, atrelado ao processo da educomunicação, observamos que mesmo não oferecendo nenhum guia de edição de vídeos, os grupos souberam aplicar essas funções mesmo sem conhecimento dos termos técnicos. Sem nenhuma orientação sobre ambientalização de cenários, aplicam a técnica de forma apropriada, discernindo sempre qual o melhor espaço de gravação.

Colocar em prática tudo o que estudamos em um ano ajudou para que toda nossa base teórica fizesse sentido. Deste modo, reconhecemos a importância do projeto tanto para a vida acadêmica quanto para a vida pessoal, durante as produções, os conceitos discutidos pelo grupo de pesquisa se fizeram presente, como se a metodologia freireana (1987; 1996; 2013; 2018) passasse diante dos nossos olhos e entendêssemos os processos intrínsecos a ele.

#### **Referências**

ABREU, Adrianny de Arruda. **Uma escola no Quilombo: a história da educação, lutas e resistências na Comunidade Quilombola de Mata Cavalo**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1P6gBa3v5Ll40x4duqzSLpE8MpB9HZEfu/view>. Acesso em: 09 out. 2023.

AREVAL, Amanda Martins de Espíndula. **Entre linhas e nós: um olhar da educação ambiental sobre o currículo na Comunidade Quilombola de Mata Cavalo**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2018. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1mLtMRCMdj0xhVdc5Kjq0\\_owwB4gxp2x6/view](https://drive.google.com/file/d/1mLtMRCMdj0xhVdc5Kjq0_owwB4gxp2x6/view). Acesso em: 09 out. 2023.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 16ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 57ª.ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

QEdU. **EE Tereza Conceição de Arruda** (s/d). Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/51168804-ee-tereza-conceicao-de-arruda>. Acesso em: 09 out. 2023.

PERUZZO, C. M. K.; BASSI, I. G. .; SILVA JUNIOR, C. H. F. . Diálogo em Paulo Freire nas interfaces com a comunicação popular e comunitária e a pesquisa participante. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 33-48, 2022. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v27i2p33-48. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/192916>. Acesso em: 01 ago. 2023.

SATO, Michèle. Apaixonadamente pesquisadora em Educação Ambiental. **EDUCAÇÃO: Teoria e Prática** - vol. 9, nº 16, jan.-jun.-2001 e nº 17, jul-dez - 2001, p. 24-35. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/1600/1361>. Acesso em: 01 ago. 2023.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. 3.ed. São Paulo: Editora Paulinas, 2011.



## ARBORIZAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR COMO FERRAMENTA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Edinalda Milioranza Gomes  
(SEDUC/MT) - milioranzaedi@gmail.com

GT 6: Educação Ambiental, Comunicação e Arte  
**Relato de Experiência**

### **Resumo:**

Este projeto tem como meta promover a educação ambiental por meio do conhecimento e do plantio de espécies da flora regional no ambiente escolar, sendo direcionado aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental e ao 2º Segmento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Escola Estadual Heliodoro Capistrano da Silva, em Cuiabá/MT. Em formato de estudo descritivo e relato de experiência, realizado na disciplina de Ciências da Natureza, os alunos aprenderam sobre as plantas regionais, compreendendo a importância das árvores para mitigar impactos ambientais por meio de uma arborização planejada. Os dados apresentados orientaram a implementação de uma área verde com espécies da Amazônia, Cerrado e Pantanal na escola. Embora parciais devido à continuidade do projeto, acredita-se que os resultados foram satisfatórios, demonstrando a compreensão dos alunos sobre a importância das espécies nativas dos biomas mato-grossenses.

**Palavras-chave:** Área verde, Ensino, Flora regional.

### **1 Introdução**

O projeto visa trabalhar o conhecimento, importância e inserção de espécies vegetais nativas da flora mato-grossense em ambientes escolares como ferramenta para a educação ambiental (EA), dada a riqueza dos biomas de Mato Grosso. Os espaços escolares para fins pedagógicos propiciam a sistematização, o aprofundamento de conceitos, a inter-relação e contextualização dos conhecimentos (GOMES *et al.*, 2023).

No documento referência curricular para Mato Grosso (2018, p.189), o componente Ciências da Natureza, na unidade temática vida e evolução na habilidade (EF07CI07.1MT) expressa o propósito de caracterizar os principais ecossistemas brasileiros quanto à paisagem, entre outros aspectos, correlacionando essas características à flora e fauna específicas, enfatizando os biomas mato-grossenses (MATO GROSSO, 2018).

Embora a educação para conservação tenha problemas para atingir a população adulta, ela se mostra eficaz com as crianças, melhorando a longo prazo as perspectivas para a conservação das espécies (JENSEN, 2013). Em consonância com Carvalho (2012),

Realização



a EA vem sendo valorizada como uma ação educativa e enquanto ação educativa, tem sido importante mediadora entre a esfera educacional e o campo ambiental. Segundo Alencar & Barbosa (2018) a EA tem papel essencial na sensibilização das comunidades, mediando a construção de valores e referenciais ambientais, além de constituir uma ferramenta fundamental nas mudanças de conceitos e atitudes com relação à conservação dos recursos naturais (MARTELLI; SANTOS JUNIOR, 2015). Entretanto,

A relação entre Arborização Urbana e Educação Ambiental, no sentido das práticas educativas, devem estar direcionadas à sensibilização da coletividade acerca das questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente (SILVA et al., 2023, p.145).

No entanto, a arborização ou introdução de espécies no ambiente escolar não deve ocorrer de maneira indiscriminada. Em outras palavras, não se deve plantar indivíduos de qualquer espécie apenas porque são nativos de uma determinada região (GOMES *et al.*, 2023). Entretanto, alguns fatores precisam ser considerados, como a presença ou ausência de substâncias tóxicas e alérgicas.

Küster *et al.* (2012) destacam que as espécies arbóreas plantadas em ambientes escolares devem ser escolhidas de forma que não represente riscos de intoxicação para os alunos, especialmente os mais jovens que, por curiosidade, podem manusear e experimentar flores, frutos e folhas. Além disso, os autores ressaltam a importância de evitar plantas com espinhos, acúleos ou folhas pontiagudas, que poderiam causar ferimentos. Portanto, estudos que ampliem o conhecimento sobre espécies nativas e seu uso adequado podem servir como estímulo para o planejamento e a introdução de plantas apropriadas no ambiente escolar. Escolas bem arborizadas podem servir de estudos sobre biodiversidade, ensino de botânica, além de viabilizar a forma de ocupação do espaço das unidades de ensino, promovendo educação ambiental (BIONDI *et al.*, 2008; RODRIGUES; COPATTI, 2009; BASTIANI; GONZATTI, 2020).

Em consonância com Gomes *et al.* (2023) o uso da vegetação regional no contexto de educação ambiental é de grande eficácia, uma vez que possibilita desenvolver conhecimentos ecológicos e pode ser utilizada como prática de cuidado com o meio ambiente. É necessário ampliar a percepção sobre as plantas e valorizar a afetividade com o meio em que vivem os alunos (ALCANTARA *et al.*, 2023). Além disso, é importante destacar a diversidade da flora nativa de Mato Grosso, representada por 6.197 espécies de angiospermas, distribuídas em 1.440 gênero e 196 famílias (Flora e Funga do Brasil, 2023), muitas delas com potencial ornamental e paisagístico.

## 2 Objetivo geral

Promover a educação ambiental através do conhecimento e plantio de espécies da flora regional no ambiente escolar.

## 3 Objetivos específicos

- Conhecer plantas da flora regional baseado na classificação científica das espécies.
- Compreender o processo de produção de mudas e a importância das espécies nativas na arborização urbana/escola.
- Realizar o plantio de espécies da flora regional adequadas ao ambiente escolar.

## 4 Procedimentos metodológicos

O projeto foi apresentado para os alunos do 2º Segmento A da Educação de Jovens e adultos (EJA) e do 6º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Heliodoro Capistrano da Silva durante o ano letivo de 2023 nos meses de maio e junho. A escola Estadual Heliodoro Capistrano da Silva está localizada no bairro Parque Cuiabá na região do Coxipó no município de Cuiabá (figura 1).



Figura 1. Localização da EE. Heliodoro Capistrano da Silva onde foi aplicado o projeto. Fonte: Google earth

O viveiro municipal de Cuiabá (figura 2) forneceu as mudas destinadas ao plantio na escola. As variedades agora presentes no ambiente escolar são originárias dos três biomas encontrados no estado de Mato Grosso.

A seleção das espécies para o plantio na instituição educacional foi baseada nas sugestões apresentadas no artigo "Proposição de espécies para arborização do espaço escolar como subsídio para educação ambiental em Mato Grosso" (GOMES *et al.*, 2023).

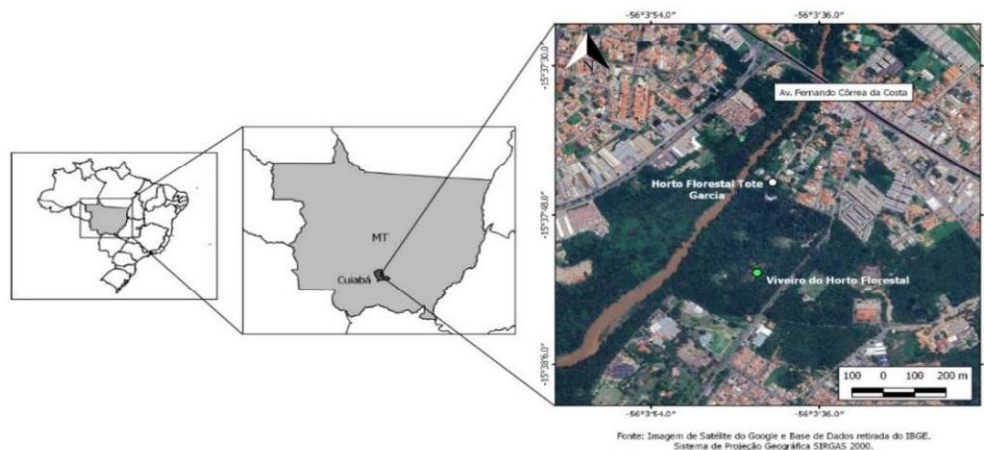


Figura 2. Localização do viveiro municipal de Cuiabá onde as mudas foram retiradas para plantio na EE. Heliodoro Capistrano da Silva. Fonte: Edinalda Milioranza

A proposta foi apresentada à coordenação pedagógica e, mediante a sua aprovação, deu-se início as atividades. O projeto iniciou-se com um levantamento bibliográfico sobre arborização urbana e consulta ao site Flora e Funga do Brasil. Em seguida, foram apresentados dados sobre a arborização urbana de Cuiabá.

Em outro momento, os alunos aprenderam técnicas de produção de mudas priorizando espécies nativas dos biomas mato-grossenses. Por fim, houve o plantio de espécies nativas das fitofisionomias do Cerrado, Pantanal e Amazônia. Com isso, deu-se início à inserção de uma área verde na Escola Estadual Heliodoro Capistrano da Silva com participação dos alunos do 6º ano A, do Ensino Fundamental e a turma do 2º Segmento A da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O projeto ainda possui outras etapas a serem executadas, pois ainda se encontra em andamento. Nas próximas etapas, outras espécies nativas serão inseridas na escola. Haverá uma oficina com diversos alimentos preparados à base de frutos de espécies nativas dos biomas mato-grossenses.

## 5 Principais resultados

Primeiramente, o projeto foi apresentado à coordenação e direção da escola Estadual Heliodoro Capistrano da Silva. Foram selecionadas duas turmas, uma do 6º ano do ensino fundamental e a turma do 2º Segmento A da educação de jovens e adultos (EJA).

O projeto iniciou-se com a turma do Segundo Segmento A, através de uma palestra sobre a arborização urbana de Cuiabá. Os temas abordados foram: espécies nativas e exóticas na arborização urbana, importância das árvores para melhorar o microclima local, classificação científica das espécies presentes na arborização urbana de Cuiabá e projeto de arborização do espaço escolar como subsídio para a educação ambiental em Mato Grosso. Com a turma A do 6º ano do ensino fundamental, realizou-se palestra sobre a importância da arborização nas cidades e ambiente escolar.

Com a turma do 2º Segmento A, foi realizada uma roda de conversa sobre suas experiências com arborização urbana. Além disso, aprenderam técnicas de produção de mudas de espécies nativas de Mato Grosso. Os alunos utilizaram os *chromebooks* para conhecer e utilizar ferramentas como o site Flora e Funga do Brasil, onde é possível fazer busca e obter informações de diversas espécies, inclusive sobre seu estado de conservação.

A interação dos estudantes nas rodas de conversa e palestras foi positiva, uma vez que muitos alunos conheciam algumas espécies e puderam expor suas experiências com as respectivas espécies, principalmente os alunos da turma do 2º Segmento A da Educação de Jovens e adultos (EJA). Os envolvidos na intervenção afirmaram ter gostado das informações recebidas durante as palestras e puderam relatar as experiências vividas com as plantas, ou seja, em suas residências, praças, parques, etc. Tanto os alunos das turmas do 6º ano, quanto do 2º Segmento A, deixaram claro também que, não sabiam de toda a importância das árvores para o microclima e os diversos benefícios associados à arborização urbana. Assim, considerando a escola um ambiente propício para área verde.

## 6 Considerações finais

O envolvimento dos alunos no plantio de árvores na escola é extremamente importante, pois proporciona uma oportunidade de aprendizado significativa, conscientização ambiental, melhoria do ambiente escolar e promoção de hábitos

sustentáveis. O plantio de espécies nativas da flora pelos alunos pode criar um legado valioso para as gerações futuras de estudantes. Essas árvores e plantas nativas têm o potencial de crescer e se desenvolver ao longo do tempo, proporcionando uma série de benefícios ambientais e educacionais para os alunos que virão depois. Por fim, os estudantes compreenderam a importância de arborizar as escolas, pois, traz uma série de benefícios, desde melhorar o ambiente físico e estimular o aprendizado até promover a saúde, a consciência ambiental e a valorização cultural. É uma iniciativa importante para criar um ambiente escolar mais saudável, agradável e propício ao desenvolvimento integral dos estudantes.

## 7 Referências

ALCANTARA, K. C. de; URSI, S. .; GOMES, M. A. . B.; ARRUDA, R. . Percepção da diversidade vegetal em quintais urbanos: estudo de caso com estudantes de Rondonópolis (MT). **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, [S. l.], v. 18, n. 6, p. 448–466, 2023. DOI: 10.34024/revbea.2023.v18.15012. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/15012>. Acesso em: 4 out. 2023.

ALENCAR L.D.; BARBOSA, M.F.M. Educação Ambiental no Ensino Superior: ditames da Política Nacional de Educação Ambiental. **Revista Direito Ambiental e Sociedade**, Caxias do Sul, 2018; 8(2), 229-255.

BASTIANI, O.R.; GONZATTI, F. Inventário das árvores dos espaços escolares e seu entorno: uma proposta no ensino de Ciências. **Scientia Cum Industria**, v. 8, n. 3, p. 22-6, 2020.

BIONDI, D. *et al.* Aspectos importantes das plantas ornamentais em escolas públicas estaduais da cidade de Curitiba, PR. **Revista Brasileira de Ciências Agrárias**, Recife, v. 3, p. 267-75, 2008.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

**Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/> >. Acesso em: 12 agosto. 2023

GOMES, E. M.; KOCH, A. K.; CAMPOSTRINI FORZZA, R. Proposição de espécies para arborização do espaço escolar como subsídio para Educação Ambiental em Mato Grosso. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, [S. l.], v. 18, n. 6, p. 411–427, 2023. DOI: 10.34024/revbea.2023.v18.14958. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/14958> . Acesso em: 4 out. 2023.>]

JENSEN, Eric. Evaluating children’s Conservation Biology learning at the Zoo. **Conservation Biology**, v. 28, n. 4, p.1004 - 1011, 2013.



KÜSTER, C. L. et al. Avaliação de riscos e procedência de espécies arbóreas nas escolas estaduais de Lages, SC. *Revista de Ciências Agroveterinárias*. Lages, v. 11, n. 2, p. 118-25, 2012

MARTELLI, A.; SANTOS JÚNIOR, A. R. Arborização Urbana do município de Itapira-SP: perspectivas para Educação Ambiental e sua influência no conforto térmico. *REGET/UFMS*, v. 19, n. 2, p. 1018-31, 2015.

MATO GROSSO. **Documento de referência curricular para Mato Grosso**. Ensino fundamental anos finais. Secretaria de Estado de educação. Seduc/MT, 2018. 319p.

RODRIGUES, L. S.; COPATTI, C. E. Diversidade arbórea das escolas da área urbana de São Vicente do sul/RS. *Biodivers. Pampeana*, v. 7, n. 1, 2009.

SILVA, I. C. da; ARAÚJO, J. C. de; MARINHO, J. K. T.; BOTREL, R. Percepção ambiental de professores do ensino básico sobre arborização urbana do ambiente escolar entre os anos 1998 a 2022. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, v. 18, n. 1, p. 133–154, 2023.



## UMA EXPERIÊNCIA DE SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL NO COMPONENTE CURRICULAR “PROJETO DE VIDA”

Thamiris Silva Nélio

(PROFBIO/UFMT)<sup>1</sup> – biothamiris@gmail.com

Gregório Cerqueira Schettino

(PPGS/UFS)<sup>2</sup> – gregcs87@gmail.com

GT 6: Educação Ambiental, Comunicação e Arte

**Relato de Experiência**

**Resumo:** O Novo Ensino Médio trouxe muitas mudanças para a comunidade escolar, culminando num novo rearranjo de ensinar e aprender. Pensando nesse rearranjo, trouxemos este relato de experiência como referência à sensibilização ambiental, desenvolvida no componente curricular “projeto de vida” na Escola Estadual Elmaz Gattas Monteiro localizada no município de Várzea Grande – MT. Como o componente curricular propõe um trabalho interdisciplinar que mescla teoria com a prática, os docentes buscaram construir um planejamento em conjunto aproveitando as diferenças formativas para desenvolver um projeto em educação ambiental já que o tema necessita de aporte teórico, prático, reflexivo e interdisciplinar. Para tanto, a ação se constituiu em três etapas: primeira etapa, aulas expositivas e discussão de vídeos para tratar das problemáticas socioambientais, bem como impactos do processo produtivo e sociedade de consumo. Segunda etapa, debates com alunos sobre possibilidades e limites dos indivíduos diante da conjuntura atual. E terceira e última, uma oficina de papel reciclado para substituir parte dos materiais usados na amostra científica e cultural da escola. Por fim, buscamos também apresentar o feedback dos alunos e apontar dificuldades na execução de projetos pedagógicos que exigem práticas e interdisciplinaridade no ensino público e como foi possível contornar tais desafios.

**Palavras-chave:** Projeto de vida. Educação ambiental. Novo Ensino Médio.

### 1 Introdução

Sob a ótica dos documentos legais, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) e as Diretrizes Regionais de Mato Grosso – DRC/MT (2021), a educação mato-grossense implantou formalmente o “Novo Ensino Médio”, em todas as escolas da rede, excepcionalmente para as turmas do 1º ano do Ensino Médio, no ano de 2022, com ampliação de carga horária e incorporação do Itinerário Formativo, subdividido entre os componentes curriculares Eletivas e Projeto de Vida. As trilhas de aprofundamento foram aplicadas em 2023.

<sup>1</sup> Mestra em Ensino de Biologia (PROFBIO/UFMT) e professora efetiva da rede estadual de Mato Grosso.

<sup>2</sup> Mestre em sociologia (PPGS/UFS) e professor efetivo de rede estadual de Mato Grosso.

Realização



O ensino por componentes curriculares, no geral, e o componente “projeto de vida”, mais especificamente, trazem concepções novas de educação que se chocam com a estrutura curricular até então vigente no país, o que gera desafio para os docentes. Mas quais mudanças especificamente ocorreram?

Primeiro precisamos ver algumas passagens dos documentos que orientam o componente curricular. A seguir, o fragmento textual que define projeto de vida como componente curricular na legislação de Mato Grosso que implementa no estado a BNCC, disposto na DRC/MT (2021, p.44):

Trata-se de um componente curricular e, portanto, deve ter um trabalho intencional e estruturado, com planejamento para apoiar o estudante para conquistar objetivos estáveis, **carregados de sentido pessoal e orientados por valores éticos**. Tem como objetivo preparar o estudante para tomar decisões, com um trabalho **que envolve 3 dimensões: pessoal (atitudes, relações e hábitos)**, profissional (estudos, trabalho e carreira) e cidadão (causas, **participação, contribuição**). (grifos nossos)

Fica clara, no texto, a relação do componente com a educação integral ao tratar de aspectos mais amplos da sociabilidade humana na educação. O documento do estado segue as orientações da própria BNCC:

Valorizar a **diversidade de saberes e vivências culturais** e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da **cidadania** e ao seu projeto de vida, **com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade** (BRASIL, p.9, 2020, grifos nossos)

Há ainda esta segunda parte, como orientativo geral da BNCC, em que fica mais explícita a questão da educação integral:

Nesse contexto, a BNCC afirma, **de maneira explícita, o seu compromisso com a educação integral**. Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento **humano global**, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva (BRASIL, p.14, 2020, grifos nossos)

A partir dos excertos acima, podemos perceber algumas das mudanças pedagógicas as quais suscitam insegurança nos docentes. Dois pontos são interessantes para nossa discussão. Primeiro, é a forma em que são apresentados os conteúdos, pois, na educação integral, aparecem os temas em blocos interdisciplinares, abandonando as abordagens que traziam os conteúdos de forma cronológica e linear e, ainda, quebrando a divisão do conteúdo por disciplinas, ao apresentar os diversos olhares que cada ciência possui.

Antes, o aluno via o mesmo tema em disciplinas variadas em bimestres separados ou até em anos letivos diferentes. A ideia agora é que, na construção do planejamento, vários aspectos de cada tema, independentemente da área, sejam tratados em um mesmo bloco, facilitando a visualização do estudante da complexidade da realidade e, com isso, estimulando a visão crítica e sistêmica.

O segundo ponto é a substituição da “transmissão de conteúdos” por “desenvolvimento de habilidades e competências”, rompendo, assim, com o ensino focado na assimilação de conteúdo. Agora, tem-se por finalidade desenvolver no aluno a capacidade de aplicar o conhecimento científico na sua vida, que só é possível por meio da articulação das dimensões do conhecer, do refletir e do fazer. Para tal, faz-se necessária uma metodologia que coloque o aluno como ativo no processo de aprendizagem; logo, exigem atividades pedagógicas práticas, que muitas vezes são limitadas pelos poucos recursos disponíveis pela escola pública e também pela resistência dos próprios alunos a essa nova posição.

Os novos componentes colocam novos desafios para os professores da escola pública, mas, ao mesmo tempo, estimula um ensino mais completo. Se os professores conseguirem contornar tais dificuldades, poderão propiciar um ensino mais próximo do idealizado, conciliando conceitos, vivências e valores.

A educação ambiental casa muito bem com a ideia de uma educação integral e inclusiva, na verdade, requer esses elementos, devido a sua complexidade e sua longa história de reflexões em diferentes áreas do conhecimento, tanto nas ciências sociais e humanas, como nas ciências da natureza. O tema intrinsecamente envolve conhecimento, reflexão, atitude e valores, sem os quais dificilmente poderíamos gerar sensibilização de forma satisfatória.

Este relato de experiência visa apresentar ações pedagógicas que buscam aproveitar as especificidades e exigências do componente para desenvolver a sensibilização ambiental de forma ampla, interdisciplinar, crítica e prática, abordando os principais pontos do tema, objetivamos executar um projeto de educação ambiental que consiga tratar o tema com os requisitos necessários.

## **2. Objetivo**

Temos como objetivo aproveitar o componente curricular projeto de vida para desenvolver a educação ambiental de forma interdisciplinar, mesclando teoria, vivências e valores.

### 3. Procedimentos Metodológicos

No início do ano letivo de 2022, ainda na semana pedagógica, os dois docentes atribuídos no componente projeto de vida na escola E.E. Elmaz Gattas Monteiro, reuniram-se para trocar ideias sobre o novo desafio que seria assumido naquele ano. Uma preocupação era como tratar de temas tão diversos de forma interdisciplinar com os limites de nossa formação universitária conteudista, obviamente haveria um esforço de atualização muito grande para montar o planejamento do conteúdo e a elaboração das aulas em si. Então, a professora, formada em Ciências Biológicas, estudante de mestrado em educação, sugeriu ao professor, formado em Ciências Sociais com mestrado em sociologia, a construção dos planos de aulas e do planejamento do componente em conjunto, aproveitando, assim, os conhecimentos das diferentes formações dos docentes.

Dessa maneira, a depender do tema, as aulas foram divididas entre os docentes, cada um montou aulas com o tema em que tinha mais familiaridade e discutiam como seria a execução de aula por aula. O quarto bimestre foi dedicado à educação ambiental e a unidade foi dividida em três etapas: discussão teórica das problemáticas ambientais; desafios e possibilidades da ação coletiva; oficina de reciclagem de papel.

A primeira etapa, que compreende as aulas 1, 2 e 3 que aparecem na tabela<sup>3</sup>, consistiu em: apresentação de vídeos curtos, imagens e dados sobre degradação ambiental que suscitam apreensão sobre a problemática ao mesmo tempo que despertam o interesse do aluno. O primeiro vídeo foi justamente uma animação chamada “Homem”, curta e bastante provocativa. Já o segundo vídeo trouxe dados reais e alarmantes sobre poluição dos mares e dos ecossistemas. Após as apresentações, o/a professor(a) coloca algumas questões sobre o conteúdo abordado nos vídeos para reflexão e, a partir das respostas, o tema é debatido.

A aula 2 segue a mesma proposta: primeiro a apresentação dos vídeos e exercícios seguidos do debate. O vídeo foi “A história das coisas”, o qual, apesar de falar sobre sistema econômico, traz uma animação que aborda a cadeia de produção e a poluição gerada em todas as suas etapas e com diferentes formas de danos ambientais, além de tratar da dificuldade política em solucionar tal problema. Nesse ponto, os alunos são levados a refletir acerca da contradição entre funcionamento da economia e a problemática ambiental.

---

<sup>3</sup> As aulas eram duplas e seguidas.

Na aula 3, foi apresentado e definido o conceito de sociedade de consumo do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, com exemplos do cotidiano, trazendo as redes sociais como estímulo de uma estética consumista. Os alunos foram instigados a revisar suas vivências e a refletir sobre como essa lógica consumista de relações sociais os influencia.

Na segunda etapa, foi passado um vídeo com sugestões sobre o que podemos fazer diante da crise ambiental. Em seguida, debatemos com a turma sobre possibilidades reais de ação dos indivíduos, tendo a discussão da conjuntura anterior como base. Essa temática é fundamental para pensar o protagonismo juvenil e ligar a teoria com o cotidiano.

Por fim, finalizamos com a oficina de papel reciclado. Todo o papel descartado da escola foi utilizado como matéria-prima para produção de papel reciclado, que foi usado em uma mostra escolar, reduzindo, assim, os gastos da escola. Todas as peneiras utilizadas no processo de reciclagem de papel foram construídas pelo professor em parceria com os estudantes.

Durante a execução das oficinas, os professores aplicaram e demonstraram, na prática, conceitos como diferença entre reuso e reciclagem, além do processo químico que reagrupa a celulose e permite a reciclagem do papel.

Segue abaixo parte do planejamento com as descrições por aula:

**Quadro 1: Sequência de atividades desenvolvidas durante as aulas de projeto de vida**

AULA	TEMA	AÇÃO	ATIVIDADE
1ª	Compreendendo a crise: impactos ambientais.	Apresentação dos vídeos: animação “O homem” e parte do documentário “Oceano de plástico”. Reflexão sobre conceitos que aparecem nos vídeos.	Exercício de fixação e debate: 1. Qual sentimento você tem ao assistir aos vídeos? 2. O que te chamou mais atenção nos vídeos? 3. Qual informação é nova?
2ª	Compreendendo a crise: contradição entre economia e meio ambiente.	Apresentação do vídeo: “A história das coisas”. Reflexão sobre conceitos que aparecem nos vídeos.	Exercício de fixação e debate: 1. Qual sentimento você tem ao assistir aos vídeos? 2. Qual informação é nova? 3. O que é exterioridade dos custos ambientais?

			4. Por que os governos não são ativos com a problemática ambiental?
3ª	Sociedade de consumo e estilos de vida.	Explicação sobre conceitos de sociedade de consumo.	1. Vocês percebem que as gerações anteriores consomem menos? Por quê? 2. Existe uma contradição entre a sociabilidade e as questões ambientais? Quais? 3. O que é obsolescência planejada? 4. Se sente influenciado pelo consumismo?
4ª	O que podemos fazer: reflexão sobre a ação social.	Vídeo: “10 formas de Poluir Menos o Planeta Terra?”	Debate: será que podemos mudar o avanço da crise ambiental? O que cada um de nós pode fazer?
5ª	Oficina papel	Construção das telas para oficina.	
6ª	Oficina papel	Conceito de reciclagem x o de reuso.	Picotar papeis e colocar de molho.
7ª	Oficina papel	Bater o papel, colocá-los nas telas e pôr ao sol para secagem.	
8ª	Usar o papel nas confecções do material apresentado na feira científica e cultural da escola.		

Fonte: Autores (2022)

#### 4 Resultados e Discussões

Após a realização das atividades, entendemos que o projeto de sensibilização ambiental foi positivo. Podemos apontar três momentos de *feedback* positivo. Primeiro, a participação de grande parte dos alunos de forma geral. Nos debates das aulas, houve 80% de participação e, mesmo que 20% dos alunos não se manifestaram, permaneceram atentos nas falas dos colegas e docentes. Além disso, a maioria fez os exercícios referentes aos vídeos.

O segundo ponto foi a participação ativa de grande parte dos alunos em todas as etapas da oficina de reciclagem (figura 1), inclusive alunos que geralmente são dispersos e com baixa participação nas atividades escolares. Muitos desses alunos com pouco interesse participaram ativamente e ficaram responsáveis em apresentar a atividade na feira científica e cultural.

**Figura 1: Mix de fotos das etapas da oficina de reciclagem**



**Fonte:** Autores (2022)

O terceiro momento foi quando um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) participou com entusiasmo de todas as etapas da oficina de reciclagem, rasgou papel, deixou-os de molho, triturou e secou. No ano seguinte, o estudante identificou os dois professores, evidenciando a construção de um vínculo afetivo criado a partir da prática realizada em dezembro de 2022.

Segundo Vygotsky (1998), a afetividade exerce um papel muito importante para o processo de ensino-aprendizagem, é a base essencial para a produção de aprendizagem eficaz. O vínculo afetivo cria um ambiente no qual os alunos se sentem valorizados, respeitados e motivados a se envolverem de maneira mais profunda com o processo de aprendizagem, o que, por sua vez, pode melhorar significativamente os resultados educacionais. Dessa forma, observa-se como a oficina de reciclagem, trabalhada na Educação Ambiental, foi benéfica para trabalhar com o estudante e ainda favoreceu para uma educação mais inclusiva.

Corroboramos Lisboa (2021) sobre a reflexão acerca dos princípios da educação ambiental e como estes podem contribuir no processo de entendimento sobre o que significa, de fato, incluir. Em suma é *“necessário que se compreenda o outro como um*



*ser humano completo: dotado de insuficiências em algumas áreas, mas também de inúmeros talentos a serem percebidos e exaltados.” (LISBOA, p.08).*

Dessa maneira, apontamos que a inclusão de alunos com necessidades especiais junto aos demais pode enriquecer a experiência de aprendizagem, promovendo um ambiente inclusivo e colaborativo durante a aula.

Por fim, um último ponto a ser destacado é o da dificuldade de recursos para atividades práticas. O papel não ficou na espessura desejada por alguns fatores ligados aos recursos. As telas não foram compradas, mas feitas de forma artesanal pelos docentes, e depois pelos discentes, com ripas de madeiras que os professores pegaram das sobras de madeiras da região, além do tecido ter sido adquirido pelos docentes. Talvez com material mais apropriado a qualidade do papel poderia ter sido melhor. Acreditamos importante frisar as dificuldades com materiais, pois isso aumentou a demanda de trabalho dos docentes e, se não fosse a empolgação destes com o tema, a parte prática não teria saído do papel.

Na exposição das produções e trabalhos realizados pelos estudantes do 1º ano do Ensino Médio, pode-se notar que as ações planejadas foram efetivas, pois os estudantes se disponibilizaram para a execução. Dessa forma, observou-se que a exposição serviu para elevar o nível de motivação e satisfação dos estudantes com os trabalhos desenvolvidos no componente Projeto de Vida. Toda a comunidade participou do evento, conhecendo e apreciando o desempenho dos nossos estudantes nas apresentações, em que compartilharam conhecimentos e inspiraram a comunidade com suas ideias e projetos desenvolvidos.

## **5 Considerações Finais**

Com base nesta experiência, como professores regentes do componente curricular Projeto de Vida, verificamos como podemos aprender e ensinar nesse novo arranjo curricular do Novo Ensino Médio, pois o componente Projeto de Vida coloca novos desafios para a docência nas escolas públicas, por propor uma metodologia educacional diferente da recebida pelos professores em sua formação, gerando insegurança, porém, ao mesmo tempo, estimulando a construção de um ensino mais amplo, tão necessário para a construção do senso crítico dos alunos.

Apontamos a parceria entre os docentes, pois acreditamos que foi fundamental para superar as dificuldades da formação e manter o currículo dentro dos moldes solicitados pela BNCC. As aulas planejadas e executadas acerca da temática não apenas aprimoraram a conscientização dos estudantes sobre seu papel na sociedade como também serviram como um veículo para disseminar esse conhecimento e conscientização ambiental para toda a comunidade.

Apontamos, por fim, que é necessário que surjam mais relatos de propostas inovadoras criadas a partir da interdisciplinaridade, da parceria entre docentes, e que estas sejam disseminadas a toda comunidade escolar para que cada vez mais os docentes conheçam a diversidade de métodos e abordagens, e que possam aprimorá-los, contribuindo para uma melhor qualidade de Ensino, afinal, como dizia Cora Coralina (1987), “feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”

## Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**: Informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação**. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 12 set. 2020.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática**. 6. ed. rev. e ampl. 2ª tiragem. São Paulo: Heccus Editora, 2017.

LISBÔA, J. M. Educação Ambiental e Educação Inclusiva: um diálogo necessário. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S. l.], v. 6, 2021. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1686>. Acesso em: 7 out. 2023.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação, Esporte e Lazer. **Documento de Referência Curricular para Mato Grosso (DRC-MT) – Concepções para a Educação Básica**. Cuiabá: SEDUC (MT), 2021

VYGOTSKY, L. S; LURIA, A.R; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Icone, 1998.



## OFICINA DE MANDALAS: FENOMENOLOGIA, ARTETERAPIA E ESPERANÇARES DE UM NOVO AMANHECER

Cristiane Carolina de Almeida Soares  
(SME/Cuiabá - MT) – pedrapapeletesoura@gmail.com

GT 6: Educação Ambiental, Comunicação e Arte  
**Relato de Experiência**

### **Resumo:**

Após um longo período de distanciamento social, já vacinados e saudosos pelos tradicionais encontros formativos na UFMT, retornamos nossas atividades presenciais, de forma gradual e segura, no dia 17 de agosto de 2022. Para celebrar este momento, organizamos a Oficina de Mandalas, para novamente estarmos juntos, produzindo arte e compartilhando esperanças de recomeço. Com o objetivo de adentrarmos no universo das mandalas arteterapêuticas, sob uma abordagem da fenomenologia satiana e bachelardiana, descortinamos conceitos e práxis fecundas. Inspirando-nos na Cartografia do Imaginário como metodologia, apresentamos alguns conceitos, referenciais teóricos e uma experiência prática, que gerou resultados fecundos, nos permitiu aquecer corações e nutrir a nossa luta por um novo amanhecer.

**Palavras-chave:** Arteterapia. Cartografia do Imaginário. Arte-educação-ambiental.

### **1 Introduzindo uma experiência fenomenológica**

Vivenciamos momentos extremamente difíceis nos últimos dois anos (2020 e 2021), em que a pandemia da COVID-19 nos obrigou ao distanciamento social, como uma das principais medidas preventivas ao contágio. Com a demora do acesso às vacinas, muitas pessoas morreram e adoeceram gravemente. Aos que sobreviveram e resistiram, foram muitas as sequelas físicas e emocionais. Sofremos a ausência dos abraços, afetos e de privação de estarmos juntos, compartilhando momentos que jamais puderam ser substituídos pelas telas dos celulares, tablets e computadores.

Depois de um longo período de distanciamento social, já vacinados e saudosos pelos tradicionais processos formativos no campus da UFMT, retornamos nossas atividades presenciais, de forma gradual e segura, no dia 17 de agosto de 2022, em nosso grupo pesquisador. Para celebrar este momento, organizamos a Oficina de Mandalas para novamente nos reunirmos, fazendo arte e compartilhando esperanças de um recomeço.

Assim, adentramo-nos no universo das mandalas, sob uma abordagem em Fenomenologia e Arteterapia, conhecendo um pouco da concepção teórica e incorporando uma experiência prática, para que pudéssemos aquecer os corações e nutrir nossa luta por um novo amanhecer.

Com o objetivo de adentrarmos no universo das mandalas arteterapêuticas, sob uma abordagem da fenomenologia satiana e bachelardiana, descortinamos conceitos e práxis fecundas. A escolha por reiniciar as atividades presenciais com uma oficina de Arteterapia não foi ao acaso. Foi necessário dar vazão às angústias silenciadas pelas máscaras, e por meio da arte, possibilitar a expressão de sentimentos diversos, e ao mesmo tempo estar juntos, em uma nova realidade que estaria longe de ser o “novo normal”.

A reflexão e a interpretação acerca da produção resultante de vivências expressivas em Arteterapia são importantes processos: por meio de imagéticas e metáforas, elaboramos na consciência os complexos que necessitam ser trabalhados e modificados para o autoconhecimento.

Na definição da Associação Brasileira de Arteterapia, esta modalidade terapêutica “é um modo de trabalhar utilizando a linguagem artística como base da comunicação cliente profissional. Sua essência é a criação e a elaboração artística em prol da saúde”.

Entretanto, “Existem inúmeras possibilidades de conceituar arteterapia. Uma delas é considerá-la como um processo terapêutico decorrente da utilização de modalidades expressivas diversas, que servem a materialização de símbolos” (Philippini, 1998, p.1).

## **2 Explanando conceitos e desenvolvendo mandalas**

A arteterapia utiliza a atividade artística como instrumento de intervenção profissional para promover saúde e autoconhecimento, sem enfatizar a questão estética, abrangendo diversas linguagens:

- Plástica (desenhos, esculturas, pintura, modelagem, colagens);
- Sonora (sons, músicas, instrumentos musicais);
- Literária (escrita criativa, poesias, utilização de contos, mitos);
- Dramática (expressão cênica, teatral, porém, diferente do teatro convencional);
- Corporal: (relaxamento, respiração, dança expressiva e criativa).

A arteterapia encontra diferentes aplicações: na avaliação, prevenção, tratamento e reabilitação voltados para a saúde, como instrumento pedagógico na educação e como

meio para o desenvolvimento interpessoal através da criatividade em contextos individuais e grupais (FACULDADE VENDA NOVA DO IMIGRANTE, 2022).

São inúmeros os benefícios da Arteterapia, tais como: recuperar ou melhorar a saúde mental, emocional e social das pessoas; expressar sentimentos difíceis de verbalizar; desenvolver habilidades para enfrentar determinadas emoções; favorecer a imaginação e a criatividade; aumentar a capacidade de comunicação; diminuir os níveis de stress e ansiedade; melhorar a concentração, atenção e memória (IBIDEM, 2022).

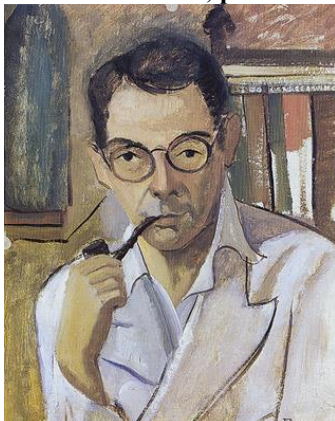
Os primeiros estudos relacionados com a Arteterapia perpassam por diversas abordagens teóricas da psicanálise e da psicologia, antes mesmo de ter formulado postulados acerca do tema. Em meados do século XX, a psicanálise postulada por Sigmund Freud buscava a interpretação de imagens de artistas como Leonardo da Vinci e Michelangelo, entendendo-as como símbolos concretos de seus subscientes (COQUEIRO; VIEIRA; FREITAS, 2010).

Carl G. Jung, por sua vez, publicou livros acerca da atribuição de significados às psicoses de pacientes. Foi discípulo de Freud. Por conta de pensamentos divergentes, se distanciou dele, mais especificamente após a publicação de seu livro intitulado “Metamorfoses e Símbolos da libido”.

Enquanto Freud relacionava a criação artística com a sublimação de pulsões, Jung libertou-se desta corrente teórica e passou a desenvolver estudos que relacionaram a criatividade com a organização e transformação dos conteúdos inconscientes em imagens simbólicas (SILVEIRA, 1994).

**Osório Cesar** (Figura 1) (1923), passou a “beber na fonte” dos conhecimentos junguianos e reunir contribuições para a **fundamentação teórica da Arteterapia**. Desde então, passou a introduzir em seus trabalhos de psiquiatria no Hospital Juqueri (SP) a utilização da arte (COQUEIRO; VIEIRA; FREITAS, 2010).

**Figura 1 – Retrato de Osório César, por Francisco Rebolo, 1939.**



**Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural (online), 2023.**

Este estudioso sistematizou um método para **ler, catalogar e valorizar a produção artística dos internos dessa instituição**, desenvolvendo e publicando em livros, jornais e revistas, o que considerou como a “psicologia da arte” (ANDRIOLO, 2003).

Jung inspirou **Nise da Silveira** (Figura 2), psiquiatra brasileira, a desenvolver fundamentações teóricas em arteterapia (COQUEIRO; VIEIRA; FREITAS, 2010). Ela inovou tratamentos para esquizofrênicos na Seção de Terapia Ocupacional no Hospital Engenho de Dentro (RJ), superou as limitações da psicopatologia de seu tempo, e defendeu **potencialidades terapêuticas da expressão criativa**, compreendendo a esquizofrenia como “um dos modos possíveis de ser no mundo” (SCHLEDER; HOLANDA, 2015).

**Figura 2 – Retrato de Nise da Silveira, por Felipe Ernesto.**



**Fonte: Centro Educacional Novas Abordagens Terapêuticas (CENAT), 2023.**

Com relação às diversas abordagens relacionadas aos elementos da natureza, foi elaborado um quadro comparativo (Figura 3) abaixo:

Figura 3 – Os quatro elementos da natureza através dos tempos.



Fonte: Compilação de dados da autora, 2023.

Desde a antiguidade, pensadores e alquimistas tinham o hábito de observar a natureza a partir destes quatro elementos (terra, água, fogo e ar). Empédocles, filósofo grego pré-socrático que viveu na antiguidade clássica, relacionou-os ao mundo da experiência, com princípios materiais fundamentais, tendo postulado a “doutrina dos 4 elementos” (MORA; 2000; VALADARES, 2014). Contudo, o entendimento acerca destes elementos acabou se transformando ao longo do tempo, conforme modificaram as abordagens teóricas das pesquisas que se desenrolaram adiante.

**Carl Jung** comentou os textos alquímicos sobre a teoria dos quatro elementos de Zóximo, contudo, os estudos junguianos somente aprofundam-se nas tipologias psicológicas e relacionando-as às funções da consciência: **pensamento, sentimento, intuição e sensação** (PORTO, 2020), descrevendo a evolução do processo alquímico e análises psicológicas acerca da delimitação de seus elementos (JUNG, 1990a).

Desta forma, “a interpretação dos símbolos exerce um papel prático de muito relevo, pois os símbolos representam tentativas naturais para a reconciliação e união dos elementos antagônicos da psique” (JUNG, 2016, p.126),

Jung introduziu a ideia da mandala na psicologia moderna. Sua descoberta originou-se da sua própria busca interior. Aos 38 anos, Jung havia desistido de um cargo na Universidade porque a vida acadêmica tornara-se trivial. Passou então a se dedicar à sua vida interior, mantendo um diário com seus sonhos, pensamentos e desenhos.

A cada manhã ele fazia desenhos circulares, seguindo simplesmente um impulso interior. Observou que seus desenhos mudavam como reflexo de seu estado mental, observando que a alteração de humor resultara numa variação em seu desenho e pôde observar sua transformação psíquica dia a dia (FINCHER, 2002).

As mandalas são compostas por várias imagens que surgem e se desenvolvem a partir de um eixo central, seguidas de uma contínua quantidade de figuras simétricas (ou não) entre si, e comumente se dirigem aos quatro pontos cardinais, sem que seja esta uma organização obrigatória.

A palavra mandala tem a sua origem no sânscrito e significa “círculo sagrado”, palavra formada por “manda”, que significa “essência” e “la”, que significa concreção, isto é, “concreção da essência”, que não é outra coisa que não o fim último da criação de uma mandala.

Comprovada por Jung e amplamente utilizada nas mais diversas culturas ao redor do mundo, as mandalas possuem uma infinidade de benefícios, tais como: trabalhar com os nossos níveis de atenção e conseguir um maior estado de descontração; possibilitar uma meditação mais profunda, deixar de divagar entre pensamentos e emoções; descontrair ao unísono da mente e do corpo; promover um equilíbrio entre corpo, mente e espírito; desenvolver a criatividade; proporcionar o entretenimento.

**Gaston Bachelard** ressignificou os quatro elementos da natureza, os interpretou e os trouxe como a base de sua fenomenologia da imaginação, na compreensão e interpretação do mundo.

A potência que reverbera na psique, desvencilha-se do que Freud postulou enquanto produto do sono, mas no alcance do que Jung (2016) percebeu como formas de expressão onírica e a fenomenologia bachelardiana propõe o sonho como devaneio poético, precipitando em práticas criativas que ressignificam a vida (BACHELARD, 2018).

Sato (2011) entende a **água** como um elemento de formação e identidade. Ao observar vivências em Arteterapia, interpreto que nas águas, em seu ímpeto calmo ou turbulento (BACHELARD, 2018) revelam-se as identidades diversas, muitas delas na mesma pessoa, dependendo da ocasião.

Junto ao elemento água, Porto (2020) relaciona a função psicológica sentimento (JUNG, 2011). Sato (2011) entende a água como um elemento de formação e identidade. Ao notar experiências em Arteterapia, interpreto que nas águas, em seu ímpeto calmo ou turbulento (BACHELARD, 2018) revelam-se as identidades diversas, muitas delas na



mesma pessoa, dependendo da ocasião. Junto ao elemento água, Porto (2020) relaciona a função psicológica sentimento (JUNG, 2011).

Para Bachelard (1991), a **terra** remonta a dureza, força e profundidade, trabalho e estabilidade. Sato (2011) interpreta este elemento com a deformação, o substrato das raízes. Porto (2020) relaciona este elemento à função sensação (bastante ligado aos cinco sentidos e à racionalidade). A modelagem em argila, esculturas em areia, dentre outros materiais mais densos, é utilizado para promover a flexibilidade, um contato mais profundo com a natureza.

O **fogo**, substância que transforma pelo onirismo, representa dualidades entre o bem e o mal (SATO, 2011). É associado à função intuição (PORTO, 2020). Onde se faz a luz, também se fazem as trevas, e as labaredas da paixão (BACHELARD, 2008). As técnicas que podem representar este elemento, são as pinturas com vela ou giz de cera derretido, a pirogravura, o desenho de sombras, dentre outros que se utilizam da luz e do calor, aquecem e movimentam o que está triste ou estagnado (PORTO, 2022).

O **ar** em sua função pensamento, flui em um mundo de ideias, criação, devaneio, também é raciocínio e o verbo, o sopro vital (PORTO, 2020). Sendo o único elemento que toca os demais, pode ser brisa, mas também tufão (SATO, 2011). As colagens com folhas secas ou recortes de revistas, trabalhos com fios (bordados, filtros dos sonhos, móveis) oferecem a dispersão da rotina, contudo, reorganizando as rotas de voo e pouso (PORTO, 2020).

Inspirando-nos na Cartografia do Imaginário como metodologia desta oficina, apresentamos alguns conceitos, referenciais teóricos e uma experiência prática. No momento da atividade prática, os materiais expressivos (Figura 4) para a criação das mandalas foram escolhidos livremente, pelos participantes. A circulação pelo espaço da sala em que aconteceu a oficina foi livre. A única orientação foi a de ignorar formatos, simetria ou preocupações estéticas, pois o mais importante seria a utilização da imaginação.

**Figura 4 – Materiais expressivos disponibilizados aos participantes da Oficina de Mandalas**



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Ao final da produção, foi solicitado o relato dos sentimentos e o que inspirou a construção de cada mandala, pois “a imaginação libera o espírito do peso do passado e se abre, ao mesmo tempo, para o futuro e para a companhia desafiante dos grandes reinos da natureza – as quatro raízes de Empédocles, fontes inesgotáveis de devaneios criadores” (PESSANHA, 1896, p.23).

Somente após a produção das mandalas, foram apresentados os conceitos teóricos, que estavam relacionados aos materiais expressivos utilizados na elaboração da atividade, foram apresentados aos participantes.

### 3 Considerações finais

A oficina de mandalas foi um momento memorável de aprendizagens fecundas, partilha de conhecimentos e práxis permeada na arte que se revelou nos elementos da natureza. As mandalas (Figura 5) tomaram formatos, cores e elementos, que “dançaram” nas folhas de papel, em um grupo de pessoas felizes por estarem juntas novamente, ainda que mantendo uma certa distância, por medida de segurança para evitar o contágio da COVID-19.

**Figura 5 – Artes produzidas na Oficina de Mandalas**



**Fonte: Acervo da autora, 2022.**

Sentimentos de solidão, ansiedade, saudades, lágrimas e esperanças foram revelados e se misturaram nos círculos de texturas, cores e formas. Emoções se entrelaçaram no reinício dos estudos, ainda que semipresenciais, provocaram uma mistura de temor e vontade de estarmos juntos novamente.

Distante de avaliar a estética dos trabalhos produzidos, foi possível interpretar, das narrativas dos participantes, a necessidade de deixar a natureza das cores fluir por meio das mãos que se distanciaram na pandemia, mas que revelaram sentimentos profundos de comunhão e esperanças, que gerou resultados fecundos, nos permitiu aquecer corações e nutrir a nossa luta por um novo amanhecer.

## Referências

ANDRIOLO, Arley. A "psicologia da arte" no olhar de Osório Cesar: leituras e escritos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 23, p. 74-81, 2003.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

COQUEIRO, Neusa Freire; VIEIRA, Francisco Ronaldo Ramos; FREITAS, Marta Maria Costa. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 23, p. 859-862, 2010.

FACULDADE VENDA NOVA DO IMIGRANTE. **MATERIAL DIDÁTICO: Linguagem em arteterapia: apostila disponível no site da pós-graduação**. Espírito Santo, 2022.

Jung, Carl G. **Tipos psicológicos**. Tradução Maria Luiza Appy, Petrópolis, RJ: Vozes, 1990a.

\_\_\_\_\_. **Psicologia e alquimia**. Tradução Maria Luiza Appy, Petrópolis, RJ: Vozes, 1990b.

\_\_\_\_\_. **Estudos alquímicos**, v. 13. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **O homem e seus símbolos**. Org: JUNG, Carl G; tradução de Maria Lúcia Pinho, 3.ed. especial. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. Tomo II. São Paulo: Loyola, 2001.

PHILIPPINI, Ângela. Universo junguiano e arteterapia. **Imagens da Transformação: Revista de Arteterapia**, v. 2, n. 2, p. 4-11, 1995.

\_\_\_\_\_. Mas o que é mesmo Arteterapia? **Revista Imagens da Transformação**, v. 5, p. 4-9, 1998.

PESSANHA, José Américo Motta. (1986). Introdução. In: Gaston Bachelard: O direito de sonhar (pp. v-xxxi). São Paulo: Difel.

PORTO, Adriana Vitor. Os quatro elementos e a arteterapia. In: **Diálogos na UNIPAZ Goiás 2020**. Org: TOMAZZI, Sonia. Goiânia: Unipaz Goiás, v. 2, n. 2, p. 32-42, 2021.

RODRIGUES, Cleiton Lopes. Humores e Temperamentos: considerações sobre a teoria hipocrática. **Páginas de Filosofia**, v. 9, n. 2, p. 109-120.

SATO, Michele. Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa. ABÍLIO, Francisco (Org.) **Educação ambiental para o semiárido**. João Pessoa: Ed UFPB, 2011, p. 539-569.

SCHLEDER, Karoline Stoltz; HOLANDA, Adriano. Nise da Silveira e o enfoque fenomenológico. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 21, n. 1, p. 49-61, 2015.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

VALADARES, Alexandre Arbex. A doutrina dos elementos entre a poética e a epistemologia de Gaston Bachelard. *Kriterion: Revista de Filosofia* [online]. 2014, v. 55, n. 130. Acesso em: 22 abr 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2014000200001>



## A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA CRIAÇÃO DE CAPACIDADES PARA O MANEJO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS

Vanusa Mariano Santiago Schiavinato

(Universidade do Estado de Mato Grosso/ UNEMAT) - vanusa.schiavinato@unemat.br

Sandro Benedito Sguarezi

(Universidade do Estado de Mato Grosso/ UNEMAT) - sandrosguarezi@unemat.br

Carlos Alberto Cioce Sampaio

(Fundação Universidade Regional de Blumenau/FURB) - carlos.cioce@gmail.com

Alfredo Zenem Domínguez González

(Universidade do Estado de Mato Grosso/ UNEMAT) - alfredozdg@unemat.br

GT 6: Educação Ambiental, Comunicação e Arte

**Relato de Experiência**

### **Resumo:**

Este relato de experiências objetiva apresentar ações desenvolvidas de um projeto de educação ambiental que visa criar capacidades para a gestão pública participativa dos resíduos sólidos urbanos nos municípios mato-grossenses de Araputanga e São José dos Quatro Marcos. Como procedimentos metodológicos utilizaram-se: pesquisa bibliográfica sobre o tema dos resíduos sólidos urbanos; criação de grupos focais para identificar as demandas dos catadores de materiais recicláveis; e desenvolvimento de ações de formação. Foram criados dois grupos focais: (i) membros de associações de catadores de materiais recicláveis e (ii) professores e alunos da educação básica, além de voluntários (denominados por cidadania). Como resultado, identificaram-se as principais necessidades desses grupos em termos de ações de formação. Em relação ao grupo de catadores, do apoio da Incubadora de Organizações Coletivas Solidárias e Sustentáveis (IOCASS) da UNEMAT; formação, qualificação e educação em cooperativismo e associativismo; melhoria das condições de trabalho e; valorização do trabalho dos catadores. No caso do grupo da cidadania, fortalecer a educação ambiental comunitária para mudar condutas inadequadas da população quanto à separação dos resíduos, e a elaboração e implementação de projetos de educação ambiental que tratem sobre o gerenciamento dos resíduos sólidos nas escolas desses professores e estudantes.

**Palavras-chave:** Projeto. Formação. Coleta seletiva. Reciclagem.

### **1 Introdução**

O rápido crescimento populacional tem aumentado cada vez mais a demanda por matérias-primas provenientes da natureza (Schenkel, 2008). Como resultado, tem-se incrementado muito a geração dos resíduos sólidos, que impactam negativamente o meio físico, a biota e a paisagem (Mucelin; Bellini, 2008). Para Cavalcante et al. (2014),

Realização



na produção em grande escala de resíduos influencia, também, o surgimento de novas tecnologias capazes de produzir novos produtos e bens de consumo, no contexto da mudança de hábitos consumistas por parte da população.

Dentre os problemas estruturais do manejo dos resíduos sólidos estão os de tipo técnico (uso de veículos de recolocação inapropriados; falta de tratamento dos resíduos; e inadequada disposição final deles), até problemas operativos, financeiros, institucionais, legais e socioculturais. Estes últimos se manifestam na falta de informação ambiental para adotar condutas sanitárias apropriadas em relação com a seleção e armazenamento dos resíduos sólidos nos domicílios e centros de produção e serviços, o que leva à sua disposição em locais inadequados (Vieira, 2002).

No Brasil, segundo Abrelpe (2022) a geração de resíduo sólidos urbanos em 2021 foi de 381kg/hab./ano, enquanto a coleta apenas atingiu 354 kg/hab./ano. Paralelamente, 39,0% do volume total de resíduos gerados no país ainda apresentavam uma disposição final inadequada (na região Centro-Oeste, essa percentagem era de 57,2%). Neste sentido, mesmo que os programas municipais de coleta seletiva de materiais recicláveis constituem uma alternativa viável para gerenciar adequadamente os resíduos sólidos urbanos (Berticelli et al., 2020), é preciso fortalecer a gestão dos resíduos com base na coleta seletiva, separação, reuso e/ou reciclagem de materiais, a qual é realizada pelas associações e cooperativas. Isto porque grande parte dos resíduos são potencialmente recicláveis para serem reinseridos na cadeia produtiva e, dessa maneira, favorecer a conservação dos recursos naturais.

As associações e cooperativas permitem a inclusão social de catadores e catadoras de materiais recicláveis que estão desempregados e expostos à vulnerabilidade social por diversas causas: falta de espaço no mercado formal de trabalho, baixo grau de escolaridade ou a sua idade (Stangherlin; Zarelli; Silva, 2020). Para eles, a coleta seletiva permite a sua inserção em organizações de catadores de materiais recicláveis, onde há melhores condições de estocagem e comercialização, além de benefícios sociais (Amaral; Lopez, 2016).

Entretanto, a formação de capacidades através de programas e projetos de Educação Ambiental pode favorecer o envolvimento da população com a coleta seletiva, a partir de mudanças de atitudes, pois Educação Ambiental é um instrumento de sensibilização e conscientização coletivas, com grande potencial e contribuir para

uma participação mais ativa da população em relação à destinação final dos resíduos (Silva; Lopes; Dantas, 2013). De acordo com Baeder e Pontuschka (2015), a Educação Ambiental tem sido imprescindível, tanto para a criação de associações e cooperativas de catadores e o fortalecimento dessas organizações, como para o envolvimento da população na coleta seletiva e a cadeia da reciclagem em geral.

A problemática dos resíduos sólidos exige adequar os aspectos formais e/ou não-formais de Educação Ambiental visando mudanças de hábitos individuais e coletivos neste público-alvo. Por isso, o presente relato de experiências objetiva apresentar as ações desenvolvidas em matéria de Educação Ambiental visando fortalecer as capacidades para a gestão pública participativa dos resíduos sólidos urbanos nos municípios mato-grossenses de Araputanga e São José dos Quatro Marcos, os quais fazem parte do Consórcio Nascentes do Pantanal.

## **2 Procedimentos metodológicos**

O presente trabalho faz parte de um projeto de extensão em andamento nos municípios mato-grossenses de Araputanga e São José dos Quatro Marcos. Segundo o último censo do IBGE (2022), a população neles é de 14.786 e 17.849 pessoas, respectivamente. O público-alvo das ações são os membros de associações e cooperativas de materiais recicláveis, e as comunidades urbanas e rurais desses municípios. Para atingir o objetivo proposto nesta pesquisa-ação, a mesma foi dividida em etapas, sendo elas:

Etapa I: Levantamento bibliográfico sobre o tema dos resíduos sólidos urbanos, utilizando fontes diversas e fazendo a busca por títulos e palavras-chave (como: geração e coleta; destinação final; coleta seletiva; associações; cooperativas de reciclagem; e Educação Ambiental).

Etapa II: Realização de reuniões, desde o ano de 2019, no Conselho de Meio Ambiente do município de Araputanga e a Secretaria de Meio Ambiente de São José dos Quatro Marcos, objetivando desenhar ações que poderiam contribuir para melhorar a gestão pública participativa dos resíduos sólidos. Dessas reuniões surgiu a ideia de elaborar um projeto de extensão visando fortalecer as capacidades para a gestão pública participativa dos resíduos sólidos com base na Educação Ambiental, o qual seria implementado mediante parcerias com os municípios supracitados.

O projeto elaborado objetiva desenvolver ações orientadas a: (1) aperfeiçoar o processo de inclusão social dos catadores e catadoras sob os princípios do cooperativismo e da economia solidária; (2) fortalecer a Educação Ambiental comunitária nos municípios envolvidos; (3) melhorar a qualidade de vida do público-alvo; e (4) contribuir para a sustentabilidade ambiental.

Para cumprimentar o primeiro desses objetivos optou-se pelo trabalho com Grupos focais, ou seja, reunir pequenos grupos para identificar e avaliar problemas e/ou aspectos relacionados com a gestão dos resíduos sólidos municipais. De acordo com Morgan (1997) o Grupo focal é uma técnica de pesquisa que permite a coleta dados através de interações grupais durante a discussão de um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Para Backes, et al. (2011, p. 438) é uma “...entrevista em grupo [onde a] interação configura-se como parte integrante do método [permitindo aos] participantes explorarem seus pontos de vista, a partir de reflexões....”.

Nos grupos focais, o moderador é o facilitador das discussões, centrando a atenção “...nos processos psicossociais que emergem, ou seja, no jogo de interinfluências da formação de opiniões sobre um determinado tema” (Gondim, 2003). Assim, nesta técnica são apresentadas questões norteadoras que possam estimular o debate entre os participantes, sem a necessidade de chegar a um consenso.

Visando estruturar ou fortalecer espaços de diálogo e intercâmbio de experiências e conhecimentos, foram criados três grupos focais levando em conta o seguinte: que cada participante tivesse potencialidade para contribuir na discussão do tema; que cada um deles se sentisse confortável para discutir o assunto. Os grupos focais criados são: **GF 1- Cooperativistas** (integrado por membros da Associação Ambiental de Catadores "Reciclar", do município de Araputanga, e da Associação de Catadores de Reciclagem de São José dos Quatro Marcos); e **GF 2- Cidadania** (integrado por alunos e professores da Educação Básica, bem como voluntários das zonas urbana e rural de Araputanga).

Etapa III: Avaliação do significado das ações educativas na qualidade de vida do público-alvo (alguns resultados desta avaliação, que será feita na fase final do projeto, são apresentados neste trabalho).



### 3 Resultados

Os resultados que se mostram a seguir são parciais, e correspondem aos dois primeiros objetivos do projeto supracitado.

**O GF 1- Cooperativistas** é formado por 58 associados sendo que, na composição por gênero, predominam aqueles do sexo feminino (65,9% do total) sobre o masculino (34,1%), sendo a idade média de 37 anos. Quanto ao grau de escolaridade destes associados, a maioria possui, apenas, Ensino Fundamental incompleto.

A primeira etapa da ação de formação foi realizada no espaço da Escola Municipal Rodolfo Trechaud Curvo (Figura 01) com o uso de data show para apresentação do projeto; a segunda etapa ocorreu na Associação de Catadores de Reciclagem de São José dos Quatro Marcos. Nos dois casos ocorreu intercâmbio de experiências, e foram realizadas entrevistas aos catadores.

**Figura 01: Formação aos catadores de materiais recicláveis**



Fonte: Schiavinato (2023).

Nos encontros com este Grupo focal, as principais colocações surgidas a partir do diálogo com os catadores de matérias recicláveis, e sistematizadas no coletivo, estão vinculadas a dois aspectos: necessidades de apoio externo, e desempenho da profissão. Em relação ao primeiro, houve consenso na necessidade de criar uma comissão provisória visando receber orientação da Incubadora de Organizações Coletivas Solidárias e Sustentáveis (IOCASS) da UNEMAT. Essa comissão deverá realizar um diagnóstico - com base nas respostas aos questionários realizados com os catadores - da realidade dessas associações (no sentido de promover a organização da produção das entidades). Todavia, a Incubadora deverá apresentar um projeto de formação,

qualificação e educação em cooperativismo e associativismo, com base nos princípios da economia solidaria: cooperação, autogestão, solidariedade e ação econômica.

Outras preocupações foram: compreender o significado do cooperativismo; entender como ocorre o trabalho que se desenvolve em uma cooperativa e/ou associação; encontrar formas de inserir a população de forma ativa/participativa no processo de separação dos resíduos; e demanda pela valorização do trabalho do catador e catadora através de políticas públicas no contexto da logística reversa.

Também destaca-se a necessidade de melhorar as condições de trabalho vividas por eles no dia-a-dia mediante o atendimento às demandas de infraestrutura que ainda apresentam.

No tocante ao desempenho da profissão de catadores, eles enxergam a sua profissão do seguinte modo: sentem desvalorização tanto na questão salarial como no relacionado com o reconhecimento social. Sobre o como eles têm sido afetados pelo processo de inclusão/exclusão social vivenciado no seu trabalho, alguns dos participantes apontaram que preferem ser catadores individuais porque “não precisam de metas e agora, se há prejuízo, todo o mundo paga”.

Todo isto evidencia a necessidade de desenhar e implementar ações que poderiam fortalecer a valorização social de sua profissão, com por exemplo, políticas públicas de repasse de fundos para as associações (buscando garantir, ao menos, um salário mínimo mensal para cada associado); de criação de condições digna de trabalho.

O **GF 2- Cidadania** foi criado para atingir o segundo objetivo do projeto, sendo feitas parcerias com os municípios de Araputanga e São José dos Quatro Marcos. No primeiro caso, com a Escola Estadual “Nossa Senhora de Fátima”; a Escola Municipal Rodolfo Trechoud Curvo; Escola Particular “Padre José de Anchieta”; o Sindicato de Trabalhadores Rurais; a Associação de Produtores Rurais do Vale do Bugre-ASPRUVAB; e a Prefeitura Municipal. As ações de formação com este Grupo focal têm sido realizadas tanto nas escolas supracitadas, como na Comunidade Rural das Botas, pertencente ao município de Araputanga.

No caso das três escolas, o tipo de ação foi palestra, sendo uma em cada escola (Figura 02). As principais preocupações expressadas pelos seus alunos são: o que e como fazer para que a população da cidade seja inserida no processo de Educação Ambiental (ações que contribuam para o correto armazenamento e descarte de resíduos

sólidos, de forma que se consiga “acabar com o descarte de lixo em locais inadequados”).

**Figura 02: Palestras de formação com alunos: Escola Particular “Padre José de Anchieta” (esquerda) e Escola Municipal “Rodolfo Techaud” (direita)**



Fonte: Schiavinato (2023).

Salienta-se que os alunos manifestaram conhecer a importância da coleta seletiva dos resíduos sólidos. Entretanto, reconheceram que não participam desse processo nas suas residências. Resultados similares obtiveram Santos; Oliveira; Silva (2016) no estudo das práticas socioambientais e conhecimento dos alunos sobre resíduos sólidos.

As palestras com professores da rede de ensino municipal (Figura 03) objetivaram capacitá-los para atuarem como multiplicadores através de visitas técnicas ao Centro de Triagem. Como resultado, ficou acordado que os professores elaborem e implementem projetos de Educação Ambiental nas escolas onde trabalham sobre o tema do gerenciamento dos resíduos sólidos.

**Figura 03: Professores da rede de ensino municipal conhecendo o trabalho dos catadores**



Fonte: Schiavinato (2023).

No caso dos tipos de ações realizadas na Comunidade das Botas, a primeira foi uma visita *in loco* para identificar o como os moradores realizavam o manejo dos resíduos sólidos, ou seja, conhecer os locais utilizados para fazer o descarte de seus resíduos. Nessa visita foi constatado que isso acontecia em áreas de nascentes degradadas e em voçorocas (Figura 04).

**Figura 04: Área de disposição final dos resíduos sólidos na Comunidade das Botas**



**Fonte: Schiavinato (2023).**

Na sequência, com o apoio da Prefeitura Municipal, o Conselho Municipal de Meio Ambiente e o Comitê de Educação Ambiental, foram distribuídos panfletos - porta a porta -, com conteúdos relacionados ao tema da coleta seletiva e a reciclagem. Como resultado, essa panfletagem estimulou às famílias a separar os resíduos sólidos usando sacos de coleta fornecidos pela Prefeitura (a qual os coleta uma vez por semana); também com apoio da Prefeitura, foi feita a limpeza de quintais na comunidade.

No município de São José dos Quatro Marcos está previsto começar o trabalho pelos espaços escolares nos próximos meses.

#### **4 Considerações finais**

As experiências relatadas com este projeto evidenciam a importância de compreender o contexto e desafios do trabalho dos catadores e catadoras de materiais recicláveis para aperfeiçoar as políticas públicas orientadas ao gerenciamento integrado participativo dos resíduos sólidos. As ações de formação desenvolvidas em Araputanga-MT com dois grupos focais (cooperativistas e cidadania) permitiram identificar as suas principais necessidades e demandas. Para os primeiros, elas são: apoio da Incubadora de Organizações Coletivas Solidárias e Sustentáveis da UNEMT; formação, qualificação e educação em cooperativismo e associativismo; e valoração e melhora das suas

condições de trabalho. Para o grupo da cidadania, fortalecer a Educação Ambiental e implementar projetos de Educação Ambiental sobre o tema do gerenciamento dos resíduos sólidos nas escolas.

## 5 Referências

ABRELPE-Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais. **Panorama dos resíduos sólidos no Brasil 2022**. São Paulo -SP, 2022. Disponível em: [file:///C:/Users/Profissional/Downloads/Panorama\\_Abrelpe\\_2022.pdf](file:///C:/Users/Profissional/Downloads/Panorama_Abrelpe_2022.pdf) Acesso em: 19 mai. 2023.

AMARAL, C. P.; LOPEZ, A. R. A inserção dos catadores como empecilho para aquisição de metas no Plano de Gestão dos Resíduos Sólidos municipais. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 11, n. 4, p. 78-89, 2016.

BAEDER, A. M.; PONTUSCHKA, N. N. Educação Ambiental e Mobilização com catadores de materiais recicláveis: solução de problemas, resgate de autoestima e construção de autonomia. **ambientalMENTEsustentable**, ano X, vol. II, núm. 20, p. 1517-1550, 2015.

BACKES, D. S.; COLOMÉ, J. S.; ERDMANN, R. H.; LUNARDI, V. L. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O MUNDO DA SAÚDE**, 35(4): 438-442, São Paulo, 2011.

BERTICELLI, R.; DECESARO, A.; PANDOLFO, A.; PASQUALI, P. B. Contribuição da coleta seletiva para o desenvolvimento sustentável municipal. **Rev. Agro. Amb.**, v. 13, n. 2, p. 781-796, Maringá -PR, 2020.

CAVALCANTE, R. B.; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K. Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Inf. & Soc.: Estudos**, v. 24, n. 1, p. 13-18, João Pessoa-PB, 2014.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, 12(24), p. 149-161, Ribeirão Preto/SP, 2003.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2022**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/> Acesso em: 24 set. 2023.

MORGAN, D. Focus group as qualitative research. **Qualitative Research Methods Series**. 16. London: Sage Publications, 1997.

MUCELIN, C. A.; BELLINI. Lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano. **Revista Sociedade & Natureza**, 20(1): 111-124, Uberlândia – MG, 2008.

SANTOS, L. A.; OLIVEIRA, J. L. S.; SILVA, E. Práticas socioambientais e conhecimento dos alunos de São José de Espinharas – Paraíba sobre resíduos sólidos. In: EL-DEIR, A. G.; AGUIAR, W. J. de; PINHEIRO, S. M. G.(Orgs.). **Educação ambiental na gestão de resíduos sólidos**.1ª. edição. Recife: EDUFRPE, 2016, p. 172-180. Disponível em:

[https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/677/1/Educacao\\_Ambiental\\_2016.pdf](https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/677/1/Educacao_Ambiental_2016.pdf)

Acesso em: 12 jul. 2023.

STANGHERLIN, K.; ZARELLI, P. R.; SILVA, P. P. Análise dos indicadores sociais de catadores de materiais recicláveis como instrumento de apoio ao empreendedorismo social. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 15, n. 3, p. 143-162, 2020.

SILVA, C. O.; LOPES, J. P.; DANTAS, M. I. Coleta seletiva e reciclagem do lixo: Experiência de educação socioambiental em uma escola da rede estadual de ensino de Maceió, Alagoas. **Nature and Conservation, Aquidabã**, v. 6, n. 2, p. 26-42, 2013.

SCHENKEL, W. Elementos de uma Concepção de Gestão de Resíduos. In: STRAUCH, M.; ALBUQUERQUE, P. P. de. (Orgs.). **Resíduos: como lidar com recursos naturais**. São Leopoldo: Oikos, 2008.

VIEIRA, E. A. **A questão ambiental do resíduo/lixo em Ribeirão Preto (SP)**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual Paulista. Campus de Rio Claro. Rio Claro. 2002. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/0cec8f77-1dba-4a3c-8e55-5bcc85205262/content> Acesso em: 09 jul. 2023.



**A AGROECOLOGIA E A EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO NO  
PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO SOCIOECONÔMICA DE ALUNAS  
DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA – ASSOCIAÇÃO  
DE MULHERES EMPREENDEDORAS RURAIS  
DE JANGADA – AMERJA**

José Carlos Marinho da Silva  
zekamarinho@gmail.com

GT 6: Educação ambiental, Comunicação e Arte.  
**Relato de Experiência**

**Resumo:**

A busca pela soberania e independência econômica em um país capitalista como o Brasil, por muitos, se faz presente desde os primeiros anos de vida. A ausência do poder público, machismo e outros preconceitos ainda visíveis na sociedade, limitam a ação de mulheres a buscarem pelo seu sustento e/ou contribuir com a renda familiar. Comprometido em apoiar a causa da mulher na formação ao mundo do trabalho e a emancipação, tendo a agroecologia como principal ação integradora. Foi criado pela gestão da escola do/no campo Damião Mamedes do Nascimento, a associação de mulheres empreendedoras rurais de Jangada – MT (AMERJA) como forma de promover formação qualificatória e incentivar a produção e comercialização agroecológicas, como forma de emancipação feminina.

**Palavras-chave:** Agroecologia. Feminismo. Educação. Campo. Economia.

Contribuir para o desenvolvimento socioeconômico em um país, cuja esferas de desigualdades são elevadas, possibilita a atenção especial a políticas públicas que tenham como objetivo a garantia da promoção social. O machismo, homofobia, racismo e outros preconceitos, sejam eles de gênero, orientação sexual ou condição social do indivíduo, ainda são realidades em diversos países, exigindo das instituições de ensino, ações

metodológicas que visam a redução ou a extinção destes episódios. Promovendo uma melhoria na condição de vida da população. Nos últimos anos, o poder público brasileiro, criminalizou uma série de preconceitos e intolerâncias, cujo objetivo é acabar com a propagação do ódio e da violência em nossa sociedade. É dever das instituições de ensino garantir uma educação libertadora, condizente com as transformações do mundo do trabalho, os desafios observados em uma sociedade globalizada e uma formação comprometida com a realização do indivíduo e sua promoção social.

Condizente com esta perspectiva, a direção da Escola Estadual do/no campo Damião Mamedes do Nascimento, localizada na zona rural do município de Jangada – MT, idealizou a Associação de Mulheres Empreendedoras Rurais de Jangada - AMERJA. Seu objetivo consiste na orientação socioeconômica das alunas matriculadas em salas anexas da instituição, sendo atenção destinada a educação de jovens e adultos (EJA) e demais mulheres da comunidade, interessadas em desempenhar um papel empreendedor. Conquistando autonomia e protagonismo, diante da comercialização de produtos de origem agroecológicos, sendo eles hortifrúti, hortaliças e produção artesanal ou relacionada a pecuária, produzidos e seu espaço de vivência. Ferreira e Mattos (2017) enfatizam que ao tratarem as famílias como seres monolíticos, contribuímos para o desenvolvimento agroecológico incompleto e imperfeito. Os autores buscam aproximar o feminismo a agroecologia, como forma preponderante de garantir a soberania da mulher e promover independência financeira. É importante frisar que a agroecologia, mantém-se em debate desde a década de 80 em decorrência do processo de modernização do campo, como forma de resistência aos movimentos que resultam em concentração fundiária, a exclusão do campo, pobreza e precarização das relações de trabalho. Para Ferreira e Mattos (2017) é importante esclarecer, que a agroecologia, além de ciência, é um movimento social.

Sabemos que a agroecologia enquanto movimento social e agente transformador, possibilita uma conscientização socioambiental, visando o desenvolvimento sustentável e melhorias nas condições de vida. Além de se tornar, aliada na busca por melhorias das condições produtivas, bem como, no bem-estar da sociedade e aquisição de capital. É importante frisar, como afirmado pelos autores, que a agroecologia desempenha um papel fundamental e preponderante nas ações voltadas a soberania alimentar, sendo eficiente no regresso da fome e promovendo geração de renda. Seu modelo, não deve se



restringir a condição produtiva em agricultura familiar, uso de tecnologias menos agressivas e sem grandes impactos ao meio ambiente. Para Ferreira e Matos (2017) a agroecologia deve se caracterizar, como uma forma de produção, que consiga romper com o modelo hegemônico de desenvolvimento rural, baseado no monocultivo e no latifúndio que formam uma base do capitalismo e contribui com a exclusão e concentração fundiária no campo.

Caldart (2003) afirma que a educação do campo, precisa ter identidade e estar em sintonia com as atividades desenvolvidas na comunidade a qual ela está inserida, bem como, contribuir com a sua progressão e desenvolvimento. Garantindo desta forma, soberania, qualidade de vida e mobilidade social aos alunos e seus familiares. Na zona rural de Jangada – MT nos últimos anos, observa-se uma expansão considerável da agricultura moderna e uso indiscriminado do solo, destinado a práticas monocultoras e reduzindo o número de famílias no campo. De acordo com a gestão escolar (2016 – 2023) da escola Damião, além da redução do número de famílias, diminuem as práticas agrícolas e culturais destinadas a agricultura familiar, bem como a agroecologia na região. O êxodo rural e as dificuldades em se produzir diante do constante uso de defensivos, contribuem para a concentração fundiária na região, bem como a perda da identidade camponesa. Atividades relacionadas ao uso de ervas medicinais, benza e cura e ação das parteiras, acabam sendo atividades pouco vistas no campo, diante dos desafios de uma estrutura fundiária excludente, que não contribui ao acesso a propriedade, bem como as melhorias de produção.

A escola Damião atende em média, 300 alunos, matriculados na sede e em instituições anexas, funcionando em centros comunitários e/ou escola municipal desativada. A atenção das salas anexas, é atender alunos da modalidade de Jovens e adultos, que no decorrer da sua vida, não conseguiram ingressar em instituições de ensino ou não concluíram a formação básica. Sieber, Funari e Moraes (2019), resgatam o contexto histórico brasileiro, observado principalmente na primeira metade do século XX, mas que condiciona a uma realidade histórica do país. A dificuldade ao acesso à educação, o contexto demográfico brasileiro e a habitação predominante em zona rural, resultando em um elevado índice de analfabetos no campo, relacionando diretamente a criação da Educação de Jovens e Adultos e da expansão do processo de formação. Sabe-se que historicamente, mesmo com o predomínio de habitantes em zona rural, o contexto

e promoção educação nestes ambientes, foram escassos. Exigindo deslocamentos por longas distâncias, ate a zona urbana, ou sem perspectiva educacional.

A responsável pela secretaria municipal de educação do município, em entrevista, reconhece as dificuldades no processo de alfabetização, observados em Jangada - MT, mas valoriza as constantes conquistas e desdobramentos já feitos ao longo da história. De acordo com a entrevistada, que já foi assessora da Secretaria Estadual de Educação - SEDUC em Jangada, nos últimos anos, grande parte da população rural foi alfabetizada, porém como grande parte dos habitantes não trocaram seus documentos e muitos não conseguiram concluir a formação, para obter o certificado de conclusão do ensino fundamental/médio, o retrato educacional, ainda é desconhecido. Fato este, que impede o reconhecimento por parte do poder público municipal, do exato número de habitantes analfabetos. A responsável objetiva, em ação coletiva dos órgãos educacionais e a prefeitura do município, a promoção de um mutirão, afim de reverter esta situação.

Observa-se diante dos relatos que o campo da educação do campo, apresenta diversos desafios a serem superados, afim de possibilitar aos alunos e seus familiares, melhorias nas condições de vida. Cujo objetivo é garantir qualidade de vida e habitação em ambientes acessíveis e contribuintes que garantam oportunidades igualitárias. Em observações e diálogos, junto as alunas matriculadas na EJA, observou-se a ausência de motivação e diversas queijas, associadas a falta de recursos financeiros, com o propósito de aquisição de recursos básicos do cotidiano. Funari e Moraes (2019), em seu artigo, debatem sobre o matrimonio como fator limitante a educação. De acordo com os relatos obtidos e debatidos no artigo, pelas autoras, fica evidente a desigualdade de gênero entre homens e mulheres em zona urbana e rural. Na zona rural a discrepância é ainda maior, resultando em menor índice de escolaridade, condicionado pela visão patriarcal e da soberania do homem em relação a mulher. Preconceito social, denominado de “machismo”.

O projeto Amerja, atende além das alunas do EJA, mulheres da comunidade, sejam elas familiares ou não de alunos matriculados na escola Damião. O projeto possui, inclusive, muitas alunas egressas da instituição. Para a aquisição de informações, foram realizadas visitas a instituição de ensino, entrevistas com a direção escolar e com as alunas integrantes da associação, bem como acompanhamento ao processo de produção e comercialização dos produtos. O processo desempenhado, caracteriza-se pelo apoio à

comercialização de produtos de origem familiar, como artesanatos, hortaliças, frutas, verduras e outros alimentos de origem animal, produzidos pelas alunas, resultando em assistência ao rendimento financeiro familiar. Idealizado pela direção escolar, a associação promove a oferta de cursos de aperfeiçoamento da produção, controle de custo e comércio em parceria com o Senar, Empaer e Senai. As instituições parceiras promovem, geralmente aos sábados, encontros e cursos na escola Damião, onde são realizados oficinas e atividades práticas, destinadas a produção de hortaliças, fruticultura e panificação. Os encontros são realizados toda semana, e a comercialização dos produtos a cada 15 dias ou de acordo com a produção realizada.

As alunas relatam o bem-estar em participar das atividades desenvolvidas pela escola. Em relato com a diretora da escola, idealizadora e presente em todas as atividades, ressaltou-se que antes do projeto, parte das alunas relatavam nas aulas, relacionamentos abusivos, comportamentos depressivos e baixa autoestima no ambiente familiar. Em diálogos realizados de forma mais íntima com as alunas é possível observar uma mudança de comportamento, autoestima e empoderamento, explícito nos relatos de emancipação econômica, possibilitando aquisição de bens de consumo e auxiliando na renda familiar. Silipandi (2009) ressalta em sua tese sobre mulheres e agroecologia no contexto da agricultura familiar, a importância do apoio de entidades estatais no processo de emancipação feminina, bem como a importância do papel da mulher enquanto agente transformador do seu espaço e da sua realidade. A autora, através de pesquisas e levantamentos, constatou que conforme outros autores já citaram no texto, existe um ambiente patriarcal e machista, porém diante de atividades de cunho formativo e da busca das mulheres em ocupar o seu espaço na sociedade, a transformação é visível e os resultados favorecem a busca pelo processo emancipatório.

O projeto conta, com o apoio direto do poder público municipal, auxiliando na concessão do espaço destinado para eventos comerciais, localizada na zona rural do município de Jangada -MT, em parceria com a Empaer e o governo do estado. Sendo destinado tendas para a realização do evento na comunidade de Ribeirão Acima. O projeto ainda é recente, passará por melhorias nas sua estrutura e organização. Possui dificuldades financeira na aquisição de recursos para os cursos de capacitação e já teve desistência em decorrência de ajuste de tempo e prioridades familiares. A associação visa em caso de expansão, a formação de uma cooperativa em busca de subsídios financeiros,

ampliação do número de participantes e maior recorrência da comercialização dos produtos. Observa-se diante dos relatos e da experiência vivenciada no acompanhamento e depoimento realizado pelas alunas e direção escolar, a satisfação em contribuir com a renda mensal familiar, comercializando produtos de origem natural, sendo produzidos e selecionadas pelas próprias mulheres.

A gestão escolar, expõe a importância e o papel da educação do campo em proporcionar, além do conhecimento proposto pela formação geral básica, saberes que possam garantir inclusão dos invisíveis da sociedade e mobilidade social, a fim de quebrar paradigmas e preconceitos. Em avaliação aos primeiros resultados observados, a gestão considera o projeto como uma ação social, satisfatória. Aos objetivos da educação, em garantir as alunas do EJA, formação básica, atendendo os componentes curriculares da formação geral, bem como bem-estar e melhorias de vida. O projeto foi idealizado em 2023 e está somente no seu primeiro ano de prática. Ainda existem muitos desafios e aprendizado pelo caminho, porém, sabe-se que, a força de trabalho e vontade das participantes e da gestão escolar, são peças fundamentais na continuidade do projeto.

### **Referências:**

FERREIRA, Ana Paula Lopes; MATTOS, Luis Cláudio. Convergências e divergências entre feminismo e agroecologia. **Ciência e Cultura**, v. 69, n. 2, p. 38-43, 2017.

SIEBER, Shana Sampaio; FUNARI, Juliana Nascimento; MORAES, Lorena Lima. “Se eu não tivesse casado, eu não tinha parado de estudar”: desafios para igualdade de gênero no acesso à educação de jovens e adultos do campo à cidade. # **Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, v. 8, n. 1, 2019.

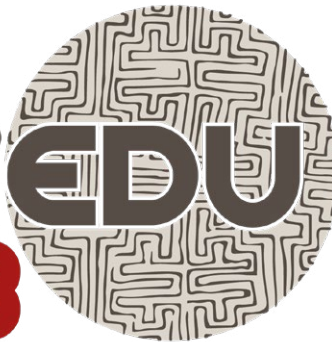
SILIPRANDI, Emma. Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. 2009.

CAMURÇA, Andréa Machado. Mulheres e agroecologia: possibilidades para sustentabilidade local da Comunidade Bom Jesus, Assentamento Maceió, Itapipoca-Ce. 2013.

CALDART, Roseli Salete. A escola do campo em movimento. **Currículo sem fronteiras**, v. 3, n. 1, p. 60-81, 2003.



**semiEDU**  
**2023**



**GT6**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL,  
COMUNICAÇÃO E ARTE**

*RESUMOS DE POSTER*





## IMPORTÂNCIA DA SENSIBILIZAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA INTEGRAL CLEINIA ROSALINA USANDO A HORTA ESCOLAR COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO.

Leslye Evangelina da Fonseca Pinto  
SEDUC ([leslye\\_klin@hotmail.com](mailto:leslye_klin@hotmail.com))

Janete Santos Araújo  
SEDUC ([jqschocolate40@gmail.com](mailto:jqschocolate40@gmail.com))

Valdilene Chagas Barbosa  
SEDUC ([valdilenechagasbarbosa@outlook.com](mailto:valdilenechagasbarbosa@outlook.com))

GT 6: Educação Ambiental, Comunicação e Arte  
**Poster**

### **Resumo:**

A presente pesquisa relata os resultados de um projeto da disciplina eletiva, desenvolvido por grupo de professoras, tendo como universo de pesquisa a produção de vasos com mudas de diversas plantas e implantação de um espaço com horta na escola estadual Cleinia Rosalina de Souza, situada no município de Cuiabá-MT. O objetivo geral da pesquisa foi sensibilizar a comunidade escolar quanto a importância da produção de uma horta realizada como forma de auxiliar o conhecimento focado no meio ambiente, relacionado às questões de conscientização, práticas de alimentação saudáveis, responsabilidade e empreendedorismo. Se tornando assim, uma ferramenta para ajudar e contribuir nas atividades integradoras dos componentes curriculares dos estudantes.

**Palavras-chave:** Horta escolar. Educação ambiental. Sensibilização. Alimentação saudável.



## EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA: CATADORAS/ES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS COMO SUJEITOS DA COLETA SELETIVA NO ÂMBITO DO CONSÓRCIO COMPLEXO NASCENTES DO PANTANAL

Welliton Santana Silva

(PPGEDU/UNEMAT) – welliton.silva@unemat.br

Douglas Alexandre de Campos Castrillon Junior

(SECITECI) – douglasalexandre@secitec.mt.gov.br

Sandro Benedito Sguarezi

(PPGEDU/UNEMAT) – sandrosguarezi@unemat.br

GT 6: Educação Ambiental, Comunicação e Arte

**Poster**

### **Resumo:**

Esta pesquisa está em fase preliminar e tem como objetivo abordar a temática da Educação Ambiental Crítica tendo as Catadoras/es de Materiais Recicláveis como sujeitos da coleta seletiva no âmbito do Consórcio Complexo Nascentes do Pantanal (CCNP) que engloba cerca de quatro associações de Catadoras/es que atendem sete municípios da região sudoeste do Estado de Mato Grosso. Para realização desta pesquisa, será adotada como metodologia: a pesquisa bibliográfica, bibliométrica, documental e de campo, ao qual utilizaremos da análise de conteúdo para sistematização e descrição dos itens textuais. Espera-se que nessas associações o pensamento/desenvolvimento socioambiental demonstre avanços devido ao Educação Ambiental Freiriana; que o processo de Educação Ambiental da coleta seletiva seja adquirido de maneira formal com a realização de palestras, cursos de qualificação profissional e de maneira não-formal através do compartilhamento de conhecimentos de Catador para Catador; e subsídio para que esses empreendimentos desenvolva uma tecnologia social, através de produto audiovisual, que deverá ser realizada com a participação das Catadoras/es visando a significação, como os processos da coletiva seletiva.

**Palavras-chaves:** Educação Ambiental Crítica. Catador. Associações.



## EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PROGRAMA CÁCERES RECICLA: BREVES CONSIDERAÇÕES

Erika Patrícia Lacerda Dias Souza (UNEMAT)

erika.patricia@unemat.br

Sandro Benedito Sguarezi (UNEMAT)

sandrosquarezi@unemat.br

Silvano Carmo de Souza (IFMT)

silvano.souza@ifmt.edu.br

GT 6: Educação Ambiental, Comunicação e Arte

**Poster**

### **Resumo:**

A Educação Ambiental é o campo da Educação que historicamente convencionou-se denominar às ações educativas que pretendem refletir e problematizar as questões ambientais, notadamente compreendendo as possibilidades de superação dos processos de degradação ambiental e de injustiças sociais. Diante disso, o presente Projeto de Pesquisa tem por objetivo analisar com base na pedagogia crítica freiriana os programas, projetos e ações de Educação Ambiental, no âmbito do Programa Cáceres Recicla (Lei 2.367/2013) desenvolvidos no município. Trata-se de uma pesquisa de Educação Ambiental, com abordagem qualitativa fundamentalmente comprometida com o pensamento freiriano, as técnicas de coletas de dados irão dialogar com os fundamentos da Educação Ambiental Crítica e Transformadora. Espera-se que ao final da execução desse projeto possamos ter problematizado o Programa Cáceres Recicla e a importância da Educação Ambiental para sua implementação, especialmente valorizando a participação de catadoras/es nesse processo.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Programa Cáceres Recicla. Catadoras/es.



# semiEDU 2023

## Organização



## Apoio

